

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

NATÁLIA FERREIRA

A indisciplina na sala de aula: Um estudo de caso

Bauru
2013

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

NATÁLIA FERREIRA

A indisciplina na sala de aula: Um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Biscalquini Talamoni.

**Bauru
2013**

Ferreira, Natália.

A indisciplina na sala de aula: Um estudo
de caso / Natália Ferreira, 2013

107 f.

Orientador: Ana Carolina Biscalquini
Talamoni

Monografia (Graduação)- Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências, Bauru, 2013

1. Educação. 2. Indisciplina. 3.
Ensino Fundamental. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

NATÁLIA FERREIRA

A indisciplina na sala de aula: Um estudo de caso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Biscalquini Talamoni.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Biscalquini Talamoni – orientadora
Pós-doutoranda na Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.^a Dr.^a Rita Melissa Lepre
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.^a Dr.^a Maria José da Silva Fernandes
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Bauru

2013

Dedico este trabalho à minha família, amigos e entes queridos.

Agradecimento:

Agradeço de todo meu coração à Deus que me deu força e sabedoria para cumprir com minhas obrigações, à minha família que eu tanto amo e que me deu apoio durante minha graduação, à minhas amigas de sala que se fizeram presentes sempre que possível me ajudando quando necessário e dividindo os problemas encontrados pelo caminho, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Biscalquini Talamoni que foi minha guia nesse desbravamento do saber, ao Prof. Dr. Márcio Celeste Filho e a Prof.^a Dr.^a Thaís Cristina Rodrigues Tezani que me deram a base fundamental para a conclusão deste trabalho e aos professores presentes na banca que são peças essenciais nessa tão sonhada conquista. Agradeço também a todos os participantes e colaboradores dessa pesquisa, que auxiliaram direta e indiretamente no seu desenvolvimento.

"Eduquem-se as crianças e não será necessário castigar os homens" (PITÁGORAS, apud SOARES, 1983).

RESUMO

A indisciplina tem figurado como um dos maiores problemas e desafios da educação tanto no âmbito escolar quanto no acadêmico. Neste encaminhamento, esta pesquisa tem por objetivo observar e descrever comportamentos de indisciplina a partir do levantamento das concepções de professoras do terceiro ano do Ensino Fundamental acerca dos mesmos. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto às professoras de ensino regular, artes e educação física de uma escola estadual do município de Bauru e posteriormente, procedeu-se a observação dos alunos em sala de aula. Os dados coletados foram submetidos à uma análise qualitativa e constatou-se com este trabalho que as professoras relacionam indisciplina a alguns comportamentos pré-determinados e que os alunos, sobretudo aqueles apontados pelas professoras como sendo indisciplinados, na verdade apresentam comportamentos muito semelhantes entre si, e estes podem ser perfeitamente compreendidos em função da faixa etária, nível de desenvolvimento psicológico, afetivo e emocional.

Palavras-Chave: Educação. Indisciplina. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Indiscipline has figured as one of the biggest problems and challenges of education both in schools and in academia. In this routing, this research aims to observe and describe disruptive behaviors from a survey of teachers' conceptions of the third year of elementary school about them. To this end, semi-structured interviews were held with the teachers of regular education, arts and physical education in a state school in Bauru and later proceeded to the observation of students in the classroom. The collected data were subjected to a qualitative analysis and found out this work that teachers relate indiscipline to some pre-determined behaviors and students, especially those appointed by the teachers as being undisciplined, actually have very similar behavior among themselves, and these can be completely understood in terms of age, level of psychological, affective and emotional development.

Keywords: Education. Indiscipline. Elementary Education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1. Objetivos gerais.....	12
1.2. Objetivos específicos.....	13
2. Um pouco sobre indisciplina.....	14
2.1. Possíveis causas da indisciplina.....	17
2.2. Diferentes perspectivas sobre a indisciplina no âmbito escolar.....	20
2.3. Compreendendo o desenvolvimento da criança por volta de 8 anos.....	22
2.4. Disciplina, moralidade e o trabalho em sala de aula.....	26
3. Metodologia de pesquisa.....	31
3.1. Procedimento de coleta de dados.....	32
4. Resultados.....	34
4.1. Entrevistas.....	34
4.2. Observações.....	37
5. Discussão dos resultados.....	43
6. Considerações finais.....	48
Referências.....	50
Apêndices.....	52

1. INTRODUÇÃO

Hoje em dia, quem, de alguma forma, tem contato com a escola sabe que a indisciplina é uma das maiores preocupações desse meio e que esta gera muitas dificuldades no contexto escolar (AQUINO, 1997; TREVISOL, 2007). Nos últimos trinta anos, foram desenvolvidas muitas produções acadêmicas sobre indisciplina (AQUINO, 1996; GARCIA 1999 e 2009; TREVISOL, 2007; OLIVEIRA, 2004; GROSS, 2009) e pode-se notar através desses trabalhos, que há uma grande “pluralidade de abordagens disciplinares”, assim como, existem diversas interpretações em relação ao fenômeno da indisciplina (ESTRELA apud SANTOS; MENDES & HADDAD, 2011, p. 4). Muito se discute a respeito do tema, mas pouco se sabe de fato sobre ele.

Segundo Ferreira (1999, p. 1102), assim como para muitas pessoas, indisciplina é o ato contrário à obediência, ato este que causa desordem e rebelião, mas, por outro lado, pode ser considerado um desafio à tirania e a opressão (AQUINO, 1997; TREVISOL, 2007).

São inúmeros os casos de indisciplina na escola, onde cada caso é um caso e cada um destes tem seu motivo específico de acontecer. Independentemente das especificidades do problema relacionado à indisciplina, esta questão deve tentar ser resolvida de forma integrada, ou seja, entre o aluno, os pais desse aluno, a escola e as esferas públicas, pois, muitas vezes a raiz do problema não parte única e exclusivamente do aluno e sim de outros fatores ou pessoas que estão interligados a ele.

É indiscutível a relevância desse assunto e a importância de discuti-lo e mapeá-lo, pois, a indisciplina está constantemente presente no cotidiano da escola e pode ser um fator alternante do planejamento escolar. Além disso, “a indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, está “evoluindo nas escolas” (GARCIA, 1999, p. 103). Este problema atinge diretamente o aluno, o docente e a escola como um todo e acaba prejudicando o andamento das atividades. A partir do momento que se tem conhecimento das causas da indisciplina e se discrimina o que realmente é um comportamento indisciplinado, pode-se encontrar e estabelecer soluções para o problema, tornando o trabalho escolar mais produtivo.

Pretende-se com esta pesquisa identificar os comportamentos considerados como indisciplinados a partir das falas das professoras e da observação em sala de aula, de alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, buscando estabelecer relações entre essas atitudes e a dinâmica escolar dos alunos.

Em posse dessas informações, acredita-se que seja possível colaborar com professores, pais e quaisquer outros sujeitos envolvidos com o contexto da indisciplina, ajudando-os no sentido de entender como o problema acontece e quais sinais característicos de comportamento ele apresenta. Para que assim, todos aqueles que de alguma forma são atingidos pela indisciplina, possam compreendê-la sob uma lógica plural, lidando melhor com a situação. Além disso, “a pesquisa educacional ao focalizar o estudo da indisciplina escolar, pode potencializar o trabalho docente e contribuir para a reinvenção das práticas pedagógicas na escola” (SANTOS, MENDES & HADDAD, 2011, p. 9).

Frente a isso, optou-se por pesquisar este tema e tentar desvelar alguns aspectos obscuros dessa problemática. Sendo assim, este trabalho está dividido em 6 capítulos, sendo eles: Introdução, na qual estão presentes também os objetivos, depois no segundo capítulo localiza-se a fundamentação teórica, a qual abrange um breve histórico sobre indisciplina, alguns conceitos, possíveis causas para o problema, diferentes pontos de vista presentes na escola, desenvolvimento infantil e por fim uma relação entre moralidade e indisciplina. O terceiro capítulo resume-se à metodologia de pesquisa, em seguida, no capítulo quatro encontra-se a apresentação dos resultados divididos em entrevistas e observações, no capítulo posterior segue-se com a discussão desses resultados. O sexto e último capítulo se consiste nas considerações finais e por fim, apresentam-se os apêndices do trabalho.

Com base nisso, uma pesquisa de campo foi realizada e descrita aqui, podendo assim aferir, em comparação com a literatura, quais comportamentos são comuns aos alunos considerados indisciplinados e de que forma essa característica interfere na dinâmica escolar.

O que se estuda neste trabalho é apenas a ponta do iceberg, somente a parte que pode ser vista e sentida no meio educacional. Há muito mais aspectos para se pesquisar e conhecer. Espera-se que num futuro, talvez próximo, essas informações imersas e ocultas sejam reveladas e utilizadas como armas para senão combater, amenizar os problemas da indisciplina escolar.

1.1.OBJETIVOS GERAIS

Esta pesquisa tem como objetivo principal conhecer quais são as concepções das professoras entrevistadas sobre indisciplina. Além disso, observar e descrever os comportamentos dos alunos considerados indisciplinados por elas, constatando a relação dessas atitudes com as atividades em sala de aula.

1.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar as representações das professoras de uma classe de terceiro ano do Ensino Fundamental acerca da indisciplina;
- Observar e descrever a dinâmica de sala de aula da referida turma, bem como durante as atividades externas;
- Atentar para os comportamentos dos alunos considerados indisciplinados por seus professores, em relação ao comportamento dos demais;
- Estabelecer relações entre os comportamentos apontados pelos professores como sendo tipicamente indisciplinados e as contingências mais amplas de sala de aula e da própria organização escolar.

2. UM POUCO SOBRE INDISCIPLINA

O fenômeno da indisciplina é um tema bastante debatido e especulado, porém o que se fala sobre o assunto é revestido de preconceitos e conhecimentos de senso comum. Não cabe a indisciplina apenas uma definição, pois ela pode se manifestar de várias formas, como por exemplo: indisciplina do aluno, indisciplina do professor, da escola, da família e a indisciplina ligada ao descumprimento das regras (TREVISOL, 2007). Além disso, ainda dentro dessas áreas citadas, manifestam-se diversas categorias de indisciplina, ou seja, diferentes ações consideradas indisciplinadas.

As regras estão fortemente ligadas à disciplina, e elas se fazem necessárias, conforme afirma De La Taille (apud TREVISOL, 2007, p.3).

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

A indisciplina do aluno está ligada as atitudes do mesmo, como por exemplo, falar junto com o professor, responder com grosseria, desobedecer e bagunçar (OLIVEIRA, apud TREVISOL, 2007, p. 5). Porém, em contradição a esse argumento Trevisol (2007, p. 6) diz que:

Se a disciplina constitui normas impostas para que haja uma melhoria no ambiente escolar, a anulação ou esquiva do indivíduo da convivência e da manifestação de seu modo de pensar e se expressar nesse ambiente é também uma forma de reagir às normas ou regras, portanto é uma forma de indisciplina.

Em suma, Volker (apud TREVISOL, 2007, p. 6) define a falta de disciplina como um posicionamento contrário ao processo educativo, na qual o aluno não quer estar na escola, não respeita a escola e não tem postura para freqüentá-la. Porém, por outro lado, pode-se entender a indisciplina como um sinal de discordância, por parte do aluno, em relação às regras ou até mesmo ao contexto escolar.

Outro tipo de indisciplina é a do professor, que se baseia na sua desmotivação e na falta de planejamento e expectativa do seu trabalho. Essa atitude descomprometida do docente reflete uma postura indisciplinada por parte dele e esta acaba afetando também os alunos. Com esse comportamento o professor interrompe a construção do conhecimento e de sujeitos mais autônomos, pois “o ato pedagógico é o momento de emergir das falas, do movimento, da

rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos” (PASSOS, 1996, p. 118).

Mais um direcionamento desse fenômeno, é a indisciplina da escola, que é decorrente do descontentamento dos alunos em relação às regras da escola e a não compreensão dessas regras. É fundamental que os alunos não recebam as regras já prontas e sim que eles participem da confecção delas. Pois, a partir do momento que os educandos ajudam a construir as regras, eles se tornam e se percebem parte de um grupo, ao mesmo tempo em que se transformam em seres autônomos. Além disso, as regras ajudam na prevenção e na conscientização da indisciplina, que é mais eficaz do que a intervenção, pois, a partir do momento que se previne e se conscientiza, posteriormente não será necessário intervir.

Se a escola cobra dos alunos o cumprimento das regras, o respeito e o bom desempenho, a mesma precisa oferecer subsídios para essas práticas. Porém, muitas vezes a escola acaba, ela própria, reproduzindo a violência em seu interior, dando mau exemplo aos alunos e se sabotando no sentido do combate à indisciplina. Silva, Andrade & Santos (2009-2010, p. 255) complementam, dizendo que:

[...] em um espaço que seria apenas para a educação e para a aprendizagem dos alunos, estão presentes também situações de violência que tendem a deteriorar esse processo de grande relevância para o desenvolvimento social e intelectual do alunado; assim, a unidade de ensino também deve ter o cuidado para não reproduzir essa violência por meio de ações e atitudes dos seus atores, a exemplo de castigos, exclusões, punições inadequados.

A indisciplina da família é outro tipo de manifestação. Neste caso, isso acontece porque os pais são permissivos demais e essa permissividade exacerbada dada a criança quando ainda é pequena, dificulta a retirada dessas concessões mais tarde.

Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, podem ser considerados como indisciplinados. Os pais são os principais educadores. Às vezes, ficam meio confusos frente à atitude dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo com medo que o filho venha a sofrer algum trauma. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros (TREVISOL, 2007, p. 8).

Os papéis da escola e da família no processo educativo são muito diferentes. A função primordial da família é passar valores morais às crianças. Enquanto à escola, cabe a função de sistematizar o saber histórico, social e moral.

Já em relação ao descumprimento das normas, Piaget (1977) diz que "toda moral é um sistema de regras e a essência de toda moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras". A criança sofre um processo de socialização desde o nascimento até a incorporação das regras da sociedade. Em consonância com este argumento, Trevisol (2007, p. 9) afirma que:

É através do processo de socialização que a criança começa a integrar-se ao mundo social, incorporá-lo em sua mente. Um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças diferenciem o que é considerado correto e o que se julga incorreto em seu meio, ou seja, que elas construam conhecimentos sobre os valores morais que regem sua sociedade e se comportem de acordo com eles. Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança.

Segundo Piaget (1977), existem vários tipos de moral e de relações sociais. Porém, as duas principais formas consideradas por ele é a moral heterônoma e moral autônoma. A moral heterônoma diz respeito à obediência da criança em relação às regras, enquanto a autônoma baseia-se na igualdade, pois a criança entende que a relação com as outras pessoas é necessária para a construção da autonomia. Este é um processo de transição, onde a moral heterônoma se transforma em autônoma, através da cooperação.

As crianças relacionam sentimento ao cumprimento das regras, como já dizia Piaget (1977), "o respeito é um sentimento em que temor e amor se conjugam". Esse estágio em que as crianças obedecem às regras impostas por pessoas que elas respeitam sem questioná-las, o próprio autor intitula de "moral do dever". Jean Piaget (1977), ainda difere desta o "respeito recíproco", que nada mais é do que ser capaz de se colocar no ponto de vista do outro. A partir do respeito recíproco, ele desenvolve a idéia das "leis da reciprocidade", ou seja, uma lei só é satisfatória quando obedece à reciprocidade. Por isso, para que a criança saiba se a lei é boa ou não ela precisa pensar se faz bem para o outro, se é recíproco para todos.

2.1. POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA

Assim como não há apenas uma definição para indisciplina, da mesma forma, não existe uma única causa para o problema. O que há é uma combinação complexa de causas e um perfil pouco compreendido. Vale ressaltar, que é nítida a diferença entre professor e aluno, no que diz respeito à perspectiva sobre a indisciplina. Enquanto os docentes atribuem causas à indisciplina, os alunos dão sentidos à ela, relacionando a indisciplina com as falhas da prática pedagógica (GOLBA, 2008).

Em uma visão geral, Gross (2009) classifica algumas causas da indisciplina na escola, dentre elas estão: resistência imatura, desqualificação do trabalho docente, infantilidade social, reflexo de convivência com informação sem função e reflexo de uma família desestruturada. Porém, no ponto de vista de Trevisol (2007), essas causas podem ser classificadas em dois grandes grupos: causas que são externas à escola e causas internas. Entre as externas estão as influências dos meios de comunicação, da violência social e do ambiente escolar. Já entre as causas internas destacam-se o próprio ambiente escolar e as condições do processo de ensino-aprendizagem, além do relacionamento humano, do perfil dos alunos e da aptidão de se enquadrar às normas escolares.

Outro aspecto relevante é a relação professor-aluno, onde a intervenção disciplinar que o educador exerce, muitas vezes, gera ou intensifica ações indisciplinadas nos alunos. Sendo assim, o professor precisa estar preparado para situações de indisciplina e bem formado para saber identificar e lidar com elas.

[...] é importante também inserir nos currículos dos cursos de formação docente disciplinas que deem respaldo científico para que docentes e educadores(as) intervenham competentemente em situações de indisciplina e violência escolar, já que tais profissionais são os maiores responsáveis pela condução do trabalho escolar e vivem em primeira instância tais situações, muitas vezes sem nenhum preparo e formação adequada (o que os leva a tomarem decisões baseados no senso comum e em modelos não eficazes). (SILVA; ANDRADE & SANTOS, 2009-2010, p. 256)

Dentre as possíveis motivações da indisciplina, Aquino (1997) indica algumas causas baseadas no senso comum, na qual denomina de “hipóteses explicativas”, porém ele vai além dos clichês que dão nome as hipóteses e apresenta explicações palpáveis para o problema. As três hipóteses dizem respeito, respectivamente, “a visão romanceada da educação de antigamente, a moralização deficitária por parte dos pais, além da idéia do conhecimento escolar como algo ultrapassado e desestimulante” (AQUINO, 1997, p. 15).

Para o autor, é um absurdo o funcionamento de uma escola hoje em dia ser próximo do cotidiano escolar do século passado. “A punição, a represália, a submissão e o medo ainda parecem habitar silenciosamente as salas de aula” (AQUINO, 1997, p. 7). Talvez a indisciplina na escola esteja nos mostrando que se trata de uma aversão a esse molde disciplinar. Está também indicando uma necessidade genuína de mudanças dentro das relações escolares, inclusive na relação professor-aluno. Como afirmação, Vasconcellos (apud SANTOS, MENDES & HADDAD, 2001, p.4) diz que na escola de hoje em dia

[...] “tudo mudou” e deve existir, ao contrário da *educação de antigamente*, uma relação de respeito entre o aluno e o professor. Esse respeito deve ser conquistado pelo docente. Uma vez que, o perfil do aluno presente nas escolas de hoje não é o mesmo que o de “antigamente”, o professor espera que o aluno traga um “reconhecimento natural” para com ele, esse tempo historicamente já passou. Isso tem gerado uma preocupação nos docentes que mostram, muitas vezes, resistências a essa *nova postura*, o professor precisa exercer a sua autoridade na área intelectual, profissional, e ética, se comprometendo com o processo pedagógico na formação humana dos sujeitos.

Quando se fala em respeito entre professor e aluno, remete-se também à questão da autoridade docente que deve ser resgatada, pois segundo Simon (2008, p.7) a indisciplina pode ser

[...] uma tentativa de reinterpretar o poder e as condições de controle e influência dos professores, redefinindo uma imagem de força e fraqueza na escola. A indisciplina escolar expressaria a necessidade de outra legitimidade para a autoridade e poderia ser entendida como uma possibilidade de reinvenção da autoridade docente. Finalmente, a indisciplina possibilitaria uma revisão do vínculo entre professores e alunos, podendo ser uma força de transformação na relação entre eles e na maneira como ambos constroem e interpretam o vínculo de autoridade.

É habitual imaginar que uma criança que é “mal-educada” em casa, será indisciplinada na escola, porém isso muitas vezes não acontece, pois, os alunos que são indisciplinados com alguns professores podem não ser com outros, muito pelo contrário, até colaboram com eles. No entanto, alguns educadores, frente às dificuldades do cotidiano, colocam como primordial a moralização dos hábitos do aluno e, só posteriormente, iniciam o trabalho do pensamento.

Nesse sentido, a indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir de seu papel evidenciado concretamente na ação em sala de aula que eles podem ter clareza quanto ao seu próprio papel de aluno, complementar ao de professor. Afinal, as atitudes de nossos alunos são um pouco da imagem de nossas próprias atitudes. (AQUINO, 1997, p. 11)

Por este motivo, entende-se a indisciplina como “energia desperdiçada”, sem objetivos bem definidos. Em suma, a indisciplina do aluno pode ser interpretada como uma

espécie de medidor da relação do professor com seu aluno e com seu trabalho como um todo, bem como da relação do aluno com o processo de construção de conhecimento.

Da mesma forma que é fundamental deixar clara a diferença entre família e escola, assim também é em relação à escola e mídia. A mídia tem por objetivo a transmissão de informação, enquanto a escola tem como função a reapropriação do saber. Assim sendo,

[...] o professor não é um difusor de informações, e muito menos um animador de platéia, da mesma forma que o aluno não é um espectador ou ouvinte. Ele é um sujeito atuante, co-responsável pela cena educativa, parceiro imprescindível do contrato pedagógico (AQUINO, 1997, p. 12).

Muitos professores, pais e leigos no assunto da indisciplina, se apropriam dessas hipóteses, porém, elas não se sustentam totalmente. Isso se dá por três motivos. O primeiro motivo é que elas estão embasadas em evidências equivocadas. O segundo é que as hipóteses definem a indisciplina como um problema individual do aluno e anterior a ele. E a terceira se baseia no fato das três hipóteses explicativas não considerarem a sala de aula, a relação professor-aluno e as questões pedagógicas. Elas apontam razões para o problema, mas não indicam soluções para se recuperar a disciplina ou administrar a indisciplina.

As três hipóteses cometem um erro ao acreditarem que a disciplina é um pré-requisito para a ação pedagógica, quando na realidade, a disciplina é uma das conseqüências do trabalho diário em sala de aula. É comum as pessoas suporem que é preciso os alunos possuírem ações prévias de disciplina para que o docente possa iniciar seu trabalho. Porém, isso é um grande equívoco dos professores, pois, perde-se muito tempo tentando disciplinar os alunos ao invés de inseri-los no campo do conhecimento.

Aquino (1997, p. 16) define a temática e a razão pela qual ela acontece:

Indisciplina é um evento escolar que estaria sinalizando, a quem interessar, que algo, do ponto de vista pedagógico, e mais especificamente da sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos.

Ou seja, a indisciplina é um indício de que a ação do professor e seus resultados não estão acontecendo de forma adequada, isto é, com comprometimento, respeitando as individualidades do aluno, visando o processo pedagógico a fim de atingir a aprendizagem e formar o aluno como um todo. Por outro lado, também pode sinalizar que os alunos não estão empenhados participando como deveriam do processo pedagógico ou até mesmo estão se negando a participar.

2.2. DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR

Em meio às pesquisas teóricas realizadas para este trabalho, foi possível perceber que existem diversas perspectivas sobre indisciplina dentro do contexto escolar, ou seja, a percepção da indisciplina para o professor não é a mesma para o aluno, sendo assim, não se pode implicar apenas uma definição para o termo, pois, tudo depende do ponto de vista e da posição que o sujeito ocupa no ambiente da escola.

Oliveira (2004) pôde aferir em sua pesquisa com professores do Ensino Fundamental, que os docentes relacionam a indisciplina às questões comportamentais e a consideram meros episódios acidentais, além de refletirem diretamente seus sentimentos, crenças e opiniões sobre o fenômeno.

Já em relação aos professores de Educação Física, Brito (2007) faz uma investigação e conclui que

[...] para os docentes investigados, a indisciplina na Educação Física está relacionada com as atitudes dos alunos, que podem ser manifestadas por meio da displicência e da recusa (resistência) à atividade proposta, bem como da afronta ao professor. (BRITO, 2007, p. 116)

Porém, os docentes assumem que o esporte impõe um certo poder sobre a indisciplina, poder este aceito por todos já que ele rompe, de alguma forma, com o ambiente cotidiano da sala de aula e das práticas pedagógicas.

Os diretores também têm contato direto com a indisciplina na escola e frente à ela desenvolvem um papel de caráter social. Isso pode ser constatado no estudo feito por Correia (2007, p. 7), onde ele afirma que

[...] os resultados confirmam que o papel social do diretor da escola pública contemporânea diante do fenômeno da indisciplina escolar implica no exercício de diferentes e de múltiplas ações, desempenhando diferentes papéis sociais como juiz, investigador, delegado, conselheiro, avaliador, pedagogo e, especialmente, de mediador.

Outro personagem que atua no campo da escola e conseqüentemente da indisciplina escolar é o coordenador pedagógico. Assim como todos os outros personagens, ele também possui uma visão particular em relação ao problema. Em uma pesquisa realizada com coordenadores, eles apontaram

[...] a visão de indisciplina como resultado das dificuldades da criança ao lidar com os processos normativos da escola, elaboração inteligente de uma percepção de não funcionalidade da escola e comunicação de uma necessidade afetiva. (MENDES apud SANTOS, MENDES & HADDAD, 2011, p. 8)

Nota-se que as percepções da indisciplina presentes na escola são distintas entre si e isso acontece devido à diferença de papéis e funções exercidas no campo educacional. Indiscutivelmente, todos os sujeitos envolvidos têm sua importância, porém, o foco das atenções no caso da indisciplina escolar são os alunos. Estes também possuem um ponto de vista em relação ao problema e mais que isso, eles expressam desejos por meio das atitudes indisciplinadas. Algumas dessas inquietações foram investigadas (SILVA & NEVES, 2004; GOLBA, 2008; FRELLER, 2001) e traduzidas no trabalho de Garcia (2009).

Foi possível detectar diversas semelhanças entre as falas dos alunos pesquisados, dentre elas estão insatisfações de gênero pedagógico, como por exemplo a fragilidade no trabalho do professor, o distanciamento na relação professor-aluno, o papel passivo do aluno frente à posição imperativa do docente e a expectativa frustrada de oportunidades e orientações pedagógicas adequadas. Nota-se também inquietações no sentido de inadequações do contexto escolar, os alunos sentem necessidade de um ambiente organizado, limpo, participativo, respeitável, com regras claras e coerentes, e o mais curioso, sentem falta da autoridade docente, ou seja, do professor como referência na construção e manutenção das normas. Os alunos apontaram também uma resistência à exclusão sofrida pelos alunos considerados indisciplinados, eles alegam uma grande dificuldade para se livrarem da “marca” imposta à eles pelos professores e colegas. E por fim, um dado importante colhido em suas falas, é a crítica à intervenção dos professores em relação à indisciplina, os alunos acreditam que uma intervenção mal feita acaba agravando a situação ou até mesmo produzindo ainda mais indisciplina (GARCIA, 2009, p. 7131-7135).

Em suma, o que as pesquisas indicam é que se faz primordial ouvir o que os alunos têm a dizer sobre a indisciplina, pois, por serem os principais envolvidos eles detêm informações importantíssimas. Considerar suas opiniões e percepções, colabora imensamente para a compreensão desse fenômeno.

2.3. COMPREENDENDO O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA POR VOLTA DE 8 ANOS

As crianças observadas neste trabalho têm em média 8 anos de idade, estão no 3º ano do ensino fundamental e segundo Helen Bee (1997) encontram-se na fase de desenvolvimento denominada de “meninice intermediária”, que vai de 6 a 12 anos.

Nesta etapa da vida, as crianças tendem a centralizar suas amizades em grupos específicos, essa relação para elas é de extrema importância, além de ser baseada em reciprocidade e confiança. Porém, é bastante marcante a segregação sexual das amizades neste período, os meninos só brincam com meninos e as meninas só brincam com meninas, exceto nas brincadeiras de pegar. As amizades das meninas são mais intensivas e dos meninos extensivas.

Os grupos de amizade dos garotos são maiores, aceitando mais os recém-chegados do que as meninas. Eles brincam mais ao ar livre e percorrem uma área maior em suas atividades. Meninas brincam mais em ambientes fechados, ou nas proximidades da casa ou da escola (GOTTMAN apud BEE, 1997, p. 296).

Na faixa etária de 8 anos, os meninos são mais competitivos, agressivos e dominadores, enquanto as meninas “tendem a ser mais condescendentes” (BEE, 1997). Os meninos possuem um discurso controlador que se baseia na ordem, na manipulação e no desafio aos outros colegas, além disso, possuem uma maior tendência ao desvio de conduta. Eles também são mais punidos e sujeitos a mais proibições que o sexo oposto. Uma pesquisa feita no Canadá (OFFORD, BOYLE & RACINE apud BEE, 1997, p. 298-299) com pais e professores de crianças de 4 a 11 anos, no qual eles descreviam os comportamentos das crianças, revela que os meninos são mais apontados como agressivos do que as garotas. Os dados podem ser confirmados na tabela a seguir:

TABELA 10.2 Percentual de meninos e meninas de 4 a 11 anos classificados por seus professores como evidenciando cada um dos tipos de comportamento agressivo

Comportamento	Meninos	Meninas
Mau para com os outros	21,8	9,6
Ataca fisicamente as pessoas	18,1	4,4
Envolve-se muito em brigas	30,9	9,8
Destrói seus pertences	10,7	2,1
Destrói pertences alheios	10,6	4,4
Ameaça machucar as pessoas	13,1	4,0

Fonte: Offord, Boyle & Racine, 1991, da Tabela 2.3, p. 39.

Nesta idade as crianças costumam ser mais “educadas” com pessoas estranhas e ser mais francas, ter mais liberdade para falarem o que querem para amigos e pessoas conhecidas. Entre 7 e 8 anos, especificamente, eles adquirem a capacidade de se auto avaliar, é a partir disso que se constrói a autoestima da criança. Além disso, eles começam a utilizar a lógica indutiva.

A agressão física tende a diminuir neste período, porém, os insultos que ferem a autoestima da outra criança aumentam significativamente. Apesar de ocorrer menos do que na idade pré-escolar, a agressão ainda é presente no cotidiano e nas relações dessas crianças e esta depende principalmente de fatores biológicos e sociais que a agravam (BEE, 1997).

A agressividade acaba separando as crianças entre “populares e rejeitadas” dentro do contexto escolar. As populares normalmente são as crianças que agem positivamente, não têm o hábito de punir, não são agressivas e costumam apoiar as outras pessoas. Enquanto as rejeitadas, ou excluídas, são agressivas, destruidoras, não cooperam com os demais e estão constantemente envolvidas em conflitos. As crianças agressivas entendem a agressividade como um meio de resolver problemas e estão sempre na defensiva, pois esperam sempre atitudes hostis vindas dos outros. Essa agressividade presente nas crianças está diretamente ligada a “modelos internos de relacionamentos deformados”.

Dodge (apud BEE, 1997, p. 305) ainda difere a agressividade entre pró-ativa e reativa. As crianças que são agressivas pró-ativas agredem para conseguir algo e recuam ao atingir sua meta, essas são mais receptivas à intervenções. Já as agressivas reativas agredem simplesmente para machucar os outros. Pesquisas revelam (ERON apud BEE, 1997, p. 310) que crianças que assistem muito TV, principalmente programas agressivos têm uma tendência maior a desenvolver a agressividade e a ter um mau desempenho na escola.

As crianças que possuem empatia, ou seja, que têm a capacidade de se colocar no lugar dos outros, tendem a serem menos agressivas. Já as que pensam em si e em seu próprio prazer, são julgadas por terem “baixa competência social”, essa postura não é “socialmente aceitável” e por este motivo elas são de certa forma rejeitadas (BEE, 2003, p. 400).

Há uma relação direta entre comportamento e raciocínio moral, de encontro com essa ideia Bee (2003, p. 402) lista três fatores que influem nesta dualidade. A primeira é a sensibilidade moral, ou seja, a consciência de que em determinada situação há um problema moral (empatia). O outro é a motivação moral, que se refere ao ato de pesar valores e necessidades, por exemplo: A pessoa sabe que é moralmente correto, porém não vê necessidade, pois não é obrigatório ou também quando aquela ação tem um custo (conflito moral). Estão ligados à motivação moral também, a pressão que o grupo de iguais exerce

sobre a pessoa, assim como os motivos de autoproteção e autorecompensa. O último fator é a força do ego ou caráter moral, que nada mais é do que a força que faz com que a pessoa mantenha sua ação moral apesar das adversidades.

Em suma, o comportamento moral da criança depende desses três fatores e do raciocínio moral para acontecer. Assim como, o processo cognitivo tem também uma relação de dependência com as interações sociais dessa criança.

Ainda na idade escolar, mais precisamente no início do Ensino Fundamental, muitos diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade são dados, este transtorno se caracteriza por inquietação excessiva e alta distração. Nesta idade os comportamentos típicos do transtorno se acentuam, ficando visível na escola a dificuldade dessas crianças de se concentrarem e ficarem sentados. Este é um dos principais transtornos que atingem as crianças, além disso é um problema predominantemente masculino, pois, atinge os meninos três vezes mais do que as garotas (BIEDERMAN apud BELSKY, 2010).

Estudos de gêmeos revelam que o TDAH tem um forte componente genético (Doyle et al., 2005), os pesquisadores estão freneticamente tentando identificar o problema neurológico que pode estar envolvido (Volkmar, 2005). Uma hipótese é que as pessoas com TDAH possuem uma produção mais baixa de neurotransmissores como a dopamina (Williams e Dayan, 2005). Os cientistas também utilizam exames do cérebro em busca de anormalidades quando as crianças com TDAH realizam tarefas de aprendizagem (Liotti et al., 2005; Volkmar, 2005). Contudo, não existe um exame ou marcador biológico definitivo que seja diagnóstico de TDAH (Furman e Berman, 2004) (BELSKY, 2010, p. 188 – referências feitas pela autora).

Além das características já descritas, as crianças com TDAH também têm grandes dificuldades em relação à inibição, ou seja, ao receberem uma ordem dizendo para não tocarem em determinado objeto, dificilmente elas conseguem não tocar. Elas também possuem sérios problemas com atenção seletiva, não conseguem focar sua atenção e se distraem facilmente, como por exemplo: Se elas estiverem assistindo TV e alguns brinquedos estiverem por perto, provavelmente elas se dispersarão em relação ao que estão assistindo e prestarão atenção nos brinquedos (BELSKY, 2010).

Os dados colhidos em pesquisas (PUGZLES apud BELSKY, 2010), apontam que as crianças com este transtorno não lidam bem com o tempo, ou seja, não conseguem dividir seu tempo em várias atividades. Nesse sentido, as salas de aula são ambientes de muita distração. Fazer uma prova, por exemplo, é um desafio para essas crianças, pois, consiste em concentrar os esforços com sabedoria num determinado período de tempo.

Vários métodos são utilizados para auxiliar as crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dentre eles, o mais usado é o tratamento com medicação psicoestimulante, ou seja, Ritalina. Esta medicação é combinada com intervenções

psicossociais, que se trata de um reforço aos comportamentos apropriados. Além desse encaminhamento de cunho médico, os professores podem ajudar essas crianças também, no sentido de oferecer à elas um ambiente de sala de aula sem muitas distrações durante as atividades de atenção, como provas, por exemplo.

Ainda tratando dessa faixa etária, se faz primordial fazer uma breve relação com as fases do desenvolvimento infantil segundo Piaget (1967;1970), nesta etapa as crianças estão passando pelo estágio das operações concretas, que vai de 7 a 12 anos aproximadamente. Neste período elas começam a pensar de forma abstrata, já conseguem internalizar ações e não precisam mais utilizar do sensório-motor para isso. Elas também passam a ter e entender pontos de vistas diferentes, assim como começam a integrá-los de forma lógica e coerente. A noção de reversibilidade inicia-se nesse estágio e vai até o seguinte, que é a fase das operações formais.

Por último, vale ressaltar que os estudos aqui contemplados não têm a pretensão de esgotar todos os aspectos do desenvolvimento humano mas antes, de oferecer ao leitor um maior entendimento acerca das dinâmicas intra e interpsicológicas características desta faixa etária.

2.4. DISCIPLINA, MORALIDADE E O TRABALHO EM SALA DE AULA

A disciplina dos alunos é “objeto de desejo” da maioria dos professores hoje em dia e para eles, este seria um pré-requisito para o processo de ensino-aprendizagem (PASSOS, 1996, p.118). Segundo Kant (apud DE LA TAILLE 1996, p. 10), a disciplina é essencial para tirar o homem de sua condição animal, para humaniza-lo de fato. Esta disciplina que antigamente era muito forte nas escolas e garantida por meio de ameaças e castigos, atualmente está quase extinta. De La Taille (1996, p. 9) ao pensar essa disciplina, se pergunta: “Porque as crianças obedecem?” E de imediato ele mesmo aponta algumas respostas: “superego, sentimento do sagrado, heteronomia, hábito, etc”. Porém, hoje em dia, frente ao cenário de indisciplina que temos nas escolas, ele observa que na verdade a pergunta deve ser outra: “Porque as crianças não obedecem, nem a seus pais, muito menos a seus professores?” O autor aponta um possível motivo: “[...] as crianças, hoje, não teriam limite, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria”.

A indisciplina, na maioria das vezes, está relacionada à moral e junto com esta vem a vergonha, pois envergonha-se aquele que vai contra a moralidade, ou seja, o indisciplinado. Essa vergonha baseia-se no sentimento de ser observado e julgado pelos outros, quando o julgamento é negativo, a pessoa sente-se humilhada e esses juízos alheios influenciam diretamente na valorização que o ser humano tem dele mesmo. Porém, a moral não depende exclusivamente do olhar do outro, mas também do autocontrole, da obediência às normas sem o controle alheio (DE LA TAILLE, 1996).

Na teoria de Piaget a “interiorização” das regras corresponde a uma assimilação racional destas (portanto crítica) e a uma nova exigência moral: a reciprocidade, respeitar e ser respeitado. [...] De fato, o que é exigência de ser respeitado senão à exigência de ser reconhecido como pessoa de valor? Para que tal reconhecimento exista, duas condições são necessárias: exigir do outro que reconheça em mim a dignidade inerente ao ser humano [...] e agir de forma a concretizar e merecer tal dignidade, portanto merecer ser respeitado. (DE LA TAILLE, 1996, 16)

Porém, isso não se aplica às crianças que foram educadas por seus pais com “poucas proibições morais ou poucas normas de conduta”, eles não prezarão pela moral, pela boa convivência e pela reciprocidade, prezarão pelos valores que aprenderam ser fundamentais durante sua educação, ou seja, beleza física, competição, ser bem-sucedido, etc. Para esta criança, o respeito mútuo não importa e ele não sentirá vergonha em infringir a moral, pois para ela, isso não faz sentido.

Este modelo de educação familiar e conseqüentemente de crianças está cada vez mais frequente, à sociedade importa apenas beleza, dinheiro, juventude, bens materiais, “teme-se no mais alto grau ser “otário””, ignora-se os meios para se atingir os fins, os valores são outros. As crianças assistem a tudo isso de camarote e tomam como exemplo, “a vergonha associada à moral cai necessariamente para o segundo plano”. O social e o coletivo são deixados de lado, agora só o Eu importa. (DE LA TAILLE, 1996, p. 18).

Frente a este molde de sociedade, o aluno não se preocupa mais com a moralidade, logo ele não será disciplinado na escola, não terá respeito pelo colega e pelo professor, ele não fará questão em seguir as normas e não dará a mínima para o julgamento que as pessoas farão dele, afinal seus parâmetros são outros.

Esta inversão de valores reflete-se em vários outros aspectos, como por exemplo a escola particular que tem o aluno como cliente e à ele deve servir para não perde-lo, não é mais a escola quem dá as cartas é o aluno, pois ele manda. Isso também acontece nas organizações familiares que se invertem em função das crianças, não se impõe limites à elas por medo de frustrá-las, querem mais ser amigos dos filhos do que pais, “troca-se Machado de Assis por histórias de Walt Disney, a Filosofia pelas discussões das crises existenciais, as ordens pelas negociações, a autoridade pela sedução” (DE LA TAILLE, 1996, p. 22). Da mesma forma a escola perde seu valor, o saber se torna desinteressante e o conhecimento descartável.

Nossa época cessou de reverenciar o estudo e a instrução. Seus ídolos estão em outros lugares (...) e não existe quase mais nada da vergonha que assolava, há pouco tempo, o mau aluno, o ignorante. Pelo contrário, ei-los que reinam na mídia, novos reis preguiçosos, que, longe de enrubescerem de não saber nada, se orgulham disto. (...) Não satisfeitos em ridicularizar a escola e a universidade, pretendem suplantá-las e provar que o sucesso e o dinheiro não passam mais por esses templos do conhecimento. (BRUCKNER apud DE LA TAILLE, 1996, p. 22)

A indisciplina não se deve apenas à escola e/ou à relação professor-aluno, deve-se também ao “lugar que a escola ocupa na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”. (DE LA TAILLE, 1996, p. 22)

Aquino (1996, p. 40) vê a indisciplina como um “problema interdisciplinar e transversal à Pedagogia” e segundo ele deve ser estudado por todas as áreas possíveis da educação, pois a maioria das teorias pedagógicas não supõem a indisciplina e não apontam formas de lidar com ela.

A disciplina nas escolas, característica marcante dos séculos passados, acaba por excluir os alunos que não se enquadram à ela. Se antes a escola era elitista, conversadora e segregava sua clientela às claras, hoje essa exclusão está mascarada. Antes a dificuldade

estava em entrar na escola, atualmente encontra-se no fracasso contínuo dos alunos que estão dentro da instituição. Esse fracasso se dá porque a escola idealiza os alunos de forma homogênea, apartados de suas características sócio-históricas, “todos iguais em essência e em possibilidades” (AQUINO, 1996, p.44). No contexto atual, a indisciplina estaria apontando então, que a escola não está preparada para receber esse “novo sujeito histórico” diferente daquele idealizado por ela, sua preparação é para um tipo de clientela que não é o que ela atende. A escola seria incapaz de administrar este perfil de alunado, pois ao contrário da inovação característica dos alunos, ela ainda está presa em um modelo velho de instituição.

Numa perspectiva mais psicológica, a indisciplina é entendida como uma “carência psíquica” (AQUINO, 1996, p.45), na qual o aluno necessita reconhecer no professor uma autoridade externa e a partir disso interiorizar alguns parâmetros morais, como por exemplo: “permeabilidade a regras comuns, partilha de responsabilidades, cooperação, reciprocidade, solidariedade etc.”. De fato, segundo Aquino (1996, p. 46), não há meios de escolarização sem essas condições, ou seja, a disponibilidade do aluno para com seu semelhante e para com o professor e seu trabalho. Porém, não cabe à escola assumir esse papel de “estruturação psíquica prévia ao trabalho pedagógico”, mas a família, é ela quem deve se responsabilizar por isso. A indisciplina estaria indicando, nesta perspectiva, que as relações familiares estão abaladas, esta não estaria realizando seu papel a contento e consequentemente não colaborando com o trabalho educacional.

Chegamos, assim, a um impasse: a educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão somente um dos eixos que compõem o processo com um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re)estabelecimento de algumas atribuições familiares. (AQUINO, 1996, p. 46)

Isso implica numa imagem distorcida da escola, afinal, seu papel primordial é a “(re)produção científica e cultural” (op. cit., 1996, p. 46) e não um espaço para fins normativos e disciplinarizadores. A educação para ser ampla, deve ter como base um complemento entre família e escola, onde cada um exerce a sua função de forma legítima.

A tarefa docente, mais especificamente, “encerra-se no conhecimento acumulado. Por este motivo, as grades curriculares do primeiro e segundo graus refletem os campos clássicos das ciências e das humanidades. É esta a tarefa e a razão docentes, e não são pouca coisa!” (AQUINO, 1996, p. 47) Quando o professor muda o foco do seu trabalho e se preocupa com outros problemas que não são de responsabilidade dele, três efeitos podem ocorrer:

Primeiro: o desperdício da força de trabalho qualificada, do talento profissional específico de cada educador. Segundo: o desvio de função, pois professores deveriam ater-se a suas atribuições didático-pedagógicas. Terceiro: a inevitável quebra do contrato pedagógico, o que implica, a nosso ver, um comprometimento de ordem ética, uma vez que a proposta de trabalho educacional raramente se cumpre de maneira satisfatória, gerando assim um estado aberto de ambiguidade e insatisfação – tão fácil de constatar atualmente... (AQUINO, 1996, p. 47).

Apesar de todos esses componentes que influem na escola e conseqüentemente na indisciplina, é preciso se concentrar na relação mais importante, a de professor-aluno, nos vínculos que essa relação possui e na posição de cada um em relação às outras esferas que os complementam. Afinal, todos estão no mesmo time e possuem os mesmos objetivos, por isso devem enfrentar juntos “a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo”. O que deve mediar essa relação de educador e educando é um trabalho pautado no conhecimento e a partir deste tentar “fundar e/ou resgatar a moralidade discente”. Este trabalho deve ser de constantes perguntas, inquietações e desconcerto, pois, “a questão fundamental está na transformação desta turbulência em ciência, desta desordem em uma nova ordem...”. (AQUINO, 1996, p. 50-51).

Desta forma, a agitação pode ser combustível para o grande mecanismo de ensino e aprendizagem, assim como a indisciplina pode de tornar um movimento organizado, baseado em conceitos, que colabore na busca do saber. “Anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos” (AQUINO, 1996, p. 53). Esta mudança na compreensão e na forma de lidar com a indisciplina exige do professor uma “conduta dialógica”, ou seja, ele terá que intervir pedagogicamente, negociar em relação a diversos fatores que dizem respeito ao ambiente da sala de aula, como por exemplo: estratégias de ensino, avaliação, objetivos, conteúdos, relacionamentos etc. Porém, isso não significa se render simplesmente as vontades dos alunos, mas sim ouvir a opinião deles e tê-los como peça fundamental na construção do conhecimento e das relações escolares.

Alguns quesitos devem ser seguidos para que essa “construção negociada” aconteça de fato, dentre eles estão: “o investimento nos vínculos concretos, a fidelidade ao contrato pedagógico e a permeabilidade para mudança e para a invenção”. O primeiro quesito se trata do ato de encarar a realidade concreta, ou seja, não idealizar o modelo de aluno, de professor e nem de relação, e sim potencializar as reais características que cada um possui. O segundo diz respeito ao contrato pedagógico, o qual todos devem ter ciência, entretanto, este deve ater-se exclusivamente ao campo do conhecimento e suas cláusulas devem ser relembradas todos os dias, insistentemente se necessário. Por fim, o último quesito se refere à

constante transformação a qual o professor deve se submeter, reaprendendo e reinventando seu trabalho a fim de novas estratégias e experimentações. Afinal, o aluno real pede essa mudança contínua.

Como já foi dito, a indisciplina pode e deve ser interpretada positivamente, ou seja, como movimento, como criatividade, como vontade de saber e ser mais. Por outro lado também, a disciplina em excesso pode ser vista de forma negativa, pois esta tem a intenção de educar o aluno para a docilidade e a obediência, causando uma dependência quase infantil nesse discente. Isso o impede de crescer, de raciocinar, de estabelecer relações maduras e de se tornar um sujeito autônomo. É negado aos alunos o poder de decidir e ao longo dos anos escolares essa privação faz com que eles acreditem que são incapazes de tomar decisões e de tomar a rédea de suas próprias vidas.

Em resumo, Passos (1996, p. 123) diz que:

É do espaço das filas, de cabeça atrás de cabeça, da rotina dos horários, do tempo limitado para cada atividade, dos conteúdos estagnados, das provas homogêneas, que podem emergir formas de relação que ultrapassem o controle e o poder instituído, para configurar uma dinâmica de troca, de ação e interação, de luta contra a submissão, que se expressa nas rotinas e relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar. Os próprios alunos vão impondo à escola a necessidade de mudança.

Essa mudança é inevitável e tudo indica que está próxima de acontecer, porém, antes que isso ocorra a escola e seus agentes terão que enfrentar muitas dificuldades e resistência por parte daqueles que não se felicitam com essa transformação. Apesar dos obstáculos, devemos todos juntos, continuar na luta em busca de um nova escola, de um novo pensamento em relação à ela e de um novo modo de agir sobre ela.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Conforme anteriormente exposto, este trabalho tem por objetivo geral levantar as concepções das professoras sobre indisciplina, assim como, observar e descrever os comportamentos indisciplinados dos alunos, a partir das indicações das mesmas, constatando a relação dessas atitudes com as atividades em sala de aula. Daí depreende-se que se trata de uma pesquisa qualitativa em educação. Segundo Ludke & André (1986), a pesquisa qualitativa em educação pode ser definida como um estudo, marcado por algumas características, no qual, o ambiente natural é a maior fonte de dados, o pesquisador o instrumento principal, as informações coletadas de cunho descritivo, o processo é mais importante que o produto, a significação da vida e das coisas para as pessoas têm a atenção do pesquisador e a análise de dados tende a ser indutiva (PATTON, 2002). Como justificativa à escolha da pesquisa qualitativa em educação, Santos, Mendes & Haddad (2011, p. 3) dizem que:

O pesquisador passa a analisar sua própria experiência, não observando como um sujeito externo, pesquisar e analisar o próprio cotidiano da escola ou da sala de aula aproxima-o mais de uma reflexão mais profunda sobre suas próprias práticas e o que o rodeia. [...] A pesquisa ao possibilitar a reflexão, desvenda partículas de saber e vislumbra novos direcionamentos e encaminhamentos.

A mesma foi realizada basicamente em duas etapas. A primeira se constituiu de uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas, realizada com os professores do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Bauru, a fim de fazer um levantamento de suas concepções sobre indisciplina e quais alunos eles julgam indisciplinados, o registro da entrevista se deu através de gravação de voz e anotações (LUDKE & ANDRÉ, 1986).

[...] a entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. (QUEIROZ apud DUARTE, 2002, p.147)

A segunda etapa foi a elaboração de um estudo de caso baseado na técnica de observação descritiva, feito com alunos que foram indicados pelas professoras entrevistadas, com aproximadamente 8 anos de idade e que cursam o 3º ano do Ensino Fundamental, para que se possa aferir as percepções das professoras sobre a indisciplina e quais alunos elas consideram indisciplinados, além de nos ajudar a comprovar a relação entre a indisciplina e a dinâmica escolar. Segundo Ludke e André (1986), entende-se por observação descritiva, a

observação baseada em descrição dos sujeitos, reconstrução de diálogos, descrição de locais, de eventos especiais e das atividades e comportamento das pessoas observadas.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. [...] As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc. (GIL, 2008, p. 28)

Esta técnica mostra-se apropriada por permitir que o período de observação seja descrito detalhadamente em todos os momentos, e assim sendo, o recorte da pesquisa se torna mais fiel à realidade e seus resultados mais coerentes.

Participaram ativamente da pesquisa: a própria pesquisadora, três professoras que lecionam na sala do 3º ano, dentre as três estão, a professora efetiva da sala formada em Pedagogia, a professora de Artes e a professora de Educação Física. Participaram também 35 alunos do 3º ano, com foco especial para os 5 alunos citados pelas professoras, eles foram observados no contexto escolar de interação. A diretora da escola colaborou indiretamente a partir de sua autorização para a realização do trabalho.

3.1. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Ensino Fundamental do município de Bauru, no Estado de São Paulo, onde são atendidas crianças de seis a quatorze anos. As turmas são divididas em dois ciclos, Ensino Fundamental I, que é composto pelos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos, e Ensino Fundamental II que abrange os 6º, 7º, 8º e 9º anos.

A escola está inserida em um bairro de classe média, tradicional e considerado bom para se morar. Atende alunos bem variados, desde alunos carentes que se deslocam de bairros afastados, passando por deficientes físicos, visuais e deficiências múltiplas, até crianças bem abastadas e com condição financeira muito boa. O prédio e as instalações da escola são relativamente precários, pois as construções são antigas e mal conservadas.

A primeira instância da pesquisa se tratou da entrevista semiestruturada (Apêndice B) feita com os professores do 3º ano. As perguntas foram pré-definidas (o roteiro encontra-se no Apêndice A), porém abertas, ou seja, os professores puderam responder como julgaram apropriado. As questões foram feitas pessoalmente aos docentes e gravadas com um gravador de voz.

As questões foram voltadas para a temática da indisciplina, das possíveis características comportamentais comuns entre os alunos indisciplinados e entre a indisciplina e as influências na dinâmica escolar. Também foi solicitado às professoras que citassem os alunos por elas considerados indisciplinados. Os três alunos mais referenciados pelas professoras foram observados mais atentamente em relação aos demais na segunda parte da coleta de dados, a observação em sala de aula. Foram perguntas claras, para que não haja diferentes interpretações. As questões foram tanto de cunho profissional, como pessoal e sentimental, mas sempre direcionadas ao fenômeno da indisciplina. As perguntas foram iguais para todas as professoras e todas tiveram o tempo que quiseram para responder.

Para se realizar a segunda etapa da pesquisa, que tratou da observação dos alunos (Apêndice C), as professoras foram entrevistadas e apontaram um ou mais alunos que elas acreditavam ter o perfil de um aluno indisciplinado. Após essa indicação das professoras, iniciou-se as observações em sala de aula e atividades externas, como por exemplo aula de Educação Física na quadra e recreio.

Foram observados, principalmente, as atitudes e comportamentos dos alunos, os seus comprometimentos frente às atividades pedagógicas e a relação desses alunos com as professoras, ou seja, como essas professoras os trataram. Após o período de uma semana de observação e anotações descritivas em um diário de campo, os dados foram apurados e comparados com as repostas das professoras, chegando assim a alguns resultados, que estão aqui descritos.

4. RESULTADOS

4.1. ENTREVISTAS

A entrevista realizada com as professoras seguiu um roteiro semi-estruturado, porém, conforme foi surgindo a necessidade de novas perguntas, foram feitas questões abertas. As entrevistas foram realizadas em horário de ATPC (Atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo) das professoras, duas delas foram entrevistadas uma semana antes do início das observações e por falta de tempo das mesmas, a outra foi entrevistada no primeiro dia de observação (professora regular).

A fala das professoras e seus apontamentos foram divididos *a priori* em categorias e sub-categorias para uma melhor visualização dos resultados, como por exemplo comportamentos, definições, valores, entre outros. Aqui estão descritas de uma forma mais clara apenas as categorias, dentro destas, os termos com asterisco (*) representam concepções que foram dadas por duas professoras e quando as representações foram unânimes, há indicação no corpo do texto.

- **Conceito de indisciplina**

Para as professoras entrevistadas a definição de indisciplina refere-se a comportamentos específicos, tais como: Gritar*, falar alto, xingar, agressividade*, agitação/movimentação*, afrontar/desafiar o professor*, excesso de conversa, não acatar um comando*, virar para trás para conversar, ficar em pé conversando*, levantar do lugar*, mexer com o colega*, não fazer a atividade*, não prestar atenção*, não atingir os objetivos da atividade*, querer chamar atenção, ter mau comportamento de forma geral e como unanimidade, desrespeitar as regras. Observou-se a partir das falas das professoras que elas não possuem uma definição específica do que seja indisciplina, mas que têm claro o que consideram comportamentos indisciplinados por parte dos alunos.

- **Causas da indisciplina**

Com relação às causas da indisciplina, foram mencionados fatores/causas intrínsecas e extrínsecas ao ambiente escolar. Como fatores extrínsecos ao ambiente escolar foram citadas características sócio-emocionais dos alunos tais como carência, confusão/agitação dos alunos e fatores biológicos como a hiperatividade e déficit de atenção, que foi unânime,

“rebaixamento mental” e/ou outros distúrbios/problemas. A indisciplina também foi interpretada como uma forma dos alunos “pedirem socorro”.

Ainda no que diz respeito às causas, as professoras referiram-se a responsabilidade da família: Falta de limite em casa que foi mencionado três vezes, ausência da família na escola*, falta de preocupação da família com a vida escolar do aluno, problemas familiares, pais agressivos e problemas emocionais.

Como causas intrínsecas à escola, as professoras mencionaram as salas lotadas, a não alfabetização/dificuldade na aprendizagem e prática pedagógica inadequada foram citados por todas as professoras, o fato do professor não conseguir dar atenção necessária para todos os alunos*, não compreensão das regras por parte dos alunos, necessidade de competição (Ed. Física), necessidade de se destacar/chamar atenção*, assuntos desinteressantes, alunos que não estão no nível do conteúdo (aquém ou além), alunos em níveis de aprendizagem diferentes, peso do estigma/rótulo para o indisciplinado, necessidade de falar e ser ouvido, padronização dos alunos por parte da escola/governo, conteúdos e atividades descontextualizados, moldes/organização da escola e por fim, o fato da escola ser pouco para alguns alunos.

- **Características dos alunos indisciplinados**

Para as docentes, os alunos considerados indisciplinados são em sua maioria distraídos/dispersos, carentes*, agitados, agressivos*, xingam/falam palavrão*, ameaçam bater, fazem o que querem, não têm limites, ficam fora do lugar conversando, não têm concentração (segundo todas as docentes), não fazem atividade, respondem para o professor, não acatam ordens do professor, por unanimidade não são alfabetizados e provavelmente possuem déficit na aprendizagem, querem chamar a atenção*, têm dificuldade para se adaptarem em sala de aula, possuem uma necessidade extrema de falarem, mexem com as meninas (sexualidade aflorada)*, não obedecem as regras (mencionado pelas três professoras), suas famílias são ausentes na escola e segundo os responsáveis são indisciplinados em casa também*.

- **Impactos sobre a aprendizagem**

Como os alunos conversam durante a aula, eles “perdem o foco” e deixam de fazer as atividades*. No caso das crianças que não estão suficientemente alfabetizadas, estas se tornam indisciplinadas*, atrapalham o planejamento do professor*, estabelecendo assim uma relação direta entre indisciplina e aprendizagem*, pois a indisciplina prejudica a aprendizagem do

aluno indisciplinado e dos demais*, atrapalha a sala*, ocasiona o desperdício de tempo de aula*.

- **Prevenção à indisciplina**

Para prevenir a indisciplina foram mencionadas várias “táticas” utilizadas pelas professoras, tais como: ignorar o aluno para que ele pare, orientar os alunos*, trabalhar individualizado com os alunos, adotar um sistema de castigo e recompensa*, chamar atenção/advertir*, envolver os alunos na atividade, realizar assembléias, confeccionar as regras junto com os alunos e deixar essas regras à disposição deles.

A escola, por sua vez, poderia contribuir com a diminuição da indisciplina, prevenindo-a através de medidas como a diminuição do número de alunos por sala para que o professor pudesse dar mais atenção para os alunos com dificuldade, ter mais professores de apoio para colaborarem com a aprendizagem e estabelecer uma relação mais harmoniosa com as famílias.

- **As regras**

Como para as professoras entrevistadas o comportamento indisciplinado mostra-se em oposição ao conjunto de regras e normas que devem reger o funcionamento da sala de aula, foram questionadas as formas pelas quais as mesmas trabalham estas regras junto aos alunos. Neste encaminhamento, foram relatadas práticas diversas tais como “comandos durante a aula”*, sistema de troca, ou seja, quem descumpre uma regra perde um direito (castigo e recompensa)*, na maioria dos casos as regras são trabalhadas só verbalmente*, são concebidas a partir da intuição/percepção em relação à sala, são esclarecidas no início das atividades, ou ainda, não são acordadas entre as partes*. Também foram relatadas práticas de trabalho com regras através de orientação ou advertência verbal*, sendo que as regras são reforçadas quando necessário*. Ao contrário da maioria, em um dos casos entrevistados, a professora relatou que costuma ser dialógica em relação às regras e acordos em sala de aula. Ela disse que costuma pensar as normas junto com os alunos, assim como realizar assembléias para solucionar os problemas dos alunos da classe. Vale ressaltar que segundo ela, cada criança tem uma cópia das regras acordadas entre eles.

4.2. OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas em uma sala de 3º ano de uma escola do estado de São Paulo em um período de 5 dias, de Segunda a Sexta-feira, das 13h as 17:30h. O roteiro de observação foi baseado nos seguintes itens:

- Data
- Número de alunos
- Hora
- Atividades pedagógicas propostas pela professora
- Comportamentos dos alunos indicados pelas professoras como indisciplinados
- Reação da professora

A sala toda foi observada, porém, foi dado um foco especial para os três alunos mais citados pelas professoras na entrevista como sendo indisciplinados. Estes alunos serão denominados M1, M2, B, P e R. A observação, aqui, será descrita resumidamente, o arquivo na íntegra encontra-se nos anexos.

A sala de aula se localiza próximo ao pátio e à quadra de esportes, por este motivo o barulho externo é constante e atrapalha muito a concentração dos alunos e a comunicação entre eles e a professora. Inclusive, tem dias que a professora regular precisa utilizar um microfone para falar, pois ela perde a voz de tanto forçá-la por conta do som excessivo que vem de fora. A sala como um todo é bastante falante e agitada, porém a intensidade da movimentação e conversa muda conforme a professora e o tipo de aula dada.

A professora da sala, denominada nas entrevistas como Isabel, tem uma rotina de trabalho que ela segue à risca. Todos os dias antes de iniciar a aula, ela organiza os alunos em duplas para trabalhar, coloca o cabeçalho e a rotina na lousa, em seguida faz a leitura de um livro para a sala, sempre interagindo com eles para que eles entrem no contexto da história ou atividade. Após a leitura, ela inicia as atividades das disciplinas obrigatórias, como Português e Matemática, por exemplo. Nas aulas da professora regular os alunos falam bastante, porém, na maioria das vezes é uma fala produtiva, que colabora com a aula, pois, a professora incentiva eles a falarem e exporem suas ideias, isso acontece principalmente nas aulas expositivas dialogadas. Quando a professora deixa-os livres e dá um tempo para eles realizarem a atividade, sem estar dirigindo a ação, como quando eles estão resolvendo algumas equações matemáticas, em pouco tempo a maioria se dispersa e começa a conversar e a andar pela sala, inclusive os alunos citados como indisciplinados. Durante essas atividades

“livres”, enquanto os alunos fazem a atividade, a professora ajuda os que estão com dificuldades e corrige de quem já terminou, assim que os alunos vão terminando a atividade eles podem pegar livros ou gibis para ler. Foi possível perceber que nas atividades em que a professora explica, dialoga e interage com os alunos, eles prestam mais atenção, participam mais e se dispersam menos vezes. Ela utiliza esse método de atividade, ou seja, expositiva dialogada, na maioria das vezes, inclusive enquanto trabalha o livro didático que é obrigatório nas escolas estaduais de São Paulo. Além disso, a professora trás bastante informação, reportagens e curiosidades para a sala, o que deixa os alunos bastante empolgados e isso faz com que eles queiram se envolver com o assunto ou atividade dada.

Nas aulas da professora regular, M1 participa bastante, mas só oralmente, ele não costuma fazer as atividades no caderno ou livro e quando quer participar ele é bastante expressivo, levanta a mão, chama a professora, se levanta do lugar e faz de tudo para conseguir falar, até fala junto com outra pessoa se necessário. Ele não se contenta em falar só uma vez e dar a chance de outra pessoa falar, ele quer falar diversas vezes e isso pode ser confirmado na fala da professora Isabel:

“(...) quando ele chega na sala e ele quer falar, você vê? A necessidade dele de o tempo todo falar, falar, falar... pode ser sobre qualquer coisa e ele fala sem parar (...)”

M1 fala muito alto, dando a impressão que ele está sempre falando mais do que os demais alunos. Entre uma participação e outra, ele se dispersa, brinca com materiais escolares, levanta do lugar e conversa. Porém, este aluno tem um laudo médico constatando que ele tem hiperatividade e o mesmo está há algum tempo sem medicação, pois o órgão que o atendia mudou sua política e não está atendendo mais. Segundo o relato da professora regular, quando ele está regularmente medicado ele consegue se concentrar por mais tempo, conseqüentemente se dispersa menos, fica menos agitado e tem um aproveitamento maior das atividades.

M2 não participa de nenhuma atividade nas aulas da professora Isabel, não se interessa em expor suas ideias e também não faz atividades escritas. A maioria do tempo ele está em silêncio, distraído, brincando com algum objeto e outras vezes está andando pela sala e conversando. A professora tenta incentivá-lo a participar ou simplesmente fazer os exercícios, inclusive o chama para ficar perto dela para que ela possa auxiliá-lo, por um momento ele inicia a atividade, mas logo para e se dispersa novamente. Ele é visivelmente desmotivado, provavelmente por conta de uma deficiência na sua formação escolar. Este aspecto também aparece na fala da professora:

“(...) ele é um aluno que tem uma dificuldade muito grande de aprendizagem, (...) por ter esse estereótipo, ele já pegou pra ele, sabe? Tipo “Ai eu nunca fiz, eu sempre fui a criança que fazia o mais facinho ou que fazia outras coisas, então agora eu também não vou me esforçar””.

B e R, nas aulas da professora regular, se comportam como a maioria dos outros alunos da sala, poucas vezes se destacaram do restante. Eles fazem as atividades, participam oralmente na maioria das vezes, se dispersam em alguns momentos, mas logo retomam o trabalho. Eles conversam com os colegas sem excessos, levantam do lugar de vez em quando e sempre acatam as ordens da professora, se dadas. A professora apontou B como um aluno agressivo, porém, no tempo de observação não foi presenciado episódios que confirmassem essa característica nele.

P faz todas as atividades da aula, porém é bastante distraído e brinca com objetos diversos. Além disso, conversa muito, levanta bastante e mexe com os colegas o tempo todo. Durante a observação ele se envolveu em uma briga com os colegas na hora do intervalo e foi para a diretoria. Ele também trocou tapas e ameaças com M2 durante a aula.

Em um dia da semana a professora os levou para assistir um filme na sala de vídeo que tinha a ver com o tema do projeto. Os alunos sentaram-se nas cadeiras um atrás do outro e ficaram assim até o final do filme. Todos ficaram concentrados assistindo ao filme, de vez em quando eles conversavam um pouco, mas logo voltavam a prestar atenção. P não se distraiu em nenhum momento, ficou fascinado pelo filme. R e B conversaram bastante durante o filme e até trocaram de lugar, mas assim como eles, outros alunos se comportaram assim. M1 não assistiu ao filme, pois estava de “castigo” fazendo atividades perto da sala da diretora.

A professora de Arte é denominada na entrevista como Cristina, ela dá aula para o 3º ano duas vezes por semana. No período de observação ela estava engajada em um projeto chamado “Brasil Indígena” juntamente com um professor de Antropologia que estava coordenando o projeto. Por conta disso, as aulas de Arte observadas, foram voltadas para o projeto em especial, ou seja, foram diferentes das aulas habituais. Na primeira aula a professora pediu para que os alunos se dividissem em grupos de 6 crianças aproximadamente, para que eles fizessem um desenho em conjunto numa cartolina. Esse desenho deveria ser rupestre e um rascunho para posteriormente ser passado para a madeira. No início os alunos demoraram para se organizarem em grupos, pois, eles não estavam entendendo como deveriam fazer isso. Por um bom tempo a sala ficou um tanto quanto caótica, a professora de Arte não estava conseguindo organizar os alunos, até que a professora regular entrou para

auxiliá-la e minutos depois eles começaram a atividade. Os alunos, em geral, se empenharam e se comportaram bem durante a atividade, era só uma folha de cartolina para eles dividirem, mas eles trabalharam em conjunto sem maiores problemas. Conversaram, levantaram, porém, não desviaram o foco da atividade, todos participaram.

Na segunda aula de Arte da semana, a professora levou os alunos para uma área externa da escola, próximo ao parque, para que eles realizassem a atividade lá. Eles refizeram o desenho da aula passada na madeira, utilizando tinta guache. Novamente se organizaram em grupos, os mesmos da primeira atividade e ficaram sentados no chão, em volta do pedaço de madeira. Os alunos se empolgaram com a atividade e participaram ativamente, dividiram a madeira e cada um fez seu desenho. Houve pouca movimentação e muita conversa, porém, a atividade foi bastante produtiva, todos os alunos, sem exceção, fizeram a atividade com muita dedicação. Ficaram presentes durante a atividade, a professora de Arte, a professora regular e o professor coordenador do projeto.

Durante as aulas de Arte a sala, como um todo, conversou muito e ficou bastante agitada, inclusive os alunos considerados indisciplinados, porém, todos participaram do processo pedagógico apesar disso. A observação cruza fielmente com a entrevista nesta fala da professora:

“Não tem problema, acho que não tem problema conversar, tem que conversar mesmo, tem que conversar um pouco, mas eles têm que ter consciência que eles têm que focar no que eles tão fazendo.”

As aulas da professora de Educação Física, aqui chamada de Maria, também são duas vezes por semana. Como ela mesma descreveu, suas aulas são divididas entre dirigida e livre. Na primeira aula da semana, a professora optou pela aula dirigida e propôs aos alunos uma dança indígena, para dar continuidade ao projeto “Brasil Indígena”. No início os alunos ficaram sentados em círculo, em um espaço próximo à quadra, onde a professora colocou a música para que eles se situassem. Em seguida ela dividiu o grupo em meninos e meninas e começou a ensinar os passos da dança. Muitos alunos não quiseram participar da dança, ficaram conversando, brincando ou correndo, a professora chegou a insistir, mas eles se negaram, como M1 por exemplo. Alguns alunos que são bastante discretos na sala de aula e não foram citados pelas professoras, se destacaram de forma significativa nesta aula, eles se recusaram a fazer a atividade, não acataram as ordens da professora e provocaram grande movimentação, atrapalhando a aula. R participou da dança o tempo todo e B entrou para dançar no meio da aula, antes estava brincando. Neste dia M2 havia faltado e P ainda não estava sendo observado. A maioria dos alunos não estavam empolgados com a atividade,

alguns deles até falaram que queriam parar. Porém, segundo a professora, esse comportamento dos alunos de resistência à aula dirigida é habitual, eles preferem a aula livre.

No segunda aula de Educação Física da semana, a professora deu aula livre, que se constitui em uma aula onde ela disponibiliza várias atividades para os alunos e eles podem escolher quais querem fazer. Dentre essas atividades estão: Futebol, basquete, corda, jogos de tabuleiro, peteca, entre outros. Os alunos se comportaram muito bem nessa aula, cada um escolheu sua modalidade e passou a aula brincando, todos participaram menos dois alunos que haviam extraído um dente no mesmo dia. A maioria dos alunos optaram pelo futebol, inclusive meninas. Eles se dividiram em três times, conforme sugestão da professora. Durante o jogo eles discutiram um pouco por causa de discordância em relação as regras, mas a professora fez intervenções e o jogo foi retomado. M1, M2, P e B jogaram a aula toda, mas R optou por sair no meio do jogo por causa de desentendimento. Alguns alunos se exaltaram mais do que eles durante o jogo e entraram em maiores discussões. Os alunos considerados indisciplinados se comportaram como a maioria dos demais que estavam jogando futebol.

A professora se referiu a M2 como um aluno agressivo, no qual os demais alunos não gostavam de se relacionar:

“(...) ele é um aluno que as crianças acabam excluindo ele das atividades, ninguém quer brincar com ele, por mais que eu tente organizá-lo, ou seja, incluí-lo na brincadeira, muita gente não gosta. Se eu ponho ele pra fazer uma fila, “Ó vamos fazê uma coluna agora atrás do M2”, muitas pessoas ficam arredias à ele, “Ah não”, porque ele chuta, ele bate, ele briga, né?”

Foi possível notar durante a observação e nas falas das professoras, que M2 é um pouco agressivo, ele aparenta estar sempre “na defensiva”. Está quase o tempo todo cabisbaixo, um tanto quanto triste, não é afetuoso, não se relaciona bem com as pessoas e quase não tem amigos. Ele apresenta uma grande dificuldade de aprendizagem e durante o intervalo fica meio “perdido”, parece que ele não tem uma turma de colegas para brincar e fica procurando.

Assim como M2, os outros alunos citados pelos professores como indisciplinados, também foram observados durante o recreio. B e R são muito tranquilos durante o intervalo, mais calmos do que a maioria das outras crianças neste momento, eles tomam lanche, conversam, brincam e quase não correm. M1 surpreendeu com seu comportamento durante o recreio, ele não ficou agitado, passou quase todo o período do lanche comendo, conversando e brincando com os jogos disponíveis para os alunos, como tênis de mesa e pimbolim, por exemplo. P é o que mais se agitou nesse período, ele correu quase o tempo todo de recreio,

comia, mas logo voltava a correr. Ele também tinha algumas brincadeiras de mão com seus colegas, como se simulasse uma briga. Esses alunos, em nenhum momento se destacaram negativamente em relação ao restante na hora do intervalo, pelo contrário, tiveram um comportamento bem próximo dos demais.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados colhidos nesta pesquisa renderam resultados preciosos e muitos deles corroboraram significativamente com a carga teórica do trabalho. As falas dos professores e a observação reforçaram ainda mais o que pôde ser encontrado na literatura, como por exemplo, no que diz respeito às definições de indisciplina. Oliveira (apud TREVISOL, 2007, p.5) relaciona a indisciplina diretamente com as atitudes dos alunos e aponta alguns comportamentos específicos, como falar junto com o professor, responder com grosseria, desobedecer e bagunçar. Assim como o autor, as professoras apontaram comportamentos semelhantes, tais como: agitação/movimentação, afrontar/desafiar o professor, excesso de conversa e desrespeitar as regras.

Oliveira (2004) também diz que além dos professores relacionarem a indisciplina a fatores comportamentais, eles também refletem seus sentimentos, crenças e opiniões quando julgam o fenômeno indisciplinar. Isso pôde ser visto diversas vezes nas falas das professoras quando foram entrevistadas.

Uma das causas da indisciplina bastante citada pelas docentes foi a falta de limites das crianças, em consonância com a entrevista, De La Taille (1996, p. 9) concorda com esse quadro apresentado pelas professoras ao dizer que “[...] as crianças, hoje, não teriam limite, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria”. Ainda nesse sentido, complementa:

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo. (DE LA TAILLE apud TREVISOL, 2007, p. 3)

Ainda em relação às entrevistas, as professoras disseram que muitas vezes elas precisam mudar o planejamento inicial da aula, pois, não conseguem trabalhar certos conteúdos em salas indisciplinadas como esta observada. Disseram também que elas deixam de fazer coisas diferentes nas aulas, segundo uma das professoras “fazer mais pela sala”, porque é uma sala difícil. Segundo Aquino (1997) a disciplina não deve ser um pré-requisito para o processo de ensino e aprendizagem, ele deve acontecer independente disso. A disciplina ou a indisciplina é uma consequência do trabalho feito em sala de aula e não um fator condicionante para o mesmo. Porém, o mesmo autor (1996) afirma que não há meios de escolarização sem a disponibilidade do aluno para com seus colegas e para com o professor e

seu trabalho. Essa disponibilidade depende um pouco de disciplina e muito de consciência, mas essa só pode vir da família. Nesse sentido, Aquino nos aponta mais um problema, o qual foi referenciado pelas professoras também.

Chegamos, assim, a um impasse: a educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re)estabelecimento de algumas atribuições familiares. (AQUINO, 1996, p. 46)

Os professores perdem muito tempo tentando disciplinar os alunos, quando na verdade, deveriam estar explorando, com o aluno, o campo do saber. Quando o docente se afasta do seu papel primordial, que é a de (re)produzir conhecimento, e começa se preocupar com problemas que não são de sua responsabilidade, três efeitos se sucedem:

Primeiro: o desperdício da força de trabalho qualificada, do talento profissional específico de cada educador. Segundo: o desvio de função, pois professores deveriam ater-se a suas atribuições didático-pedagógicas. Terceiro: a inevitável quebra do contrato pedagógico, o que implica, a nosso ver, um comprometimento de ordem ética, uma vez que a proposta de trabalho educacional raramente se cumpre de maneira satisfatória, gerando assim um estado aberto de ambiguidade e insatisfação – tão fácil de constatar atualmente... (AQUINO, 1996, p. 47).

Foi possível perceber nos dias de observação que alguns alunos se comportam de forma diferente nas aulas de cada professor. Alguns alunos podem ser considerados indisciplinados em determinadas aulas e em outras não. Brito (2007, p. 116) aponta em suas pesquisas que:

[...] a indisciplina na Educação Física está relacionada com as atitudes dos alunos, que podem ser manifestadas por meio da displicência e da recusa (resistência) à atividade proposta, bem como da afronta ao professor.

Isto pôde se confirmar na fala da própria professora de Educação Física e nitidamente na observação de suas aulas. Porém, essa atitude de resistência dos alunos à atividade pôde ser vista nas aulas das outras professoras também. Essa recusa dos alunos em participar do processo educativo aponta para a expressão de indignação por parte deles em relação aos moldes da escola atualmente, no qual, a necessidade de disciplinar, de padronizar os alunos, precede a formação. Os alunos clamam por mudança no meio escolar e nas relações em geral, principalmente na relação professor-aluno. Aquino (1997, p. 7) julga um absurdo as escolas de hoje em dia se assemelharem às escolas do século passado e em concordância com ele Vasconcellos (apud SANTOS, MENDES & HADDAD, 2001, p. 4) diz que, atualmente, nas escolas

[...] “tudo mudou” e deve existir, ao contrário da *educação de antigamente*, uma relação de respeito entre o aluno e o professor. Esse respeito deve ser conquistado pelo docente. Uma vez que, o perfil do aluno presente nas escolas de hoje não é o mesmo que o de “antigamente”, o professor espera que o aluno traga um “reconhecimento natural” para com ele, esse tempo historicamente já passou. Isso tem gerado uma preocupação nos docentes que mostram, muitas vezes, resistências a essa *nova postura*, o professor precisa exercer a sua autoridade na área intelectual, profissional, e ética, se comprometendo com o processo pedagógico na formação humana dos sujeitos.

Ainda em relação à isso, na entrevista a professora regular da sala dá sua opinião sobre as escolas e seus padrões regentes, principalmente as públicas do Estado de São Paulo:

“(...) nos moldes que a gente tem hoje do Estado, eu acho que trava muito, eu acho que tolhe muito, sabe? E eu acho que têm crianças que têm um potencial que a gente ainda não consegue dimensionar e trabalhar na sala de aula, eu acho que isso leva meio que uma estafa, um cansaço, sabe? E mesmo a criança sendo muito boa, ela não se interessa, sabe? É muito chato. (...) Então eu acho que a escola hoje, nos moldes que ela tem, ela é uma grande responsável por essa indisciplina, por esse descrédito.”

Neste contexto, Aquino (1996, p. 44) afirma que a indisciplina estaria indicando que a escola não está preparada para receber o aluno de hoje, um aluno diferente do idealizado, um “novo sujeito histórico”. Esse aluno é cheio de inovações, por este motivo se opõe ao velho modelo da instituição escolar.

A escola também acaba intensificando e reproduzindo a indisciplina no seu interior a partir de suas atitudes. Nesse sentido, Silva, Andrade & Santos (2009-2010, p.255) dizem que

[...] em um espaço que seria apenas para a educação e para a aprendizagem dos alunos, estão presentes também situações de violência que tendem a deteriorar esse processo de grande relevância para o desenvolvimento social e intelectual do alunado; assim, a unidade de ensino também deve ter o cuidado para não reproduzir essa violência por meio de ações e atitudes dos seus atores, a exemplo de castigos, exclusões, punições inadequados.

Outro fator que pode agravar a situação da indisciplina é intervenção feita de forma incorreta. Durante a observação e em meio à fala das professoras, foi possível perceber que isto ocorre com frequência por parte delas. Nota-se que os professores em geral, não sabem lidar com a indisciplina, nem agir de forma eficaz para acabar com ela. Porém, esta falta de habilidade frente à indisciplina deve-se a formação deficitária dos professores e para que haja uma mudança nesse quadro, Silva, Andrade & Santos (2009-2010, p. 256) afirmam que

[...] é importante também inserir nos currículos dos cursos de formação docente disciplinas que dêem respaldo científico para que docentes e educadores(as) intervenham competentemente em situações de indisciplina e violência escolar, já

que tais profissionais são os maiores responsáveis pela condução do trabalho escolar e vivem em primeira instância tais situações, muitas vezes sem nenhum preparo e formação adequada (o que os leva a tomarem decisões baseados no senso comum e em modelos não eficazes).

Porém, vale ressaltar que a indisciplina não é responsabilidade apenas da escola e/ou da relação entre professor e aluno, a indisciplina depende também do “lugar que a escola ocupa na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa” (DE LA TAILLE, 1996, p. 22).

No contexto da escola tradicional, ou seja, na maioria das escolas hoje em dia, uma sala de alunos ativos, questionadores, agentes de mudança e participantes do processo educativo muitas vezes é confundida com uma sala indisciplinada. Esta visão está presente também na fala das professoras entrevistadas e intrínseca no meio escolar. Porém, é preciso que fique claro que “o ato pedagógico é o momento de emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos” (PASSOS, 1996, p. 118).

Essa atividade de construção do conhecimento não pode ser confundida com indisciplina em hipótese alguma, pois depende desta o processo de ensino-aprendizagem e a formação plena dos alunos. Como diz Aquino (1996, p. 53), “anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos”.

A educação é uma via de mão dupla, ou seja, depende tanto do professor como do aluno. O saber só pode ser alcançado, quando as duas partes estão integradas em busca do mesmo objetivo. Assim sendo, Aquino (1997, p. 12) dá respaldo à essa idéia quando diz que

[...] o professor não é um difusor de informações, e muito menos um animador de platéia, da mesma forma que o aluno não é um espectador ou ouvinte. Ele é um sujeito atuante, co-responsável pela cena educativa, parceiro imprescindível do contrato pedagógico.

Assim como o processo educativo é de responsabilidade tanto do professor, como do aluno, a indisciplina também o é, pois, ambos fazem parte do mesmo contrato pedagógico, do ambiente da sala de aula e da vida escolar de modo geral.

A partir das observações e das falas das professoras, foi possível traçar um paralelo entre os dados colhidos e o desenvolvimento infantil nessa faixa etária. A primeira concordância entre os resultados e a teoria é a nítida segregação de gênero presente nas

brincadeiras e amizades dessa idade. As meninas só brincam com meninas e os meninos com meninos, exceto nas brincadeiras de pegar (BEE, 1997).

Os grupos de amizade dos garotos são maiores, aceitando mais os recém-chegados do que as meninas. Eles brincam mais ao ar livre e percorrem uma área maior em suas atividades. Meninas brincam mais em ambientes fechados, ou nas proximidades da casa ou da escola (GOTTMAN apud BEE, 1997, p. 296).

Pôde-se constatar também que os meninos são mais agressivos e competitivos, já as meninas são mais “condescendentes”. Assim como são mais sujeitos a punições e proibições do que elas. Por influência dessas características ou não, nas entrevistas as professoras indicaram apenas meninos como sendo indisciplinados.

Um dos alunos apontados, inclusive, possui déficit de atenção e hiperatividade. Nos estudos feitos acerca do assunto, foi possível perceber uma forte relação entre os comportamentos previstos como característicos do transtorno e suas atitudes em sala de aula. Porém, nenhuma das soluções indicadas para o problema estavam sendo feitas, como por exemplo, medicação ou ambiente de sala de aula adequado. Pensando o TDAH e os moldes da escola atual, Belsky (2010) diz que esse “ensino escolar formal” é muito recente na história humana, nossos antepassados não precisavam ficar horas em uma sala de aula sentados, como as crianças ficam hoje em dia. Segundo ela, esse problema contemporâneo, o TDAH, poderia estar indicando um mau ajuste entre a sociedade e a infância. Ela ainda acrescenta:

Isso traz à tona a controvérsia em torno do diagnóstico de TDAH. Não estaremos supermedicando as crianças para uma condição que às vezes pode não ser “real”? O fato de que um percentual espantoso de 10% dos meninos de 5ª série nos Estados Unidos recebeu esse diagnóstico (e a prevalência muito mais baixa de TDAH na Europa) sugere que nos Estados Unidos, esse rótulo contemporâneo pode estar ampliando-se demasiadamente (Nissen, 2006). Especialmente preocupante é a inclinação masculina do TDAH. [...] os meninos são biologicamente programados para se movimentar. Sem negar que o TDAH pode causar considerável sofrimento a crianças e adultos no mundo de hoje, que papel as forças culturais poderiam desempenhar na frequência desse diagnóstico neste período particular da história? (BELSKY, 2010, p. 190 – referência feita pela autora)

Nesse encaminhamento, mais uma vez os resultados e as teorias apontam para um antiquado e ultrapassado modelo escolar, no qual os alunos não conseguem mais se enquadrar à ele e o mesmo não está preparado e não se modificou para se adequar aos seus alunos, que se inovam cada dia mais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi satisfatória em todas as suas vertentes e fazendo um apanhado geral das principais impressões pode-se dizer que em relação à entrevista das professoras ficou claro que elas não possuem uma visão muito clara sobre o tema indisciplina, além disso elas não têm definido o que é de fato e por isso empregam seus valores e crenças. Por conta dessa falta de clareza, elas se contradizem o tempo todo sobre o que pode ser considerado indisciplina ou não; é como se tivessem vários pesos e medidas ao julgarem a indisciplina. Pôde-se notar também o desconforto das professoras ao citarem os nomes dos alunos considerados indisciplinados, elas pensaram bastante para falar e também justificaram diversas vezes suas escolhas. Neste momento, houve a preocupação e o cuidado da pesquisadora em esclarecer que estas menções não imputavam nenhum tipo de estigma aos alunos, já que eles seriam observados em relação aos demais colegas e que esta solicitação era parte de um objetivo mais amplo, o de compreender como a indisciplina se “corporifica” na sala de aula na visão das professoras.

Reunindo as informações colhidas nas entrevistas e na observação foi possível perceber que os alunos de fato não compreendem as regras e não participam de sua elaboração, as normas são impostas a eles e eles são obrigados a cumprir sem questioná-las. Essa falta de sentido e o sentimento de não participar e não pensar sobre o meio em que convivem, faz com que os alunos não respeitem as regras. Pôde-se constatar também que são atribuídos alguns rótulos aos alunos considerados indisciplinados, eles são desacreditados pela escola de modo geral, são excluídos e marginalizados. Eles são vistos de alguma forma como “infratores”, como alguém que burla as regras da boa convivência e por carregarem esses rótulos, são julgados como indignos de confiança e são sempre culpados pelas situações de conflitos em que estão envolvidos, independente de terem provocado aquele acontecimento ou não.

Tratando da questão da indisciplina dos cinco alunos focados, pode-se dizer que apenas M1 e M2 se destacaram de alguma forma pelo comportamento e aprendizagem em relação à maioria dos alunos. P, R e B se igualaram a sala em vários sentidos, como por exemplo: conversa, agitação/movimentação, nível de aprendizagem e obediência as regras. É importante ressaltar que esta sala observada é uma sala bastante falante, agitada, ativa e de opiniões fortes e que tem incentivo para tal, portanto neste contexto, os casos de indisciplina citados não se acentuaram, é preciso aprofundar mais os estudos para que essa indisciplina

possa ser comprovada, pois os alunos não se destacaram significativamente em relação à massa.

Fica evidente, que os desejos e atitudes das crianças de hoje em dia não condizem com os moldes da escola e as expectativas e concepções dos professores. Esses aspectos destoam visivelmente no ambiente escolar e é aí que consiste uma das maiores respostas em relação ao problema da indisciplina. A organização atual, pautada ainda nos séculos passados, onde preza-se pela ordem e pela disciplina, não condiz com o aluno atualizado, tecnológico e ativo do século XXI. Por conta desse mundo informatizado, onde tudo é acessível e rápido, as crianças se tornaram também mais agitadas, práticas, informadas e críticas. Elas pedem uma escola mais dinâmica e interessante, que sacie a sua fome de rapidez na informação, mas também de conhecimento. Onde eles possam agir, conversar, debater e expor seus pontos de vista e com consciência colaborar na construção do saber. Não se pode mais manter crianças em uma sala dividida por séries, onde o único instrumento de trabalho é o lápis e o papel, onde elas se dispõem sentadas umas atrás das outras e em silêncio esperam passivamente a transmissão do tão sonhado saber que vem exclusivamente do professor e do livro didático.

Pode-se concluir então, que é hora de mudança, as crianças mais uma vez estão à frente dos demais nessa revolução da educação. Mais do que nunca, é preciso repensar a escola, seus objetivos e funções, assim como sua forma de organização e seus moldes disciplinares. Para que ela, a escola, possa cumprir com seu papel de forma efetiva e para que seus atores queiram estar e participar da sua ação epistêmica e humanizadora.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In: AQUINO, J. G. (Org.). *A indisciplina na escola.* São Paulo: Summus, 1996.
- AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual.** São Paulo: FDE, 1997.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- BEE, H. **O ciclo vital.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BELSKY, J. **Desenvolvimento Humano: Experienciando o ciclo da vida.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.
- BRITO, C. S.. **A indisciplina na Educação Física escolar.** 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.
- CORREIA, M. L. **Papel social do diretor com relação à indisciplina escolar.** 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.
- DE LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, J. G. (Org.). *A indisciplina na escola.* São Paulo: Summus, 1996.
- DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo.** Rio de Janeiro, Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, 2002.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** Curitiba, Revista Paranaense de Desenvolvimento, v. 34, n. 95, p. 101-108, 1999.
- GARCIA, J. **O que desejam os indisciplinados?** In: Congresso Nacional de Educação, n. 4, 2009. Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2009, p. 7127-7136.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLBA, M. A. M. **A indisciplina escolar na perspectiva de alunos.** 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

GROSS, I. **Discurso pedagógico sobre Indisciplina Escolar**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

OLIVEIRA, R. L. G. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

PASSOS, L. F. **A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados**. In: AQUINO, J. G. (Org.). *A indisciplina na escola*. São Paulo: Summus, 1996.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 3 ed. London: Sage Publications, 2002.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

SANTOS, L. G. dos; MENDES, F. M. D.; HADDAD, J. P. **Um estudo sobre a pesquisa educacional e a indisciplina escolar**. In: SIEDUCA - Seminário Internacional de Educação "Docência nos seus múltiplos espaços", n. 11, 2011. Cachoeira do Sul. Anais... Cachoeira do Sul: ULBRA, 2011. Disponível em: http://www.sieduca.com.br/2011/admin/upload/171_SIEduca%202011%20Lu2.doc. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

SILVA, A. P. dos S.; ANDRADE, F. C. B. de; SANTOS, C. S. G. dos. **Percepção social da violência na escola: Um olhar à luz da competência inter-relacional**. Paraíba, Espaço do Currículo, v. 2, n. 2, p. 248-259, 2009-2010.

SILVA, M. P.; NEVES, I. P. O que leva os alunos a serem (in)disciplinados? Uma análise sociológica centrada em contextos diferenciados de intecção pedagógica. **Revista de educação**, Lisboa, v. XII, n. 2, p. 37-57, 2004.

SIMON, I. **Indisciplina escolar e autoridade docente**. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

TREVISOL, M. T. C. **Indisciplina escolar: Sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental**. Joaçaba: UNOESC, 2007.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista aplicada aos professores para aferir quais são suas opiniões acerca do tema Indisciplina

Identificação:

- Nome: _____
- Sexo: Masculino () Feminino ()
- Vínculo profissional:

Professor efetivo ()

Professor substituto ()

Outro () Qual? _____

- Que disciplina leciona? _____
- Quantos anos de docência? _____
- Quantos anos nesta mesma escola? _____

Questionário específico:

1. O que é indisciplina para você?
2. O que caracteriza um /a aluno/a indisciplinado/a?
3. Quais as principais causas da indisciplina na sala de aula e em outros espaços da escola?
4. A quem você costuma atribuir a responsabilidade pela indisciplina do aluno?
5. A indisciplina na sala de aula prejudica o aprendizado dos alunos? Como?
6. O que é preciso fazer para evitar atos de indisciplina na sala de aula?
7. Você trabalha com regras na sua aula? De que forma?
8. Em sua sala de aula há aluno (os) que você considere indisciplinado (os)? Cite nomes.

APÊNDICE B

Entrevista com as professoras

1. Identificação:

- Nome: Cristina Garcia (Nome fictício)
- Sexo: Feminino
- Vínculo profissional: Professor efetivo
- Disciplina que leciona: Arte
- Tempo de docência: 17 anos
- Tempo na atual escola: 7 anos

N = Natália (pesquisadora)

C = Cristina (professora)

Questionário Específico:

N: O que é indisciplina para você?

C: Ai, indisciplina ai, o que é indisciplina? (aproximadamente 5 segundos de pausa em silêncio) É você conversar, falar com o aluno (começou a resposta com a voz trêmula, gaguejando) e ele responder para você.

N: Essa questão de afronta?

C: (Concorda com a entrevistadora) É, de afronta. (Pausa de 2 segundos). Porque conversar em sala de aula, eles conversarem em sala de aula, na minha aula é normal. Eles falam bem mesmo! Apesar que hoje eu falei “Gente vocês não têm consciência do que vocês fazem conversando. Porque se você tá, tem que observar um desenho, se você tem que copiar aquele desenho, então você tem que ta em silêncio, não pode ta conversando. Aí você fala que não sabe, que não consegue, que não sai. Mas se você senta, foca naquilo que você vai fazer, sai!” Tanto que quem ficou quieto terminou o trabalho. Começou e acabou. Agora tem gente que não fe... (gaguejou) nem mal começou. É conversa... (gaguejou de novo) E eu falei: Não tem problema, acho que não tem problema conversar, tem que conversar mesmo, tem que conversar um pouco, mas eles tem que ter consciência que eles tem que focar no que eles tão fazendo.

N: Então você acha que assim, conversar, essa falta de atenção, você não vê como indisciplina?

C: Não, não vejo. Na minha disciplina não. Porque a maior parte do tempo eu não to falando com eles. Eles... eu já explico... (entrevistadora interrompe)

N: Eles estão desenvolvendo algum... algum trabalho?

C: Eles tão desenvolvendo o trabalho. A conversa eu acho que não, não é indisciplina. Mas, é... o excesso de conversa, aí sim né? A fal... (gaguejou) gritar al... gritar... chamar o colega lá do outro lado da sala em voz alta, ai já chega a ser... (gaguejou) é indisciplina.

N: Então indisciplina pra você é te afrontar?

C: É.

N: Não ter respeito com você?

C: Não ter respeito... Não ter respeito.

N: Tá! E pra você o que caracteriza um aluno indisciplinado? Que característica ele tem?

C: Ele é distraído... tá sempre fora do lugar... conversando, entendeu? Porque daí você chama atenção, ele fala: “Espera!” Eu falo assim: “Mas quem... não sou eu que tenho que esperar. É você que tem que ir pro seu lugar”. “Fulano vai pro seu lugar... “Espera!” (pausa de 2 segundos)” Eu fico gente, eu vou esperar? “Eu preciso conversar... Aaah eu preciso conversar com ele”. Falei: “Mas agora não é hora de conversar com ele”. (pausa de 2 segundos) entendeu?

N: Você acha que tem mais alguma coisa que... algum comportamento que caracterize, que é comum entre as crianças indisciplinadas?

C: (2 segundos de silêncio) Eu acho que a falta de concentração, porque eu... aaan... o problema da, dos alunos indisciplinados é que como eles não tem, eles não conseguem se concentrar, eles acabam se dispersando e conversando e saindo do lugar. Eu acho que o principal problema é a falta de concentração. Porque se eles se concentram, ele consegue fazer o que ta sendo pedido. Mas eles não conseguem se concentrar, então ele não consegue fazer e ele acaba conversando, dispersando e falando alto, saindo do lugar. Aí você pede pra voltar e ele fala “não” ou “espera”, desse jeito!

N: Tá! E você acha que... é... quais são as causas da indisciplina? Você acha que a indisciplina tem uma causa? É o aluno que tem algum tipo de problema, é a família que transformou esse aluno, que deixou esse aluno dessa forma, é a influência do meio? Você acha que tem alguma causa pra essa indisciplina?

C: Ó, eu acho assim, assim... que tem muita criança que não tem limite em casa, que vem pra escola com essa falta de limite, não sabe o que é não, não sabe seguir regras, é... ele faz o que

ele quer a hora que ele quer, a hora que ele bem entende. Eu acho que assim, a... a ausência da família na escola contribui muito. Porque, nossa, os alunos que, assim, são mais indisciplinados, são os alunos que a família não ta presente na escola. E quando você chama pra conversar, o filho ta cer... ta correto. Acha que o filho... “Mas ele é assim em casa, ele é desse jeito em casa. Do mesmo jeito que é na escola é em casa.” E ela acha normal. Só que é ela com uma criança só, ou um... (gaguejou) dois, ou três né? No máximo três filho. Mas pensa essa criança numa sala com 35 alunos, que é o caso da sala que a gente ta focando, que é uma sala com 35 alunos. E ele... ele fazer o que ele quer, a hora que ele quer, quando ele bem entende, não a hora que é orientado ele a fazer.

N: Então você acha que a ausência de limites é a principal causa?

C: É. Ai também tem a... aaa... não alfabetização, a criança que tem dificuldade né? Que não conseguiu ser alfabetizada corretamente. A criança quando não consegue ser alfabetizada, o que acontece com ela? Ela se dispersa, ela começa a conversar, porque se ela não consegue fazer aquela atividade, ela vai procurar alguma outra coisa pra fazer. E ela acaba começando a conversar, a sair do lugar. Então assim, a alfabetização incorreta também da criança, a criança que não é alfabetizada corretamente ela se dispersa.

N: Então você acha que a indisciplina prejudica o aprendizado do aluno?

C: Prejudica com certeza! E o problema é que quanto mais velha a criança, mais difícil de recuperar ela.

N: Mas de que forma você acha que atrapalha? É... o aprendizado feito incorretamente gera essa indisciplina ou a indisciplina gera esse aprendizado ruim?

C: Não... Eu acho que o aprendizado ruim gera a indisciplina.

N: A criança que não aprende se torna indisciplinada?

C: (Ela repete o que a entrevistadora diz) “A criança que não aprende se torna indisciplinada”. Porque ela não... se ela não consegue fazer aquela atividade, ela não consegue ler aquele texto, ela vai procurar outra coisa pra fazer.

N: Mas você acha que essa criança indisciplinada ela não aprende porque ela é indisciplinada?

C: (3 segundos de silêncio) HUUUU... Não porque...

N: Ou você acha que não tem relação?

C: Não porque a criança quando começa no 1º ano ela não tem esse problema de indisciplina eu acho, entendeu? Eles estão todos juntos, só que lógico que algumas crianças tem problemas diferentes, que hoje em dia ta bem comum no nosso meio. São pro... crianças que tem laudo médico, que tem uma deficiência a mais.

N: Entendi. Então você acha que a indisciplina é por conta do aprendizado dele que está com déficit?

C: Com déficit no aprendizado, só tem ai, nós temos alunos que já chegou pra nós com... com problemas intelectuais. Essa criança não consegue acompanhar, por mais que o professor trabalhe individualizado com ele, ele não consegue acompanhar. E ele acaba fomentando a sala. Porque a gente tem casos assim, que não, que no ano passado foi trabalhado individualizado com ele e ele não vai. Quando ele ta na sala ele perturba a sala inteira e mexe com as crianças, e ai fica mais complicado de trabalhar.

N: Entendi.

C: Mas é um caso assim, é um problema diferente, não é, ele não tem (gaguejou), não é alfabetizado. Ele vem com um laudo, um diagnóstico de um problema sério de déficit intelectual que acaba prejudicando o restante da sala, que o dia que ele está em sala você não consegue trabalhar direito com a sala, porque você tem que ta o tempo todo chamando atenção. E mesmo você chamando atenção, ele não te dá atenção. Ele fica quieto um minuto, mas você virou pro lado ele ta fazendo o que ele tava fazendo do mesmo jeito.

N: Então você acha também que atrapalha seu planejamento?

C: Ah sim, atrapalha... Atrapalha porque a gente planejou, eu pelo menos tenho esse costume, tudo que eu vou dar eles fazem uma coisa, eu ando pela sala pra ver como que ta. Aí quem ta errado eu falo “faz isso”. Não é que ta errado, né?

N: Fugindo do objetivo?

C: (Repete a fala da entrevistadora) É... tem que fazer um traço, mas é um traço de tamanho médio só que ele faz um pequenininho. “Não, eu quero maior o traço, faz o traço maior”. Ou fez... “Não ta muito grande, precisa diminuir o traço”. Ai andando pela sala então... Nisso a gente perde um tempo andando e olhando. E nisso esse criança que não consegue, ela ta procurando o que fazer ou ta virado pra trás ou ta conversando com o outro, levantando, indo na carteira do outro, entendeu?

N: Tá, e você acha que a quem deve-se atribuir a responsabilidade pela indisciplina? Quem é responsável pela indisciplina? É o aluno? É os pais que educaram esse aluno? É o professor que está com um planejamento que não é adequado pra ele (aluno), que pra ele não é interessante? É o meio que ele convive que influencia ele? Você acha que tem algum responsável pela indisciplina?

C: Não, um re... um responsável não. Eu acho que um conjunto de coisas que acontece que gera a indisciplina. É... a ausência da família na escola, da família não... não só na escola, mas de acompanhar o que o filho ta fazendo, de chegar... a criança chegar em casa pegar o caderno

e olhar o que ele fez, porque que ele não fez, porque que ta daquele jeito, procurar a escola pra saber. O professor também, que tem professor que não trabalha corretamente, que a gente tem que ver os dois lados, tem criança que tem problema, mas também tem aquele professor que não se dedica, que acaba abandonando aquela criança que tem problema, que... então... assim... é o meio que ele convive acho que não é uma pessoa, não é uma coisa só, eu acho que é um conjunto de coisas que leva a esse problema, essa indisciplina.

N: Entendi. O que você acha que é preciso fazer para evitar esses atos de indisciplina?

C: (3 segundos de silêncio) Ó... (Mais 7 segundos de silêncio) Assim... acho que a família tem que ta mais presente na escola, acompanhando mais a vida do aluno, as vezes a gente faz reunião não vem quase nenhum pai saber como ta o filho. É... um número menor de criança por sala, ta? Principalmente no período de alfabetização, que é 1º, 2º e 3º ano que eu acho que precisa ter menos aluno na sala pro professor poder dar mais atenção para aquelas crianças que tem mais dificuldade. É... esse ano foi implantado em todas as salas o professor, o P.A., o professor de apoio, né? Que ajuda, que senta com aquelas crianças que tem mais dificuldade, só que tem salas que não tem, que é complicado. Então precisava ter mais, e um horário mais... que são 8 horas por semana, precisava ter mais horas por semana pra acompanhar o professor na sala. Porque daí numa sala com 35 alunos, acho que é 35 na sala da Bel, é... se tem um professor que pode pegar aquele aluno que tem mais dificuldade na sala pra sentar com ele e ir auxiliando ele na atividade, é... ele teria... ele conseguiria recuperar o aprendizado que ele perdeu. Há falta, há muita falta, tem criança que falta demais na escola, porque qualquer problema, qualquer coisinha não vem na escola e depois perde o conteúdo daquela aula, daqueles dias que ele faltou. E é complicado você retomar o assunto por causa daquele aluno, porque você tem mais 30 e poucos alunos que ta adiantado.

N: Diminuir essa ausência?

C: É, diminuir a ausên...(gaguejou) é... faltar menos à escola, entendeu? É... Bom... esse professor de apoio que foi colocado eu achei muito bom, só que acho que precisava aumentar esse número de horas desse professor de apoio, que as salas que tem, é... auxilia muito porque o professor... fica aquele professor... escolhe... é... (gaguejou, ficou confusa) a professora fala “Você vai ficar com tal, tal aluno” e dá atividade na sala e o professor vai lá, o professor de apoio vai trabalhar aquela atividade que ta trabalhando com o resto da sala, mas individualizado com o aluno.

N: Para aqueles que tem mais dificuldade?

C: Aqueles que tem mais dificuldade. Então na sala, as que tem, auxilia. Os alunos tem se desenvolvido mais.

N: Então você percebe que a indisciplina melhora quando esse professor de apoio está com essas crianças com mais dificuldade?

C: É, melhora. É, com mais dificuldade.

N: Então daí eles não têm tempo pra...

C: É, não tem tempo pra eles ficarem é...

N: Perturbando?

C: É, perturbando a sala. Eu vejo pouco isso, porque quando eu entro na sala a professora de apoio sai. Ela fica na sala nas aulas de português e matemática, junto com a professora da sala, quando eu entro ela sai da sala.

N: Então você pouco vê isso.

C: Então eu pouco vejo. Mas eu sei que os professores comentam: “Ai fulana...” Principalmente porque eu tenho o costume de perguntar pros professores como é que tá porque como eu conheço os alunos já do ano passado, do ano retrasado, então eu sei quem tem mais dificuldade quem não tem. Aí eu pergunto: “E fulano como tá? Melhorou?” Daí a professora fala, a própria professora fala: “Fulana melhorou muito, olha só como que tá o caderno dela”. Mostra o caderno, entendeu?

N: E quando a indisciplina acontece você costuma intervir?

C: Sim, eu costumo.

N: Você faz algum tipo de intervenção?

C: Não, eu chamo atenção. Que nem semana passada aconteceu, um menino ele tem problema de deficiência intelectual e ele tava chamando o menino na sala de gordo e o menino ficou nervoso, o menino rasgou o papel que ele tava trabalhando e eu fiquei chamando a atenção dele. Eu chamei atenção várias vezes, a professora tava na sala chamou atenção e mesmo com a professora do lado ele mexia com o menino. Então daí no final da aula quando a gente tava fazendo um jogo ele continuou mexendo. Aí no final desse jogo eu faço as crianças ficar em estátua, eu falei “Estátua” e eu peguei o menino e levei para a diretoria. As crianças ficaram lá em estátua, paradinha, quase 5 minutos. Eu falei assim: “Não dá”, eu tô chamando a atenção dele desde o começo da aula, falando pra ele não falar e falando pro menino também não ficar olhando pra ele, porque ele fica nervoso e o outro mexe mais ainda. Mas ali tem outros problemas, não é só, e esse menino não é alfabetizado, ele não faz nada na sala de aula.

N: O que tem deficiência intelectual?

C: É, o que tem deficiência intelectual. Ele não faz nada em sala de aula.

N: Mas o menino com que ele mexe também é indisciplinado?

C: Não, não. Ele faz, só que o menino que ele mexe é muito nervoso. E ele é até relativamente gordinho, mas a gente não... não... (gaguejou) não tem que falar isso né? Mas ele ficava falando e o menino ficava nervoso. Nossa ele ficou muito nervoso. Aí eu depois que eu voltei para a sala eu falei: “Fulano, você sabe que se você fica mostrando que você tá nervoso ele vai mexer mais ainda, quanto mais você dá atenção à ele, mas ele mexe. Se você tivesse deixado ele falando sozinho ele tinha parado, mas como ele viu que você ficou... chamou sua atenção, ele continuou fazendo. Era só você não ter olhado pra ele mais, ter virado pra frente e não... e ele falando e você nem ter escutado o que ele tinha falado.” Mas criança é complicado. E o problema do menino, ele não tem jeito, ele não tem condições de... ele, ele não é alfabetizado, ele não faz as coisas em sala de aula e fica mexendo com as pessoas, entendeu? Mas é um problema de indisciplina que não tá ligado só a não-alfabetização, ele tem problemas...

N: Outros problemas...

C: Outros problemas, é... intelectuais, entendeu?

N: Você tem costume de trabalhar com regras na sua aula?

C: Tenho sim, existe regras.

N: De que forma você trabalha essas regras?

C: É... Assim, é... enquanto eu estiver explicando eles têm que prestar atenção.

N: Mas você deixa claro? Por exemplo, no início da aula você deixa claro quais são as regras?

C: Quando começa, é... assim, eu vou entregar o caderno eu to... pra quem eu... pra quem eu entrego o caderno, então eu chamo, eu vou chamar (gaguejou muito), “Mas gente eu vou chamar em voz baixa, eu não vou ficar gritando. Então tem que prestar atenção. A hora que a professora tá falando é pra ficar prestando atenção. Depois que a professora terminou de explicar vocês podem conversar baixinho”. Banheiro é um de cada vez, vai ao banheiro um de cada vez, vem pedir: “Professora quero ir ao banheiro.” “Pode.” Vem outro... “Tem gente ao banheiro, quando voltar você vai.” Entendeu? Mas também tem aquelas, tem as regras que se não cumpre as regras eu não deixo mais. Tem um aluno que ele pediu uma vez pra ir ao banheiro e não voltou mais, ficou andando pela escola. Mas é um aluno que tem deficiência intelectual. Agora ele pede pra ir ao banheiro eu falo (rindo) “Não, você não volta.” “Prometo que vou voltar professora, eu prometo!” Falei: “Eu não eu não acredito nas suas promessas, porque você já prometeu e você descumpriu.” Eu sei que é pesado, principalmente porque é uma criança que tem deficiência intelectual, mas é... agora ele tá melhorando, ele já não fica mais tanto pedindo pra ir ao banheiro. Porque ele já aprendeu que não adianta pedir, mas eu sou, as regras que eu coloco no começo do ano eu cumpro durante o ano inteiro. Banheiro vai

um de cada vez. Uma outra regra é, que eu também uso, se não trabalha, se não produz, não tem direitos. Se o aluno não ta produzindo, se vier pedir: “Ai professora posso ir ao banheiro?” “Não, não vai porque você não ta fazendo nada!” Mas isso é mais pros grandes, porque os pequenos eles trabalham legal na sala de aula, isso aí é diferente.

N: Mas isso você fala no início do ano letivo?

C: No início do ano letivo.

N: Você não costuma repetir em todas as aulas por exemplo?

C: Não, porque é que nem fazer um... um... é um combinado né?

N: Mas você coloca por escrito ou só verbalmente?

C: Não... Não... Só verbalmente. E cada sala funciona de uma maneira né? São salas diferentes umas das outras.

N: Você vai percebendo o que que dá certo com cada uma?

C: É, tem sala que eu consigo trabalhar e chegar no final da aula, recolher o caderno e ainda fazer uma brincadeira com eles. Mas tem sala que não dá, eles enrolam tanto pra fazer que chega no final da aula eu não consigo recolher o caderno antes de dar o sinal pra eu sair da sala. Tem a sala da Bel mesmo, a sala da Bel eu nunca consigo terminar antes de acabar, antes de chegar a hora do sinal. Porque a minha aula é a primeira, tem um dia que é a primeira, só que até entrar pra sala já perde 10 minutos. Aí até desenvolver, chega no final da aula, é que eu não recolho o caderno deles, o caderno fica com eles. Mas não dá tempo de fazer uma brincadeira no final da aula. Na outra, no outro dia que é aula, é... 10 minutos antes de acabar minha aula é o horário do intervalo, que eles saem pro intervalo, então eu já, então nunca com eles eu consigo fazer uma brincadeira no final da aula, porque não dá tempo. É uma sala grande, numerosa e ali tem alguns problemas de indisciplina pontuais.

N: Tá. E na sala, nessa sala do 3º ano quem deles você considera indisciplinado?

C: O Mateus.

N: Tem dois não é?

C: O Matheus Trindade, não... é! (ficou confusa)

N: É o Mateuzinho e o Mateuzão, né?

C: O Mateuzão.

N: O Mateuzão é o Mateus Trindade?

C: Acho que é... é o Mateuzão. Eu acho assim o mais difícil de lidar. Porque o Mateuzinho tem... é difícil, mas ele é mais fácil de controlar.

N: Se você pudesse listar três?

C: É o Mateuzão, o Mateuzinho, ai agora é duro hein?! Aí tem...

N: Se não tiver, se você achar que não tem...

C: Não, ter, tem! Mas é difícil. Tem até mais de 3. Tem o Thiago, tem o Renan. (2 segundos de pausa) Não digo que sejam assim, que respondam, mas que... Tem o Pedro, que não chega assim, não chega a ser indisciplinado, mas andam muito pela sala, conversam demais, você fala que... manda sentar aí acaba mexendo um com o outro. Quer ver quem mais? Tem mais um... ou não? (pensativa) Ai tem o Thauan (2 segundos de silêncio), alunos assim que andam muito pela sala, que não sossegam no lugar, sabe? Ta sempre andando muito. Esse Renan eu acho que ele tem dificuldade, tem um déficit de aprendizagem porque ele nunca sabe fazer nada, ele tem um déficit de aprendizagem, porque você pede pra fazer um negócio ele sempre enrola, entendeu? O Thiago é... (pausa) já tem histórico familiar, os primos e os irmãos estão na escola e eles sempre deram trabalho. Eles tiveram def... mas eu acho que o Thiago não tem problema de aprendizagem, ele sabe ler e escrever, só que adora uma conversa, entendeu?

N: Tem mais algum que você se lembra, que gostaria de citar?

C: (6 segundos de silêncio) Não... acho que não... não.

N: Se você tivesse que colocar os 3 mais? Mateuzão, Mateuzinho e desses quem mais que seria o terceiro que você acredita que seja indisciplinado?

C: O Renan. (Silêncio de 5 segundos) Entendeu?

N: Tem mais alguma coisa que você queira falar que eu não te perguntei? Você quer fazer alguma observação?

C: Não sei fia. É que... eu... eu sei assim, como você falou, o que é pra mim indisciplina? Pra mim é complicado dizer o que é indisciplina (2 segundos de pausa), porque é... o jeito que eu trabalho com as crianças em sala de aula, cada sala de um jeito e eles já me conhecem, então, não sei dizer se o que eu falei sobre indisciplina está correto.

N: Não, mas não tem correto. Porque a definição de indisciplina para você pode não ser a minha, o que você conhece de indisciplina pode ser uma coisa que eu não conheça. Então não tem certo nem errado, tem o que você sente, o que você acha que pode ser considerado indisciplina.

C: Eu acho que indisciplina ta principalmente ligado a falta de... aaa... a deficiência de aprendizagem, a criança não conseguiu aprender ela vai arrumar uma outra coisa pra fazer, ela não consegue fazer aquilo que ta na lousa, ela fazer, vai procurar...

N: Você acha que ela se sente excluída de alguma forma?

C: É, é uma exclusão né? É uma exclusão. Só que é... é complicado, cada um vê a indisciplina de uma maneira. As vezes eles tão numa bagunça tão grande na sala que pra mim não é

indisciplina, mas chega alguém e acha que é indisciplina. Eles tão conversando e tudo... Mas é... é diferente.

N: Eu agradeço Cristina, obrigada, viu?

2. Identificação:

- Nome: Maria Souza (Nome fictício)
- Sexo: Feminino
- Vínculo profissional: Professor efetivo
- Disciplina que leciona: Educação Física
- Tempo de docência: 20 anos
- Tempo na atual escola: 3 anos

N = Natália (pesquisadora)

M = Maria (professora)

Questionário Específico:

N: O que é indisciplina para você?

M: (2 segundos de silêncio) Ah... indisciplina... é... talvez pra mim seja o mal comportamento do aluno. As vezes você quer trabalhar uma atividade direcionada e aí o aluno ele não segue aquela... aquela forma adequada de estar trabalhando. Quem nem, a gente na Educação Física, eu tenho dois tipos de aula, a dirigida e eu tenho a aula livre. Então, na aula dirigida eu procuro trabalhar organização, manipulação, deslocamento e aí um aluno de repente ele sai, ele começa a chutar o outro, aaa fazer coisas diferentes, então isso pra mim é uma indisciplina.

N: Por conta dele não respeitar aquelas...

M: É... ele não ta adequando as regras, ele ta fora das regras. Porque aí você pede pra fazer alguma coisa, porque você tem que trabalhar o movimento do corpo, ta? Então quando ele quer brincar livremente, ele tem o dia certo que tem a aula livre, então eu deixo eles a vontade, tem muitos joguinhos culturais, agora quando é aula dirigida que é uma aula mais direcionada e eu pro.. programo essa aula, então aí ele não segue aquelas normas, ele sai das regras né?

N: E essas regras que você falou, vamos supor, todo jogo tem uma regra. Você costuma falar antes do início da aula? Por exemplo: “Hoje nós vamos ter futebol, as regras são essas”. Costuma?

M: Sim, sim. Tenho o hábito de falar sim. Que nem, eles já até conhecem o dia da aula livre e o dia da aula dirigida, né? E aí eu falo. Que nem, hoje, como eu vou faltar amanhã, hoje eu falei que ia dar um pouquinho de aula dirigida e depois eu ia deixar eles fazerem uma atividade livre, e eu ia trabalhar o ritmo, tá? E eu fiz e eles acompanharam, muitos brincaram, né? E... mas eles trabalharam certinho hoje, tá? Hoje eu observei que no ritmo eles até gostaram, porque foi uma coisa diferente, né? Que trabalhava som, manipulação e... o movimento do corpo, né? Mas eu não sei se eles fizeram porque eles iam ter a brincadeira livre depois né? Porque eu falei: “Ó... se brincar, se fizer a atividade certinho, depois vai ter a brincadeira livre, né?”. Então acho que eles se organizam melhor, mas por conta da aula livre.

N: Por conta desse presente no final?

M: Exatamente, eles gostam muito. Que nem, tenho várias opções de jogos né? Tenho corda, então a corda... tem a corda que eles pulam, a corda que eles fazem relógio-reloginho, é... tem jogo de tabuleiro. Tabuleiro seria o que? O jogo da velha, é... tem umas fixas que tem uns desenhos e eu tenho um potinho que tem várias letras né? Então também eles brincam com isso daí, tem chute a gol que eles fazem, tem... o bambolê que eu to sem agora, mas tem vários joguinhos, ooo... a bolinha de gude, então eles escolhem e sempre tem peteca, então sempre tem os grupinhos. “Ai professora eu gosto de brincar disso”, então cada um, eles se organizam em grupinhos. Então na verdade é uma aula livre, só que ela tem os seus estágios, né? Cada estágio é uma estação, vamos dizer. Então cada lugar da quadra, da quadra... é...

N: Então não é livre no sentido deles escolherem o que eles querem? Eles optam pelo o que... o que...

M: (Ela interrompe) Isso, é livre. Só que assim...“Ah eu prefiro jogar bola”, “Ah eu prefiro jogar peteca”, então eu direciono, cada ponto da quadra tem o seu lugar.

N: Não é assim então, por exemplo livre, “Ah hoje eu quero correr em volta da quadra”?

M: Não...

N: Não é nesse sentido? É no sentido de escolher as opções e brincadeiras?

M: É. E sempre direcionado à jogos culturais que eu faço, tá? As vezes até brincadeiras de roda elas fazem, amarelinha, né? Tem o caracol que as vezes eu desenho, que elas brincam. Então é vários jogos culturais, só que eles que optam pela brincadeira.

N: Que eles gostam mais...

M: É.

N: Tá. E pra você o que caracteriza um aluno indisciplinado? Que características ele tem pra ser considerado indisciplinado?

M: Então, você sabe que hoje eu observo assim... é... a indisciplina parece que vem de casa, é uma falta de limites e quando você conversa as vezes com a mãe ou com a avó ou quem vem aí, a resposta é a mesma “Ai em casa ele também é, ele não para, a gente pede pra ele fazer tal coisa ele não faz”. Então eu acho assim um pouco de carência, na minha opinião, né? As crianças eu percebo que são muito carentes, tanto é que na hora eles me vêm dá a impressão assim, que eu sou a brincadeira pra eles, eles me vêm como uma forma de brincadeira. Eles grudam em mim, eles me abraçam, a gente tem muito contato físico e assim, indisciplina que eu observo é uma falta de limite que já vem de casa, parece que ele não tem aquela organização e eu não sei se ele tem horário de tomar o cafezinho da manhã, o horário de almoço, parece que é um pouco confuso na cabeça deles. Então a indisciplina pra mim é um pouco assim, fora da regra, ele não consegue adaptar aquela regra, então pra ele “Porque que eu tenho que ficar sentado na sequência do meu colega? Ah eu não vou ficar sentado do jeito que a professora quer.” Aí ele pega ele sai, ele vai lá na frente, aí ele atrapalha o da frente. O da frente: “Professora ele saiu do lugar, ele ta na minha frente”. Então, isso que eu falo, ele não segue as normas da aula, aí eu vou, oriento, eu falo: “Olha nós vamos fazer uma brincadeira, vai chegar sua vez, mas você tem que esperar sua vez”. Só que aí a hora que você vai dar a atividade num todo ele sai do lugar e é assim, apresenta também um déficit de atenção, a gente observa que tem algum probleminha, algum distúrbio apresenta. Geralmente são esses casos que tem a indisciplina, é um distúrbio ou a carência...

N: Ou uma falta de atenção maior do que o normal?

M: É... é... da família né? Que eu observo... E muitas vezes é uma criança que quer chamar atenção, aí ele quer chamar atenção dos outros e causa muitas vezes a indisciplina.

N: Então, assim, pra você, você acha que na maioria dos casos é uma falta de limite?

M: É uma falta de limite...

N: Que ocasiona ele a se tornar um aluno indisciplinado?

M: É, é uma falta de limite e também eu vejo que é um problema, é... Como que eu vou caracterizar? Assim, um déficit de atenção, é eu acho que é um problema deles mesmo, um... que seja um rebaixamento mental, ta? Que talvez ele não consiga se adaptar em sala de aula. Aqueles alunos que a própria professora da sala me fala que tem dificuldade de aprendizagem, muitas vezes lá na quadra também ele, ele não sintoniza nas brincadeiras com os outro.

N: E você acha assim, além dessa falta de atenção que você percebe na maioria dos indisciplinados, você acha que tem mais alguma característica que é comum entre eles?

Gênero, é... cor, qualquer outro tipo de característica que você que eles tem em comum? Além desse déficit de atenção, além dessa dificuldade em sala de aula?

M: É... em relação à indisciplina?

N: É, aos indisciplinados. Eles têm alguma característica que você já notou que é comum entre eles? Vamos supor, todos eles são meninos.

M: Ah não... tem menina, tem menino.

N: Então você acha que em comum mesmo é só essa questão do déficit de atenção, do limite...

M: É, do limite e carência, muita carência...

N: A dificuldade em sala de aula você falou né?

M: Também... também...

N: A maioria deles?

M: Não, não é a maioria, aqueles que apresentam, né? E aí chega na aula de Educação Física eles querem chamar a atenção e tem um comportamento inadequado. E tem alguns que apresentam sim, a gente não sabe, a gente não pode dar um diagnóstico deles né? Mas a gente vê que apresenta algum problema, de comportamento mesmo em sala de aula e na quadra... (Pausa de 5 segundos, pois a entrevistadora estava ajustando a câmera para gravação e ela parou de falar)

N: Você quer falar mais alguma coisa ou a gente pode ir pra próxima?

M: Pode, pode ir pra próxima.

N: É... quais as principais causas da indisciplina em sala de aula pra você? Ou no seu caso, na quadra. Quais as principais causas? A que você atribui a causa da indisciplina?

M: (2 segundos de silêncio) Aaai, é assim, é... quando eu dou uma atividade e por mais que, quando é dirigida, quando eu falo pra eles: “Olha nós vamos fazer uma atividade de manipulação com a bola, mas não é competição, eu quero que vocês façam, que executem dessa forma.” Aí eu explico, por exemplo, uma bola, vai bater a bola no chão, vai passar atrás do cone, uma brincadeira de estafermo, mas sem a competição. Aí começa a gerar uma competição e aí começa a gerar o que? Uma indisciplina. Eu tenho que parar a atividade, porque? Porque eles querem a competição. Eu acho muito interessante isso, assim, não é um ponto positivo não. Mas o tempo todo eu tenho que ta parando e falar: “Olha, vocês tão levando pro lado da competição e de repente não está executando o movimento que eu to pedindo. Eu to pedindo pra vocês baterem a bola no chão e agarrar a bola, vocês não tão fazendo isso, vocês tão querendo competir.” E aí eles querem aparecer um mais do que o

outro, porque o outro ta mais rápido do que ele e ele não quer ficar atrás, aí gera uma confusão também e essa confusão gera a indisciplina.

N: E você acha assim, que essa situação de competição remete ao que você falou de falta de limite?

M: (Fica em silêncio, pensativa) Uma ponte você diz?

N: É.

M: Aai... (2 segundos de pausa) Eu não sei te dizer assim ao certo, acho que... (5 segundos de silêncio)

N: Você acha assim, por exemplo, é... que a questão da falta de limite, além dela ser uma característica, ela pode ser uma causa?

M: Ah eu acredito...

N: Na questão da família, da falta de limite, de regras dentro de casa...

M: Olha eu vou falar assim, uma coisa pessoal minha, ta? Pra mim pode ser.

N: Você acha que pode ser uma das causas?

M: Pra mim, pode ser sim, ta? Porque de repente a criança não é assim trabalhada em casa, quando ela não tem aquela organização em casa, você acaba tendo a dificuldade na escola pra trabalhar com ele também e que nem, a gente também tem crianças que têm dificuldade, mas que trabalha certinho, ele acaba ou ela né? A criança... acaba executando atividades certinho e ela ta so... as vezes ela sofre até o bullying da sala “Vai mais rápido!”, acaba tendo até algum tipo de xingamento, mas ela não ta preocupada, você percebe que tem o déficit, é que tem o problema na sala de aula, mas ta executando ali direitinho, ta? Então não sei se é ou não, as vezes sim, as vezes não. Não sei, a grande maioria eu acredito que sim, ta? Na minha opinião, pelo que eu observo nas brincadeiras.

N: Tá. E a quem você costuma atribuir a responsabilidade pela indisciplina do aluno? De quem que você acha que é a culpa? A responsabilidade pela indisciplina?

M: Aaaah...

N: É do aluno, dos pais, do professor, da convivência com os amigos? Você acha que tem alguém responsável pela indisciplina?

M: Não... a gente não pode culpar ninguém assim, ta? Eu acho que não pode culpar, porque de repente, por exemplo, pra mim é fácil culpar a família, “Aaah na fami...”, mas a gente não sabe o grau da família, de repente é uma família que não tem aquele horário certinho pra criança, aí começa gerar já uma falta de regra dentro de casa, aí essa criança já vem com uma falta de regras pra escola, chega na escola você tenta orientar essa regra, aí acaba não tendo

essa regra também. Então a gente não pode culpar, acho que é total, geral, aliás. Acho que essa indisciplina...

N: É uma soma de fatores?

M: Acredito que sim, porque a gente tenta, eu tento trabalhar na minha aula um bom comportamento, eu falo pra eles: “Quando vocês jogarem de forma a ter o respeito com o outro, não vai ter briga, não vai ter confusão...”

N: E esse bom comportamento o que seria pra você?

M: Eles jogarem, eles brincarem sem briga.

N: Respeitarem as regras...

M: Respeitarem, respeito um ao outro, isso eu falo muito pra eles. “Respeita o colega, respeita o companheiro, porque aí não gera confusão, não gera briga”, né?

N: É... você acha que a indisciplina na sala de aula ou na quadra prejudica o aprendizado do aluno?

M: Muito.

N: E de que forma prejudica?

M: Prejudica tanto a criança que faz né? Que executa a atividade fora das regras como os demais, porque gera uma confusão. Um faz uma coisa que não é pra fazer, aí os demais o tempo todo: “Professora ele ta fazendo isso que não é pra fazer, a senhora falou que pra fazer isso, mas olha o que que ele ta fazendo”. Então, gera uma confusão.

N: Tira o foco da atividade?

M: Totalmente, sai o foco.

N: É um tempo que ta desperdiçando que poderia ter sido utilizado pra aprendizagem...

M: Sim, teria sido melhor utilizado pra aprendizagem. Como a Educação Física a gente tem que trabalhar muitas atividades de manipulação, de deslocamento, de ritmo, de atenção e aí você começa fazer um trabalho e alguns começam a fazer brincadeira, você tem que parar, chamar atenção deles: “Olha não faz isso, porque senão atrapalha os demais, os demais querem entender a atividade e vocês estão atrapalhando. Vamos fazer certinho pra que todos possam executar da mesma forma”.

N: Entendi. É... O que você acha que é preciso pra evitar os atos de indisciplina? Na sala de aula ou na quadra, né?

M: Ah eu chamo atenção deles, eu falo que eles estão agindo de forma errada, que não é daquela forma, que se eles desrespeitarem os colegas eles vão acabar ficando sem o amigo, eles não vão aprender aquela atividade e eles vão ficando sem aprendizagem, eles num... num... eles acabam não atendendo aquele objetivo da aula.

N: Uhum, então pra evitar, no caso de prevenção dessa situação, você falou que costuma intervir, né? Quando ela acontece você vai lá, intervém, conversa com os alunos, né? “Você não pode fazer isso”, “Porque?” e explica o porquê. Mas no sentido de prevenção, de evitar que aconteça a indisciplina?

M: (Ela respondeu concordando durante a pergunta) Ah eu oriento, eu oriento ele, eu falo pra eles: “Olha, nós vamos fazer tal atividade, vamo ficar sentadinhos, né? Um atrás do outro ou em círculo, só que não é pra sair do lugar porque senão atrapalha o outro, cuidado...”. Sempre eu, por que eles têm mania, por exemplo, se a gente vai brincar, é uma brincadeira com roda, que tem deslocamento de corrida, sempre tem um que quer passar o pé. Então eu sempre oriento isso, dos perigos que pode tá acontecendo. “Olha, vamo evitar isso pra que não haja ocorrência, pra que não haja comprometimento maior, não prejudique o colega. Eu oriento, eu procuro orientar antes.

N: A orientação você faz no sentido de evitar?

M: Aham. Antes, durante, depois... (risos)

N: Ta. Você já falou um pouco, se você pudesse se estender mais nesse sentido, você trabalha com regras na sua aula? De que forma?

M: De forma de... é... mais em nível de orientação, ta? Por exemplo, é... eu... quando eu vou trabalhar uma atividade de manipulação, então como a gente tem pouco material, de repente você não pode pedir pra 30 alunos e 30 bolas, você não tem isso. Então, por exemplo, você trabalha com 5 bolas, aí eu peço pra eles fazerem 5 colunas, 5 colunas pra que cada um faça a atividade e que um respeite o outro também.

N: Então no início você deixa claro também quais são as regras...

M: Sim.

N: E reforça elas cada vez que é preciso?

M: Sim.

N: Então deixa bem nítido pra eles quais são as regras? Tem esse costume de fazer...

M: Faço, eu faço, eu faço... Porque assim, a brincadeira deles é o que ta atrás mexer com o da frente, né? Isso é a... normal acontecer nas aulas. Então eu oriento antes: “Olha gente, vocês vão sentar, mas evita ficar batendo no colega da frente, as vezes vocês ficam cutucando e o colega não vai gostar, ele vai virar e vai bater em vocês, aí vocês não vão gostar. Então dá espaço pro coleguinha da frente...”. Todas essas orientações a gente passa pra eles, né? (Um funcionário da escola interrompe para pedir uma informação, a entrevista é cessada por 10 segundos aproximadamente)

N: E na sua opinião, na sala do 3º ano da tarde, A... B... não sei, da Bel.

M: É, B.

N: Você acha que na sala dela tem algum aluno indisciplinado?

M: Ai tem...

N: Ou se tem mais de um?

M: Huum tem bastante.

N: Se você puder citar o nome deles...

M: Nomes?

N: Nomes!

M: Então, olha, a gente tem o Mateus, tem dois Mateus que a gente fala, é o Mateuzinho e o Mateuzão.

N: Você sabe o sobrenome dele?

M: Não sei, não lembro.

N: É no caso o Mateuzinho ou o Mateuzão?

M: É... os dois. Tem o Mateuzinho e tem o Mateuzão.

N: Os dois você acha que eles são considerados indisciplinados?

M: Os dois são difíceis e assim, nós conversamos com a vó e a gente observa que ele (provavelmente ela se refere ao Mateuzão neste momento) é uma criança muito ansiosa. O Mateuzinho ele também tem problemas de aprendizagem, ta? Ambos apresentam dificuldade na aprendizagem. É... tanto é que quando eu converso com a professora da sala de aula, na sala de aula também, eles têm essa dificuldade na aprendizagem. Tem o Brian... (3 segundos de pausa) Pedro... (4 segundos de pausa) Gente... Thauan, se eu não me engano o nome dele é Thauan, Marcos... (3 segundos de silêncio) Ai, como... Tem uma menina também... (A entrevista é interrompida novamente, dessa vez pela diretora que entra na sala para fazer o ATPC, mas quando nos vê lá, ela vai para outra sala) É que eu to sem a relação de nomes e eu assim, eu não me lembro, mas é uma sala assim que... a Sara, Sara Bedani, tem duas Saras lá, Sara Bedani (ela se lembra do nome no meio da fala). Tem assim, bastante alunos que apresentam comportamento assim agitado, eles são muito agitados.

N: Mas que na sua concepção pode ser denominado indisciplinado?

M: Pode.

N: Que você se recorda são esses então?

M: É, é porque foi o tema que você abordou né? Indisciplina. Então a indisciplina pra mim são os alunos que são agitados, que fogem às regras, num... num fica naquela atenção daquele foco do objetivo da aula, foge totalmente o foco da aula. É que eu to tentando lembrar outros nomes de alunos, são vários viu? Eu não lembro, mas são vários alunos, tem bastante. Uma

li... Olha tem Luiggi... Luiggi, Thiago... e fora esse tipo de comportamento, tem alguns alunos também, que inclusive, mexe com as meninas, tipo passar a mão nelas, sabe? Tem... a gente também tem isso, pegar no cabelo, tem o Mateuzinho, ele beija as alunas assim no rosto, as alunas têm assim horror à ele, sabe? Então ele é um aluno que as crianças acabam excluindo ele das atividades, ninguém quer brincar com ele, por mais que eu tente organizá-lo, ou seja, incluí-lo na brincadeira, muita gente não gosta. Se eu ponho ele pra fazer uma fila, “Ó vamo fazê uma coluna agora atrás do Mateuzinho”, muitas pessoas ficam arredias à ele, “Ah não”, porque ele chuta, ele bate, ele briga, né?

N: Então se você pudesse listar nesses nomes que você falou, os dois Mateus, Brian, Pedro, Thauan, é... Marcos, Sara, Luiggi e Thiago, se você pudesse colocar os três mais?

M: Mais?

N: É, o primeiro mais indisciplinado.

M: O Mateus...

N: Se você pudesse colocar os três mais indisciplinados...

M: Ai o Mateuzão, o Mateuzinho...

N: O Mateuzão é o primeiro?

M: É, Mateuzão, Mateuzinho... (pensa por 6 segundos) Nossa tá difícil.

N: E em terceiro?

M: Mateuzão, Mateuzinho... (sussurra pensativa)

N: Brian, Pedro, Thauan, Marcos, Sara, Luiggi e Thiago?

M: Acho que é o Brian. Nossa... porque tem o Brian, o Luiggi, o Thiago que são terrível. Pedro... agora entre eles, eu acho que o Brian, acho que ele supera um pouco mais, hein? (2 segundos de silêncio)

N: Ta. Tem mais alguma coisa que você queira colocar? Em relação ao tema, em relação aos alunos, alguma coisa que eu não te perguntei que você gostaria de falar?

M: Aaah... não... É que eu vejo assim, sabe? É... como é uma aula que eles gostam muito, que é uma aula ativa, eles gostam de brincar, né? É... eu percebo assim, a carência deles, que toda hora eles que... eu tenho alunas lá que toda hora quer ficar me beijando, vem me abraça, beija, vem me abraça, beija e eu to dando atividade, falo: “Ó agora vai lá, senta pra gente fazer atividade”. Então assim, eu percebo muita carência deles eee... e eu gosto muito de trabalhar com as crianças, eu sinto assim que eu queria até fazer mais com a sala, só que é uma sala assim que é difícil. Eu proje... eu programo, né? Algumas atividades, aí chega na hora é... eles acabam tumultuando, não adi... Um dia eu fui fazer uma atividade com jornal com eles, nossa foi assim uma dificuldade danada. Porque aí eu pegava, né? Eu tinha que dar metade de uma

folha de jornal pra cada um, enquanto eu tava dando a folha pro terceiro, um já tinha rasgado a folha do outro, já tinha... sabe? Então... (gaguejou) não tem esse certo respeito...

N: Você acha que a indisciplina da sala até atrapalha seu planejamento?

M: Ai atrapalha bastante... atrapalha bastante. Tem muitas atividades que eu até gostaria de dar e eu deixo de fazer porque eu falo: “Naquela sala vai ser difícil eu trabalhar isso”. Eu já antecipo, né? Eu falo: “Não, isso eu não vou trabalhar com eles”. Hoje eu me surpreendi na atividade rítmica, eu trabalhei com eles no ritmo, então agora eu vou trabalhar até mais coisas. A aula anterior eu trabalhei com uma música, eu pedi pra que eles fizessem um movimento de brincadeiras folclóricas através da música, mas assim em câmera lenta como se eles tivessem soltando pipa ou andando de bicicleta, ou pulando uma corda e eu observei que esses alunos, alguns que eu citei, eles saíram chutando sabe? Sai chutando, dando ponta-pé no outro, dando tapa, querendo passar rasteira e aí gerava um certo tumulto. Aí eu pedi pra separar um pouco, aí eu que orientava: “Ó agora vocês vão fazer isso, agora vocês vão fazer aquilo”. Sempre eu tenho que tá...

N: Você acha que a agressividade é um comportamento que é comum?

M: Eles são bastante agressivos, bastante... ta? (2 segundos de pausa) Aaah muitas vezes eles veem reclamar que um bateu no outro porque o outro empurrou, eles são bastante agressivos.

N: Além de agressividade, você acha que tem algum comportamento que é comum?

M: (5 segundos de silêncio) Dentro da indisciplina?

N: Dentro da indisciplina, entre os alunos indisciplinados. Além da agressividade você acha que tem alguma coisa em comum?

M: Eles xingam... eles xingam, falam palavrões um pro outro, isso é comum entre eles. Fala palavrão... dá tapa, ponta-pé, chute...

N: Essa questão de chamar atenção você falou também né? Que eles costumam fazer bastante?

M: Então nessa forma de um chutar o outro...

N: Você acha que isso é uma forma de chamar atenção?

M: Ah sim, porque é uma forma deles mostrarem o poder, aí ele vai chuta um que de repente nem é da turminha deles, mas ele quer mostrar a força dele. “Ah olha eu chutei fulano”. Aí um aluno que é bem assim bonzinho vamo dizer, que ele tem um bom comportamento na sala, ele vem: “Ó professora, o fulano veio me chutou”. Aí vou lá e eu pergunto: “Porque você fez isso?”, ele nem, num tem um motivo, as vezes nem tem razão de ser. Chutou porque, aí ele inventa: “Ah porque ele me empurrou”. Aí eu vou pergunto, coloco, faço uma acareação, aí ele fala: “Não professora, eu não fiz isso com ele, ele que me chutou”. E aí esse menino né? O

que tem o bom comportamento, vamo dizer assim, ele co... ele tem até medo do outro, medo de uma represá... de uma retaliação, vamo dizer. Tipo assim, no intervalo ele vai brigar com ele, “Ai professora, porque ele falou que vai me bater no intervalo”. Eles têm muito desse costume, desse hábito de falar que vai bater, “Olha vou te pegar na saída” e olha a idade deles...

N: Eles têm quantos anos?

M: São pequenos...

N: 7, 8?

M: É, uma média de 7, 8 anos. 8, 9, né? Não sei se chega a 9 anos ali, 3º ano...

N: Acho que é 8, né? 8... completa 9.

M: 7 ou 8 anos, é... Não sei se chega a isso. Mas de uma maneira geral é isso.

N: Tá ótimo então Maria, obrigada.

3. Identificação:

- Nome: Isabel Pereira (Nome fictício)
- Sexo: Feminino
- Vínculo profissional: Professor efetivo
- Disciplina que leciona: Polivalente (Pedagoga)
- Tempo de docência: 9 anos
- Tempo na atual escola: 3 anos

N = Natália (pesquisadora)

I = Isabel (professora)

Questionário Específico:

N: A primeira pergunta é: “O que é indisciplina pra você?”

I: Indisciplina? É você ter claro ali uma regra ou uma organização daquele lugar que você tá e ir contra isso, não cumprir talvez os combinados ou as regras daquele lugar.

N: Ultrapassar essas regras?

I: É.

N: Ta. O que caracteriza um aluno indisciplinado? Você acha que ele tem algum tipo de característica?

I: Sim.

N: Quais?

I: Então, eu acho assim, que pode ter vários fatores mesmo, né? Pode ser uma... (gaguejou) ele tá... realmente não é interessante pra ele aquele assunto ou aquele conteúdo, ou ta muito aquém ou muito além, aí ele não consegue fazer, aí ele não se concentra. Pode ter algum fator biológico assim, que a gente desconheça mesmo, que ele não consegue, tipo um problema de hiperatividade, alguma coisa assim. Eu acho que... Mas não sei se um aluno que, por exemplo, as vivências que eu tive, é um aluno... ele não aprendeu a ler e a escrever é... adequadamente e aí eu passo uma atividade e aquela atividade ele não consegue ler, ele não consegue realizar, então ele começa realmente a... aaa... a se ocupar de outras formas.

N: Por não conseguir fazer, por causa dessa deficiência na formação (escolar)...

I: Eu acho.

N: Ele se distrai com outra coisa.

I: É e eu acho que no estado (escola estadual) é muito isso, porque cada aluno é uma série, não é assim uma turma todo mundo no mesmo nível e as salas são super lotadas e eu acho que isso fica muito claro. Porque uma criança tá muito além e a outra tá mais atrasada, então isso vai ficando muito evidente durante o ano inteirinho, as crianças começam a perceber, eu acho que de alguma forma elas começam... tem esse rótulo sim, elas condenam, elas falam: “Ai ele não faz tarefa, ele faz... ele não consegue acompanhar”, elas começam a perceber isso. E esse rótulo desde o comecinho do primeiro ano dessa vida escolar, eu acho que ele (aluno) pode absorver isso, sabe? E as vezes utilizar isso, “Ai eu sou assim, eu sempre fui o...” até no movimento inconsciente, né? “Eu sempre fui excluído, eu não consigo acompanhar, eu sempre sou chamado atenção por isso e por isso...”. Então eu acho que ele acaba incorporando isso, sabe?

N: Uhum e na questão de comportamento? Você acha que tem algum comportamento que é comum entre eles? Vamos supor, todos eles são agressivos, todos eles são carinhosos, todos eles são solícitos... Algum comportamento que você acha que é comum ou não?

I: Eu acho que o... a expressão agressivo eu vejo bastante, mas por outro lado eu vejo uma carência, uma necessidade de falar e de chamar atenção o tempo todo, mesmo que isso não seja, mesmo assim que não seja pela agressividade ou pelo grito como o Mateus, sabe? Eu acho que tem crianças que chamam, que fazem isso de uma forma, mas elas não são maldosas, sabe? E talvez, você veja o Pedro, posso falar disso? (sussurra)

N: Pode.

I: Do Pedro, tem um aluno que é quase, você nem quase notou, mas ele é o tempo todo assim, quando eu dou um comando: “Gente agora todo mundo vai sentar e nós vamos fazer essa atividade agora”. Ele levanta e fica olhando pra minha cara, sabe? Então...

N: Tinha um Pedro na sala?

I: Tem.

N: Eu nem notei.

I: É. Então ele desafia, sabe? Talvez, então você não sabe qual é a causa disso, se ele ta te desafiando, se ele quer limites, se é só uma carência e ele quer só atenção, sabe? Porque eu fico pensando que não é expressão, igual o Mateus, ah ele não faz tudo aquilo, só porque ele faz aquilo e ele é bobão e quer chamar atenção, tem uma causa assim, sabe? Tem uma causa que os pais são separados, brigam, é uma violência muito grande...

N: Ele falou hoje na sala: “Eu não tenho pai e não tenho mãe”.

I: Então, da mãe levar ele no cinema e largar ele sozinho no cinema e ficar tomando cerveja com as amigas no shopping, dele chegar falar isso. Que o pai tentou matar e botar fogo nas coisas da mãe, sabe? Então tem um histórico muito forte, da mãe fazer festa em casa e trancar ele no quarto pra ele não conviver com as crianças porque ela vai passar vergonha, porque ele vai arrumar confusão com alguma criança. Então todo esse histórico, quando ele chega na sala e ele quer falar, você vê? A necessidade dele de o tempo todo falar, falar, falar... pode ser sobre qualquer coisa e ele fala sem parar, então ele vai falar sobre o futebol, eu falo: “Mateus você ta falando com quem? Quem ta te ouvindo? Quem que é a pessoa com quem você ta conversando?” Ele fala: “Ah não eu to falando sozinho”. Então a necessidade dele falar, aí você começa ver, não é só isso sabe? Não é só um problema, aí você tem que ter paciência porque tem outras causas aí que a gente sabe...

N: Me fala um pouco mais dessa questão da hiperatividade dele, ele tem diagnóstico?

I: Tem, ele tem um laudo pela Sorri que ele fez, muito tempo ele passou e ele fazia uma triagem, então ele tinha o acompanhamento de terapeuta ocupacional, da fono, do neuro e aí parece que a Sorri não tem mais o convênio com o Estado, ela só vai atender crianças da rede municipal. Aí a mãe foi atrás, foi no Capes atrás de um atendimento, mas eles também falaram que só casos muito severos que o Capes ta atendendo, então nisso o menino vai ficando. E aí a mãe...

N: Ela não tem condição de comprar remédio?

I: Então ela tem, aí parece que ela tava com a receita, a Ritalina foi tirada, sabe? E aí a mãe usa a agressividade. Então ela veio aqui um dia, eu chamei porque... não lembro o que ele fez,

se ele bateu, mas assim aí ele começa a agarrar as meninas, ele quer beijar na boca, então ele vai no banheiro, entra no banheiro atrás das meninas e aí ele... aí eu chamei, uma vez eu chamei ela aqui, mas ela bateu nele na frente de todo mundo aqui no pátio, aí ele entrou chorando, fica meio... meia hora quieto, mas depois volta tudo porque ele quer extravasar, parece que é uma criança que ele tá ali pedindo socorro o tempo todo. E aí você fica meio... “Meu Deus e agora?” Porque eu tenho 35 alunos, acho que isso é muito complicado, é... o número de alunos que você não consegue dar atenção pra cada um, cada um tá num nível, cada um precisa de ajuda pra entender, pra leitura, tem outros que já entregaram, você viu que tem outros que são 15 minutos já acabou. E aí isso, essa tentativa do Estado padronizar, todo mundo é igual, acho que isso fica... é super complicado pro professor, porque você tem que tratar, nas orientações e nas formações que a gente tem, cada aluno você vai dar o mesmo... trabalhar o mesmo conteúdo, mas com atividades diferenciadas pra cada um. Só que numa sala de 35 alunos isso é muito impossível, 35 atividades, 35 crianças querendo falar, querendo ser ouvidas, então eu acho que essa oralidade aí é muito prejudicada, na minha sala eu acho que eles até falam bastante, sabe? O tempo todo, a dificuldade é de organizar, mas tem outras sala que não, que você percebe que a boa sala é aquela que fica quieta, então as falas de alguns professores é: “A minha sala foi excelente, até as 4 horas da tarde ninguém abriu a boca”. Então isso hoje ainda é... e uma sala falante é vista como indisciplinada.

N: Na sua opinião isso não é bom?

I: Não, então talvez, tipo a minha sala é super falante, eles conversam, eles contam, você pode falar sobre qualquer assunto eles sabem falar, desde violência, de paz, de alegria, de qualquer assunto eles falam. Então eu acho que isso hoje é muito confundido assim entre os professores, eles acham que isso é uma indisciplinada, né?

N: Pra você conversar não é indisciplinada?

I: Não. E eee eles expõem o que eles... as ideias né? Acho que isso não é indisciplinada. Eu acho que a dificuldade é organizar tudo isso, a fala, essa oralidade, que eles vão falar bastante. Hoje até a atividade foi mais assim, mas eles falam muito e a minha dificuldade é nessa organização, que eles precisam... como eles querem, eles são afobados, eles querem todo mundo falar, eles querem ser ouvidos e parece que eles não são ouvidos, eles não são ouvidos em casa, eles não são... as vezes eu tenho essa percepção, ninguém conversa com eles, ninguém leva a sério o que eles falam e na escola, talvez naquele momento eles vão ser ouvidos e a professora vai fazer um link com uma outra coisa, com alguma coisa científica, alguma matéria que eles viram e aí eu acho que isso valoriza. Então eu acho que eles tão... eu sinto uma afobação assim sabe? Não só da rede pública, da rede particular também.

N: Você dá aula na particular também?

I: Dou.

N: Ta. É... e você falou um pouco da causa, você acha então que a indisciplina ela tem algumas causas? Alguns motivos pra acontecer?

I: Sim. Então eu acho essa dificuldade de acompanhar mesmo a atividade, eu acho que isso pode gerar sim. Porque eu percebo dos meus alunos que quando eles não conseguem realizar é... é muito fácil, é uma fresta que eles têm eles fogem rapidinho da atividade. Quando eles não conseguem realizar, quando algum problema emocional eles veem de casa e eles não conseguem fazer mesmo, alguma coisa ta acontecendo, algum problema social ali ou em casa ou alguma coisa, eu acho que isso, eu acho que interfere muito, porque já chega num nível emocional que não tem... não tem como parar e se concentrar e pensar em outra coisa, eu acho que isso determina bastante, influencia bastante. E algum fator biológico talvez, não sei... uma dificuldade, um diagnóstico mais clínico assim, acho que interfere bastante. Do resto eu acho que tem que contextualizar muito sabe? Tem que fazer uma atividade que se envolvam e eles tenha que falar sobre aquilo, aí eu acho que avança sabe? E pode ser sobre qualquer assunto, eu percebo isso com as músicas. Tipo eu trabalhei uma história da Ana Maria Machado que é o Pavão Misterioso e aí eu fui mostrar a história cantada que é uma música do Ednardo que é super antiga, é Ednardo, Amelinha e Belchior.

N: Não é a que canta na Saramandaia?

I: É, mas antes da Saramandaia, eles falam ainda: “Ah a música ta na Saramandaia!”. E parece que é uma coisa tão velha, que as crianças não gostam, mas no contexto da história com a Ana Maria Machado e eles falarem dos sonhos e do irmão que achou a namorada e eles começam contar isso e aí quando eles ouviram a música eles se apaixonaram, sabe? Então você vê que a coisa ta super contextualizada. De manhã hoje eu trabalhei, eles tão trabalhando agropecuária e pecuária e aí eu levei uma cana, eles tão falando da... e aí eu trabalhei a música o Cio da terra também, é uma música do Milton Nascimento e parece que eles não vão gostar, mas eles adoram. Tem que ta contextualizado, senão eles não conseguem. Então as vezes o professor chega e fala uma coisa que não...

N: Solta pra eles...

I: Solta. Então você precisa realmente pra começar, você precisa ouvir o que eles já sabem sobre o assunto e envolver, eu acho que isso ajuda muito. E incluir essas crianças no assunto que você ta falando, porque quando eu acho que eles se sentem excluídos e que aquilo não tem nada a ver com eles, eu acho que isso também favorece, ficam desatentos, eles vão pensar em outras coisas mais interessantes, né?

N: E você atribui a responsabilidade da indisciplina à alguém? Você acha que alguém é o culpado pela indisciplina do aluno? Ele mesmo, a família, a escola...

I: Ai eu acho que pode ser todo mundo, depende do... eu acho que pode sim ser a professora de não envolver esse aluno na atividade, eu acho que talvez um problema mesmo do próprio aluno que não consegue se concentrar ou uma... sei lá, parece que o aluno as vezes ele não quer fazer, ele tá fechado pra isso, ele tá fechado pra aula, mas eu acho que as vezes acontece isso mesmo, a criança não tá afim, ela num... Tipo talvez ela possa desenvolver as habilidades dela num outro instituição, num outro lugar, mas que a escola talvez seja... e principalmente nos moldes que a gente tem hoje do Estado assim, eu acho que trava muito, eu acho que tolhe muito, sabe? E eu acho que têm crianças que têm um potencial que a gente ainda não consegue é... dimensionar e trabalhar na sala de aula, eu acho que isso leva meio que uma estafa, um cansaço, sabe? E mesmo a criança sendo muito boa, ela não se interessa, sabe? É muito chato e realmente é muito chato, é muito... eu já tive alunos que eram muito bons, excelentes, que não precisavam de caderno por exemplo. Assim, tinha uma dificuldade extrema em escrever, mas que... se fosse pra escrever, escrevia muito bem e a oralidade era muito boa e na matemática, no raciocínio era excelente, muito melhor de alunos que tinham um caderno ali todo organizado, mas que você via que a escola era pouco pra ele, sabe? Oferecia pouco. Então eu acho que a escola hoje, nos moldes que ela tem, ela é uma grande responsável por esse... por essa indisciplina, por esse descrédito. Porque o aluno chega aqui já... “Poxa, não tem nada lá pra mim”, sabe? Eu acho que, eu acho que ela pode levar uma... dependendo dos moldes, do padrão que ela leva o estudo, eu acho que pode ser... uma maior responsável assim.

N: Ta. E você acha que a indisciplina na sala de aula, ela prejudica os alunos? O aprendizado dos alunos?

I: Sim, eu acho.

N: De que forma?

I: Eu acho dos outros alunos, assim quando a gente chega no extremo de tirar o aluno da sala é porque tá atrapalhando, então ele tira a atenção dos outros. Tem criança que tem... é mais concentrada, que você pode chamar a atenção de outra ela não vai parar a atividade dela, mas tem outras crianças que precisam, elas precisam, senão qualquer coisa ela para a atividade. E quando chega no extremo de você tirar, é porque tá atrapalhando os outros alunos, o desenvolvimento das outras crianças.

N: Você acha que atrapalha tanto o aprendizado do indisciplinado como dos companheiros?

I: Sim, sim. E tem crianças que você tira da sala de aula porque naquele grupo ela quer chamar atenção e quer tá em evidência o tempo todo, então quando você tira ela consegue realizar a atividade fora da... da sala, aí ela volta pro grupo. Então têm crianças que tem... precisam as vezes ficar sozinhas, tentar fazer, porque os próprios alunos, mesmo concentrados, tiram a atenção dela mesma e aí ela não consegue... então acho que vira uma troca, o aluno indisciplinado tira a atenção dos outros e os outros também tiram a atenção deles, sabe?

N: E prejudica o aprendizado de ambos?

I: É e aí eles, o problema, eles querem chamar a atenção de uma forma chocante, por isso que eu acho que talvez a agressividade fique atrelada, mas assim, o fato de é... levantar e derrubar toda a cadeira, sabe? Ou sem querer cai a carteira ou sem querer eles dão um grito porque se assustaram, sabe? Então eu acho que tudo tem que ser impactante, pra todo mundo olhar, sabe? Então eu percebo isso, o grito tem que ser bem gritado, sabe? (risos) O soco no outro tem... porque eles querem esse impacto, esse impacto que para...

N: Essa atenção pra eles...

I: Essa atenção é... e não pode ser uma coisa muito fraquinha (risos).

N: É... o que você acha que é preciso fazer pra evitar os atos de indisciplina na sala de aula?

I: Ah então... primeiro esse envolvimento dos alunos. Eu acho que pra algumas crianças os pais, é... a presença dos pais é muito importante, assim na minha experiência quando... as vezes eu converso com algum pai que só do pai ter ali... conversou comigo, a criança viu ela já muda, sabe? Porque eu acho que a ausência dos pais, eu acho que também pode gerar uma... um descaso assim com a escola, eu acho que isso tem a ver sim. Eu vejo isso, pais que são mais presentes, o aluno acaba se envolvendo mais com aquilo, com aquela ideia de escola, que ele tá ali pra aprender. E pais que não é muito importante, eu vejo isso... Então acho que a família assim, a própria criança é... tendo clareza do que ela tá fazendo ali, sabe? Na escola... eu acho que o envolvimento do professor, envolver essas crianças num ambiente assim que ela possa desenvolver o raciocínio dela em cima de qualquer conteúdo, eu acho que isso pode ajudar sim.

N: Ta. E você trabalha com regras na sua aula?

I: Sim, então, no primeiro dia de aula no... assim, sempre a gente retoma, mas o que é muito forte, que a gente faz o combinado é no primeiro dia de aula, na volta das férias, sempre quando tem um espaço muito grande e com essa turma eu cheguei a fazer assim: eram os direitos e os deveres. Então se talvez, se um dia eles fizessem um dever, eles podem perder um direito, então por exemplo, é... igual, tem a atividade da maleta literária, cada criança leva

é... um dia, são duas maletas e cada dia uma leva. E tem o caderno do diário de bordo, o Brian... era esse o direito, tem o direito de levar, seguindo a lista tem, mas se não cumprir um dever você pode perder seu direito. O que eu evito e eu vejo muito professor fazendo, acaba tirando da Educação Física, acaba deixando de participar de uma atividade que seja mais interessante, acaba tirando. Mas eu tento tirar nessas atividades dentro ali da minha aula mesmo, pra não influenciar a atividade do outro. A não ser quando algum professor, ou de Arte ou de Educação Física, já teve isso, de falar: “Ó hoje ele vai ficar na sala, ele não vai pra aula”, então perdeu a aula, sabe? Isso é meio contra a lei, mas acontece.

N: E não foi você que sugeriu? Foi o outro professor que pediu?

I: É, mas eu acho o... o direitos e deveres eu acho que fica muito claro, é... eu fiz com essa turma e com a outra turma também da manhã, trabalhei muito assembleia, eu acho que tem... que funciona, sabe? É... reunir mesmo e fazer uma reunião, anotar os problemas que tão acontecendo, “E hoje a gente vai conversar sobre isso. Que forma que a gente pode fazer pra resolver esse problema?”. E eu acho que foi muito legal, principalmente na turma da manhã que eu... que foi bem legal, eles fizeram ata e tudo e tem isso, sabe? Tem esses documentos...

N: E tem uma rotina de assembleia ou quando julgam necessário?

I: Quando julga necessário. Tipo, teve uma simples assembleia que tava o problema de mochilas, eles ou deixavam atrás da... pendurada, mas quem tinha mochila de rodinha deixava no meio do caminho, alguém passava e tropeçava, então era um problema. Então eles falaram: “Vamos fazer uma assembleia”. E aí eles falaram e resolveram deixar todas as mochilas no fundo da sala, isso foi organizado entre eles, e não deixar mais do lado porque alguém poderia cair, então eu acho que é muito legal. Porque você bota... tem uma ideia coletiva mesmo, sabe? Que eles vão dar o voto, ele tá vendo acontecer ali. E trabalhar isso, da democracia, então a gente trabalhou até a ONU sabe? Que é uma assembleia mundial e tal, alguns países que fazem parte disso...

N: E aqui, à tarde você já fez também?

I: Já fiz.

N: Agora diariamente não tem nenhum trabalho com regras?

I: Não, então a gente tem dos combinados. A tarde eu tenho dos combinados, que são combinados que eles elencaram, depois eu até mostro pra você, que eles elencaram e a gente sempre fica falando sobre isso. De manhã isso tá mais claro, tem um painel de direitos e deveres que acaba perdendo o direito se caso não fizer alguma coisa.

N: Entendi, então você relembra quando volta de férias, tem os combinados, mas nada exposto assim?

I: Então ali na sala de aula a gente não tem um cartaz, mas cada um tem o seu, cada um tem os seus combinados.

N: Ta. É... na sua sala de aula você acha que tem algum aluno indisciplinado? Ou alguns? Se você puder citar o nome, os nomes.

I: Então, o Mateus por conta da hiperatividade porque quando, realmente quando ele tá é... medicado assim, não que ele fique babando, porque ele é um menino extremamente esperto e ágil, ele não para, ele fala e tudo, mas eu acho que ajuda bastante a medicação...

N: Na concentração?

I: Na concentração. Eu tenho crianças agressivas, talvez, não sei se acaba entrando na indisciplina, mas que acabam saindo dessa regra assim. Então falam palavrão e... então eu tenho o Brian, que é um menino que dá muito problema. Tenho o Luiggi, que são crianças assim que eles não cumprem a regra, o combinado, mas de uma forma muito, muito... como assim que eu vou falar... nada evidente, muito discreta, sabe? Então você nem percebe, mas eles acabam... é... tem o Brian, (2 segundos de pausa) o Mateus, que é o Mateus Azevedo, que é um outro Mateus que não veio hoje.

N: O Mateuzinho?

I: O Mateuzinho. Mas o Mateuzinho também são vários outros fatores assim, ele é um aluno que tem uma dificuldade muito grande de aprendizagem, é um daqueles que podem entrar no... já que ele tem muita dificuldade e que “Eu passei o primeiro ano sem fazer, o segundo ano sem fazer, então também não vou mais fazer”.

N: Por não conseguir acompanhar?

I: É e por ter esse esteriótipo, ele já pegou pra ele, sabe? Tipo “Ai eu nunca fiz, eu sempre fui a criança que fazia o mais facinho ou que fazia outras coisas, então agora eu também não vou me esforçar”, sabe? Tem esse, tem o Pedro, que eu acho que é... (risos) eu acho que é só. Tem o Thauan, mas são... tem... depende, são crianças que quando você faz uma intervenção eles, sabe? Eles acatam.

N: Se você tivesse que enumerar, o Top 3, os três mais indisciplinados... O primeiro quem você...

I: O Mateus.

N: O Mateuzão?

I: É, Mateus Trindade ele chama. Mateus Trindade...

N: Em segundo lugar?

I: O Brian.

N: E em terceiro?

I: Em terceiro... (fica pensativa)

N: Você apontou Luiggi, Mateuzinho, Pedro e Thauan.

I: Precisava ver a lista... (risos)

N: Mas dentre esses que você falou...

I: Eu acho que o Pedro...

N: Luiggi, Pedro, Thauan e Mateuzinho. Terceiro mais você acha que o Pedro?

I: É... tem o Thiago ainda... Eu acho que sim. O Thiago é... mas, ta vendo? As vezes ó... o Thiago, o Thauan tem momentos que você fala com eles, eles acatam, sabe? Mas acho que o Top 3 é esse, é Mateus Trindade, o Brian e o Pedro.

N: Ta, então é isso. Obrigada.

APÊNDICE C

Observação de uma semana na sala do 3º ano

- 9 de setembro – segunda-feira – 1º dia de observação – 32 alunos

A observadora entra na sala, antes de iniciar a aula, os alunos se apresentam.

13:20h – A professora inicia a aula, ela coloca o cabeçalho enquanto os alunos se organizam nas carteiras, pegam material, etc. **M1** pega cadeira para a observadora, enquanto **B** guarda seu dinossauro.

R começa a copiar a matéria, **B** e **M1** estão distraídos apontando lápis e mexendo na mochila.

Bauru, 09 de setembro de 2013

Rotina

- 1- *Leitura;*
- 2- *Português;*
- 3- *Lanche*
- 4- *Educação Física;*
- 5- *Matemática;*
- 6- *Saída.*

Estão presente na aula: **R**, **B** e **M1**.

A professora está iniciando a atividade e explicando a dinâmica. Enquanto isso, **B**, **R** e **M1** permanecem sentados e escrevendo. **M1** fala com a professora sobre a dinâmica da atividade.

13:37h – **B** está brincando com a caveira e a professora pega e guarda.

A professora inicia de fato a atividade, contando a história “A boa sopa”.

Enquanto a professora lê a história, **R**, **B** e **M1**, prestam atenção na história.

A professora pede para alguém fazer um resumo da história e **M1** propõe a professora, que dá permissão para que ele fale e ele começa a falar da história com a ajuda da professora. Depois a professora deixa outro aluno continuar, mais **M1** continua querendo falar e levantando a mão. Mas a professora não deixa falar novamente então ele desiste e vira de costas. **R** não levanta a mão e não se interessa em participar. **B** levanta a mão uma vez, mas não é escolhido então desiste de participar.

13:47h – A professora vem até a observadora e fala sobre o **M1**. Diz que ele é o maior caso de indisciplina dela, porém, ela explica que isso acontece porque ele tem diagnóstico de hiperatividade e não está tomando seu medicamento (ritalina). Diz também que por conta da falta do remédio ele não consegue se concentrar, nem fazer as atividades, mas quando ele tomava o remédio e tinha acompanhamento da SORRI ele era mais calmo e realizava normalmente as atividades com concentração.

Os companheiros de atividades de **M1**, **B** e **R** são os que estão escrevendo. Enquanto os três estão sem ajudar, sem fazer nada.

M1 fica andando pela sala, debruçando sobre a mesa, conversando com os colegas do lado, pegando ponta de lápis no chão, cantando e dançando no meio da sala.

R se mantém sentado conversando com os amigos do lado, mas sem gritar, sem maiores problemas.

B não ajuda o colega, fica conversando com os colegas do lado, debruçando sobre a mesa.

Às 13:56h **B** pega a folha e começa a escrever, a ajudar o amigo. Enquanto **B** estava escrevendo, **M1** vem até sua mesa e o atrapalha, começa a conversar e **B** para a atividade. Em seguida **B** levanta e vai até a mesa de outro amigo para conversar, mas logo volta e retoma atividade. Enquanto **M1** e **B** continuam conversando e brincando, cada um no seu lugar.

A professora pede para **R** parar de brincar e fazer a atividade, mas ele não para. **B** ainda está concentrado fazendo a atividade, mas **M1** não para de conversar. Conversa com vários alunos, vai até a mesa deles ou fica sentado conversando com o colega do lado.

R se levanta e começa a brincar com os colegas. Enquanto isso a professora passa nas mesas para ajudar os alunos.

14:01h – A sala toda conversa bastante.

M1 vem até a observadora e pergunta a hora. A observadora responde, ele agradece e volta para o lugar contando para os colegas.

14:11h – Os três alunos estão nos seus lugares conversando, assim como a maioria da sala.

14:12h – Uma funcionária vem até a porta da sala para falar, a professora e **M1** vai conversar com ela.

14:13h – **M1** está andando pela sala, a professora pega-o e coloca-o sentado. Dá a folha de atividade para ele e ele começa a escrever. Ele faz a atividade por pouco tempo, mais ou menos 1 minuto, logo para, devolve a folha para o companheiro e começa a brincar com a borracha. Em seguida começa a andar pela sala, a professora chama seu nome, ele volta para mesa. Quando se senta ele pergunta para o colega “cadê minha folha?”. O colega dá a folha

para ele. Ele continua brincando, mas em seguida volta a escrever. Para pra conversar, mas volta fazer, várias vezes.

14:19h – Enquanto isso a professora continua passando pelas mesas ajudando na atividade e a sala conversa bastante e se levantam muitas vezes, intercalando com momentos de produção. Os três alunos se mantém sentados e conversando. Às vezes levantam para conversar mais logo retornam.

A voz do **M1** destaca do restante da turma, apesar de todos estarem conversando, ele se destaca, pois fala muito alto.

M1 é muito simpático e solícito, se propõe a ajudar sempre.

14:33h – Os alunos foram para o lanche.

14:56h – Eles retornam do intervalo e voltam para a sala. O retorno é tranquilo.

Na hora do intervalo os alunos fazem o lanche com os outros 3ºs anos e 4ºs anos. Eles se dividem entre o pátio, a quadra e o refeitório, durante o intervalo a observadora ficou andando entre o pátio e o refeitório. **M1** correu bastante e brincou. **B** às vezes corria, às vezes ficava parado conversando e **R** se manteve calmo.

14:59h – A professora recolhe as atividade de redação. Os alunos (sala) se matem sentados e conversando. De repente a professora pede para alguém lava o pano para limpar a lousa e **M1** se oferece e sai para lavar.

A professora troca **B** de lugar com **R**, **B** reclama, mas trocam numa boa.

15:01h – A professora de Educação Física entra na sala e começa a explicar a dança que eles vão aprender (Dança Tribo Kayapó). A professora diz que hoje é dia de aula dirigida.

15:04h – Os alunos saem para ir na quadra, divididos em filas de meninos e meninas.

A professora pede para os alunos se sentarem em círculos em um espaço ao lado da quadra. Todos se sentam, mas **M1**, **R** e mais três colegas desobedecem e pegam uma bola para jogar futebol. A professora pede para guardarem a bola, todos param de jogar e vão para o círculo, mas o aluno **L** se nega a parar de jogar e fica mais tempo com a bola. Depois de um tempo ele guarda a bola e vai para o círculo.

A professora apresenta a música para eles.

Já em círculo estão todos sentados. Porém, os alunos **B**, **C** e **M3** permaneceram em pé.

15:10h – A professora começa a ensinar os passos da dança. Divididos entre meninos e meninas. **R** participa da atividade. **M1** ficou bastante tempo sentado atrás da árvore.

Vários alunos vieram conversar com a observadora durante a dança.

Pergunto para **C** onde está **M1**, pois não conseguia vê-lo e **C** responde: “ele é doidão”.

B, **M1** e outros alunos se negam a fazer.

Ele vai até a lousa mais três vezes pega o giz, mas a professora diz que todos vão falar o resultado juntos. A professora pede para **M1** responder oralmente o desafio ($2 \times 5 + 3 \times 1 =$) e **M1** responde corretamente.

16:12h – A professora termina a atividade da torradinha com a correção coletiva e inicia uma nova atividade, a lista de exercícios. Entrega uma lista para cada aluno.

Todos os alunos estão sentados e **M1** está em pé. A professora chama sua atenção e pede para ele sentar. Ao sentar ela diz que vai dar uma última chance para ele fazer as atividades, senão irá mandá-lo para fazer na diretoria. Pede também para ele se controlar, pois está falando alto e atrapalhando os colegas.

16:17h – Os alunos começam a fazer a lista de exercícios, alguns alunos vão até a professora para tirar dúvidas, outros levantam para apontar o lápis. Em seguida todos se sentam e fazem a atividade em silêncio. Enquanto isso a professora ajuda **M1** a fazer o exercício.

16:21h – Os alunos continuam realizando a atividade alguns conversam baixinho, outros vão até a professora para tirar dúvida e a professora continua ao lado de **M1**, o auxiliando. **R** e **B** estão em silêncio fazendo a atividade.

16:26h – **M1** levanta com um doce na mão e joga por cima da cabeça de **E**, mas pede desculpa. Mesmo assim o colega dá um chute nele. A professora estava de costas e não viu. Depois do chute **M1** pediu desculpas e se sentou, o amigo também.

Os alunos permanecem fazendo o trabalho e falando baixo. **R** e **B** estão trabalhando. **M1** está comendo doce. Em seguida começa a trabalhar também. A professora continua auxiliando os alunos.

16:33h – Os alunos que vão terminando, levam para a professora corrigir na mesa dela. Enquanto isso, **M1** anda pela sala, **C** mexe no armário, **R** e **B** fazem a atividade. **M1** senta e começa a brincar com o amigo ao lado.

16:37h – **R** vem mostrar sua atividade para a observadora. Ele mostra orgulhoso, pois está quase terminando. Logo em seguida volta para me pedir ajuda e eu auxilio.

16:42h – Os alunos continuam trabalhando. **B** e **M1** estão brincando em seus lugares.

16:50h – A professora coloca **M1** sentado na mesa dela para que ele se concentre e faça a atividade. Alguns alunos terminam as atividades e pegam livro para leitura.

17:02h – A professora começa a explicar a atividade em voz alta. **M1** a atrapalha várias vezes, falando alto e andando pela sala.

Alguns alunos não prestam atenção na explicação, dentre eles: **M1**, **C**, **M3** e **R**.

17:08h – Alguns alunos fazem atividade, outros leem e outros conversam.

M1 só faz a atividade quando a professora ajuda. Quando ela sai, ele anda, conversa, chama o **B** e mexe nas coisas da mesa da professora. Grita bastante também.

17:13h – A professora passa a tarefa na lousa e explica.

Tarefa

1- *Resolva a tabuada. P. 113 (Ler e Escrever).*

17:17h – Alguns alunos ainda não terminaram as atividades e a professora ajuda-os a terminar. Outros alunos leem. Outros conversam. Outros estão em pé. E **M1** está “patinando” e convidando os amigos para “patinarem”.

B conversa e tenta terminar a atividade, **R** se concentra na atividade.

17:22h – A professora pede para devolver os livros de leitura e as folhas de atividade. Os alunos ficam agitados e começam a guardar o material. **M1** continua “patinando”. A professora pergunta se **M1** copiou a tarefa e ele diz que não tem caderno de tarefa. Ela sugere que ele copie no caderno de sala e ele fala “NÃO”. Ela insiste e ele diz não novamente, porque o caderno não é de tarefa. Em seguida ele volta a “patinar”.

17:26h – A professora chama os alunos para fazerem fila e ir embora. Os alunos vão pegando a bolsa e indo para fila. **M1** continua patinando e em seguida vai apagar a lousa. A professora faz **M1** voltar para copiar a tarefa. Ele senta e começa a copiar.

- 10 de setembro – terça-feira - 2º dia de observação – 33 alunos

Não teve fila, nem oração como no primeiro dia.

13:00h – Os alunos entram na sala, mas a professora ainda não chegou. Eles estão muito agitados. Estão correndo pela sala, batendo um no outro, xingando (**B**), jogando o apagador. **M1** chega e causa alvoroço entre os colegas com uma cartinha que ele diz ter sido escrita pela sua namorada.

13:04h – A professora chega, guarda seu material e começa a trocar alguns alunos de lugar. **M1** permanece gritando e falando sobre a carta. Assim como outros alunos que estão conversando e andando pela sala.

Os alunos não têm lugares fixos, eles escolhem o lugar todo dia quando chegam. Porém, a professora troca alguns de lugar, ela não especifica o por que.

Ontem foi realizada a entrevista com a professora da sala e ela indicou alguns alunos como indisciplinados: **M1**, **B** e **P**.

13:10h – **M1** pede para ir ao banheiro e a professora permite.

P não foi observado no 1º dia, pois a entrevista com a professora da sala não havia sido realizada.

13:13h – A professora começa a passar a rotina na lousa:

Bauru, 10 de setembro de 2013

Rotina

1- *Leitura;*

2- *Matemática;*

3- *Arte;*

4- *Lanche;*

5- *Educação Física;*

6- *Português;*

7- *Saída.*

13:16h – A professora está explicando sobre a viagem que a sala irá fazer. Enquanto isso **M1** fala sozinho sobre a carta da namorada, beija a carta e anda pela sala com a carta abraçada.

M2 mantém-se sentado em silêncio. Assim como **B**.

P mexe em sua pasta e conversa com o colega. Vira as costas e mexe com **G**. Depois se vira e brinca com o apontador e a pasta. **B** começa a brincar com outra pasta, fazendo companhia para **P**. **R** permanece sentado conversando, levanta-se, para falar com um colega, mas logo volta para o lugar.

13:22h – **M1** e **P** andam pela sala e conversam junto com mais dois alunos.

A professora começa a ler um livro e **M1** começa a chamá-la, ao ser ignorado ele desiste.

P e **B** continuam brincando e conversando.

M1 interrompe a professora e **M2** o chama de “bundão”. **M1** fala: “bundão é você! Vem aqui lutar!” E os dois ficam discutindo.

A professora começa a ler a história e **M1** se oferece para buscar o microfone para ela. A professora diz que não precisa e ele responde: “Que bosta! Assim não dá pra ouvir!”.

Enquanto a professora lê a história, **M2** conversa com a colega, **M1** não presta atenção, levanta, mexe com o amigo, brinca com o que tem na mesa, etc. **B** se matem

quieto sentado e ouvindo a história, assim como **R**. **P** hora presta atenção na história, hora brinca com garrafinha em sua mesa.

13:30h – A professora ainda lê a história, quando **P** levanta vai até à mesa do amigo para apontar um lápis.

M2 começa a chamar o amigo para conversar. A professora para a história e pergunta se ele quer conversar lá fora. A professora continua lendo a história e a sala interage com ela. A sala está tranquila.

13:36h – A observadora levanta-se para trocar a cadeira e **M1** oferece para ajudar. Ainda durante a história... **P** brinca com a garrafa, **R** brinca com a borracha, **M2** brinca com o lápis e **M1** morde a régua, porém todos em silêncio. Eles intercalam as brincadeiras com atenção à história.

A professora pergunta a sala qual foi a moral da história e **M1** responde. Logo em seguida os colegas começam a ajudá-lo na resposta.

13:47h – **M1** pede para beber água e a professora não deixa. Ele anda um pouco pela sala e depois se senta conversando com o colega do lado.

A professora começa ditar palavras da história para os alunos escreverem. **B**, **R** e **P** participam da atividade. Porém **M1** e **M2** não. **M1** além de não participar, fica andando pela sala e gritando.

13:52h – A professora chama alguns alunos para escreverem as palavras na lousa e ajudar na correção. **M1** continua andando pela sala. **M2**, **B**, **P** e **R** observam a correção.

13:55h – A professora de arte entra na sala e pede para os alunos formarem os grupos que eles estão habituados.

Os alunos ficam bastante agitados e demoram a se organizarem. Aparentemente eles não sabem se organizar dessa forma. Os alunos estão bastante confusos e agitados. A professora da sala entra para ajudar.

A professora de arte grita bastante. Os alunos não conseguem se organizar, o clima fica tenso, a sala bagunçada. A professora de arte continua gritando e a professora da sala tenta ajudar organizando os grupos a partir de uma lista de nomes. A observadora também levanta-se e ajuda na organização.

14:11h – os grupos enfim se organizam. **M1** é o único que se mantém em pé, mas logo se senta.

Os alunos estão conversando nos grupos, uns sobre o trabalho, outros sobre assuntos paralelos. A professora de arte tenta falar e grita para que seja ouvida.

Os alunos começam a discutir o que fazer no trabalho dentro de cada grupo. O som da conversa é alto, mas estão produzindo. A professora de arte os manda ficarem quietos e trabalharem.

De repente **P** dá um grito muito alto com **M1**, pois ele pegou a folha do trabalho. **M2**, **M1** e **P** estão no mesmo grupo de trabalho. **R** e **B** em grupos distintos.

14:20h – Os alunos estão todos sentados e fazendo o desenho do projeto indígena.

M1, **M2** e **P** estão participando ativamente da atividade. O barulho de conversa é alto, alguns alunos estão gritando.

A professora de arte não tem muita paciência. Ao ser questionada sobre o trabalho ela responde com um pouco de grosseria. Bem diferente da professora da sala que é paciente, calma, fala pausadamente e baixo.

M1 e **M2** discutem bastante durante o trabalho até se xingam.

A professora de arte havia dado alguns desenhos na lousa como exemplo.

14:33h – Ela começa a retirá-los e avisa os alunos que é hora do intervalo. Os alunos saem para o intervalo, alguns correndo, outros não.

Durante a aula toda, os alunos conversaram bastante e alto. O barulho foi constante.

14:56h – Os alunos retornam do intervalo e sentam nos grupos.

Na hora do intervalo **B**, **M1**, **M2**, **R** e **P** se comportaram como a maioria dos outros alunos. Comeram seus lanches, brincaram, conversaram, tudo normalmente.

Ao tocar o sinal do fim do intervalo formaram uma fila, como todas as outras salas, em seguida a professora da sala foi buscá-los e eles voltaram para a sala. Ao voltar para a sala a professora foi pedindo para desfazerem os grupos aos poucos e formando fileira por fileira. Ela os organizou em duplas.

Na hora do intervalo tinha mesa de pebolim e futebol com moeda no tabuleiro.

15:01h – A professora de Educação Física chegou, os alunos ainda estão agitados, conversando e andando pela sala.

A professora de Educação Física começa a falar e os alunos se acalmam.

A professora começa a falar dos comportamentos ruins que não devem se repetir, por exemplo: bater, xingar, jogar “coquinho” nos amigos, passar o pé nos amigos, etc. Ela relembra algumas regras de convivência. Enquanto a professora fala todos os alunos se mantêm sentados e a maioria em silêncio.

A professora deixa alguns alunos na sala por um período sem fazer a aula. Dentre eles **B**, **M1**, **T**, **M3**, **C** e **L**. **M1** chora muito, fica irritado e dá socos na janela.

A professora da sala fica com os alunos que ficaram e ela pergunta o por que eles receberam essa punição e eles contaram o que aconteceu na aula anterior de Educação Física.

15:10h – O restante da sala vai para a quadra e em círculo começam o alongamento, todos participam, exceto os alunos que ficaram na sala por punição.

Hoje é dia de aula livre, a aula passada foi dirigida (dança indígena). A aula se constitui de vários espaços de brincadeiras. Futebol (chute a gol), peteca, basquete, livros para ler, papéis para desenhar, giz para escrever no chão da quadra, corda, pingue-pongue.

15:20h – Os alunos punidos começam a chegar na quadra.

B, M1, M2, R e P estão jogando futebol com outros colegas.

As crianças ainda não sabem jogar futebol muito bem, o jogo ainda é confuso e “embolado”, o que causa muita briga e discussão entre eles.

15:28h – A professora para o jogo de futebol e sugere que eles se dividam em dois grupos para diminuir a confusão, mas eles não aceitam a sugestão e continuam como estavam.

15:36h – A professora interrompe outra vez o jogo por causa das discussões. A briga continuou, a professora parou o jogo, pediu para todos sentarem e pediu para três meninas que estavam jogando, escolheram 3 times, assim diminuía o número de pessoas por time.

Depois da nova formação dos times, **R** foi o único que se negou a continuar jogando. Levantou-se e sentou sozinho no canto da arquibancada.

O time de **B** e **M1** ficaram aguardando os outros dois times jogarem. **B** ficou bravo por não ser o primeiro a jogar e falou palavrões.

Minutos depois o time de **P** saiu para o outro entrar. Tudo ocorreu numa boa.

15:42h – **R** brinca de búrca com um colega. O jogo corre normalmente, e as 15:47h **R** senta para assistir o jogo. Logo em seguida ele pega uma bola e invade o campo chutando a bola para o gol.

A professora pede para recolher os materiais, pois a aula acabou. (15:49h).

Os alunos guardam o material e fazem a fila para ir beber água. **M1** saiu correndo na frente e a professora diz que se ele não voltar vai ficar na sala a aula que vem. Porém, **P** e **S** também estavam fora da fila e adiantados, mas ela não advertiu.

15:52h – Os alunos voltam para sala. A professora da sala já está passando uma atividade na lousa.

1 – Jogo Stop Matemático:

<i>Número</i>	<i>+ 10</i>	<i>+5</i>	<i>-5</i>	<i>X2</i>

Assim que todos os alunos voltam, a professora retoma a correção do ditado. **P** e **M1** voltam bem agitados, ficam andando pela sala. **B**, **R** e **M1** assim que chegaram se sentaram e ficaram em silêncio.

16:01h – Todos os alunos sentados e a professora está explicando atividade, mas **M1** está andando pela sala. A professora pede para **M1** sentar, ele senta e começa a brincar com a borracha.

Ao fim da explicação a professora pergunta “tudo bem?” e **M1** responde: “Não!”. Professora: “Por quê?” Ele responde: “Porque eu não vou fazer! Não quero! Quero continuar brincando”.

A professora diz que ele só se comportou até então porque estava interessado em jogar, assim que ele conseguiu o que queria ele mudou seu comportamento. A professora disse que se ele não realizasse a atividade ele iria lá fora para fazer com a secretária e ele respondeu: “A ... (nome da secretária) é chata, e quero que ela morra!”.

Em seguida a professora voltou a explicar a atividade e **M1** ficou gritando e atrapalhando ela.

B, **R**, **P** e **M2** estavam sentados em silêncio.

Os alunos começaram a fazer a atividade, todos estavam fazendo, inclusive **M1**. Só **M2** não estava fazendo.

A professora disse as regras da atividade e **M1** questionou todas, não aceitou as regras.

16:17h – Todos os alunos participam da atividade, e respeitam as regras da mesma.

As regras são: a professora coloca o numero na lousa e depois da 1ª criança falar stop, as outras tem mais 1 minuto para fazer. Ao fim de 1 minuto a professora corrige em conjunto com a sala.

16:21h – **M1** começa a batuca na mesa, a professora pede para parar ele continua. A atividade é retomada e ele para de batucar.

M2 se levanta e começa a mexer nas coisas da amiga. Em seguida senta no chão e fica sentado lá por 6 minutos.

16:24h – **M1** volta a batucar e gritar.

16:25h – **P** e **M1** levantam para conversar mas logo voltam a sentar.

A professora troca de atividade, enquanto isso a sala fala bastante.

A professora pede para **M2** levantar do chão e guardar o brinquedo que ele estava na mão.

16:31h – **M1** se arrasta pelo chão e mexe com os colegas enquanto o restante da sala está sentado. Uns fazem a atividade e outros conversam.

Atividade:

2 – Calcule as adições e subtrações:

a) 430

+230

b) 390

+270

M1 está brincando com a borracha e a professora guarda a borracha dele, em seguida ele a desafia dizendo:

“Pode guardar! Eu tenho um monte dessas em casa, vou trazer todas! E eu quero matar uma pessoa. Não preciso disso (borracha), eu tenho isso (lápiz)”.

16:36h – A maioria das crianças estão fazendo atividade. **M2** está parado, sentado, sem fazer nada. **M1** está brincando e andando pela sala.

De repente **R** arremessa uma borracha na lousa.

Vários alunos levantam do lugar e conversam, dentre eles **B** e **P**.

M1 fala sem parar! Sozinho e com um colega.

A professora se aproxima de **M1** para que ele faça a atividade e ele diz que só vai fazer as contas de mais.

16:41h – Os alunos que vão terminando, pegam um livro para ler, enquanto os outros terminam.

Vários alunos andam pela sala e conversam, dentre eles **B** e **M1**.

Um amigo joga uma borracha para cima, **M1** pega a borracha e leva para a professora dizendo que acertou na cabeça dele (mas é mentira).

16:48h – **M1** pede ajuda, mas como a professora está ocupada com outro aluno ela pede para a amiga **V** ajudar. **V** faz cara feia, insatisfeita com a ordem da professora. Mesmo assim ela ajuda.

A professora começa a correção e pede para um aluno de cada vez ajudá-la. Todos os alunos permanecem sentados.

M1 começa a falar junto com o colega atrapalhando a correção. Quando a professora o chama para ajudar na correção ele diz que não sabe. A professora chama outro aluno e ele continua gritando e atrapalhando. Ela dá outra chance para ele falar, com a ajuda dela ele responde a correção.

16:58h – A professora pede para abrir o livro de português na página 16. Alguns alunos andam pela sala e conversam.

M2 joga um pedaço de borracha no amigo. A professora o adverte e guarda borracha dele.

As crianças se sentam e a maioria presta atenção no que a professora está explicando da atividade, mas **M1** se mantém em pé. A professora diz que se os alunos não pararem de falar para que eles possam ouvir música “O Leãozinho”, vai se preciso ficar até mais tarde. E **M1** responde: “Eu não! Eu vou embora”.

A professora coloca a música e pede para acompanharem no livro a letra. Os alunos ficam em silêncio e acompanham. **R** e **M2** não acompanham. **M1** continua alheio á aula, brincando.

17:09h – Os alunos escrevem. Só **M2** e **M1** não estão escrevendo e fazendo a atividade.

C está fazendo a atividade e **M1** joga um pedaço de borracha na nuca dele. **C** fica bravo e ele diz que não fez nada, responde: “O que?”

M1 continua brincando, enquanto os outros alunos participam da atividade. Mas ao ser questionado sobre a música ele sabe responder.

M2 fica sem participar, mas fica quieto sentado.

17:22h – A professora encerra a atividade e pede para guardarem o material. Em seguida a sala canta parabéns para **U**.

Os alunos ficam bem agitados, principalmente **M1**. O sinal toca, a professora pede para arrumar as cadeiras e deixa sair uma fileira de cada vez.

- 11 de setembro – Quarta-feira – 3º dia – 32 alunos

12:55h – O portão da escola se abre e os alunos começam a entrar. O 3º ano não faz fila como as outras salas, eles entram direto para a sala. Conforme vão adentrando a sala eles colocam as mochilas nas carteiras e começam a correr pela sala. Eles correm, sobem um em cima do outro, batem na cabeça um do outro, gritam, brincam de pega-pega, derrubam as cadeiras, fazem uma grande bagunça. Dentre os alunos estão: **B**, **R**, **P** e **M1**.

13:05h – A professora de Arte chega e começa a gritar na porta, falando da atividade que vão realizar lá no pátio sobre o projeto indígena. Ainda da porta, gritando, ela chama os grupos por número e aos poucos os grupos vão indo para o pátio. Mesmo com a presença da professora de arte, o barulho continua, não mais a bagunça.

13:12h – Os alunos se deslocam para um espaço à frente da escola, atrás de um bloco de salas. Lá os grupos são divididos e são entregues alguns pedaços grandes de madeira para que eles façam desenhos rupestres, de acordo com o tema.

M2 faltou novamente.

13:18h – **M1** pede para ir beber água e a professora de arte deixa.

A professora da sala e o professor de Antropologia auxiliam também na atividade.

M1 discute com a colega porque ele quer ficar com o pincel (não tem pincel para todos os alunos).

Todos os alunos estão participando ativamente da atividade. Alguns em pé, outros sentados, mas todos em volta do trabalho. A conversa é constante, porém produtiva, pois estão discutindo sobre o trabalho.

Não há madeira para todos, eles dividem o espaço e trabalham em conjunto. A maioria lida bem com o trabalho, fazem sozinhos. A professora de arte sempre que fala, grita bastante.

A maioria dos alunos estão fazendo desenhos específicos com base no rascunho da aula anterior, mas **M1** prefere pintar a placa de madeira, sem desenho definido. A professora da sala intervém e sugere que ele faça o contorno do desenho, ele aceita a sugestão.

B, **P** e **R** trabalham em conjunto tranquilamente.

A professora de arte se aproxima e eu começo a conversar sobre a atividade com ela. Ela diz: “Você viu? Até essa coisinha que dá trabalho está fazendo”. (Se referindo a **M1**).

Eu respondo: “É verdade, todos estão participando”. E ela diz: “É, mas não dá para fazer atividade diferente assim sempre”.

13:50h – Acaba a atividade de arte e os alunos começam a voltar para a sala. Antes eles ajudam a organizar o espaço e jogar o lixo, ao entrar na sala os alunos vão se sentando, mas conversando bem alto. O professor de Antropologia pede a atenção deles diversas vezes e eles demoram a prestar atenção do professor. Os alunos estão dispostos em duplas.

14:01h – A professora começa a falar a respeito do filme que irão assistir hoje. Ela explica o porquê e dá oportunidade dos alunos falarem o que sabem também. (a professora tem o hábito de deixar as crianças darem sua opinião, eles têm muitas chances de falarem e discutirem diversos assuntos). A regra é levantar a mão e falar um de cada vez, na maioria das vezes todos respeitam.

14:06h – A professora pede para eles pegarem o caderno de português e começa a passar a rotina na lousa:

Português

Bauru, 11 de setembro de 2013.

1 – Arte – Pintura rupestre;

2 – Português – Leitura;

3 – Lanche;

4 – Filme: Os Croods – Família pré-histórica;

5 – Matemática;

6 – Saída.

Hoje **M1** trouxe um brinquedo, um passarinho de pelúcia. Enquanto a professora conversa com a sala e todos os alunos estão sentados, **M1** está em pé brincando com o brinquedo. A professora para e pega o brinquedo dele, em seguida guarda e continua sua fala.

A professora mostra uma matéria de revista sobre O.V.N.I. e todos se mantêm sentados, prestando atenção.

A professora acaba sua fala e os alunos começam a conversar e a andar pela sala. **M1** também se levanta para conversar. A professora dá a revista para os alunos verem um de cada vez, um amigo começa e **M1** vai até a mesa dele para ver também. A professora pede para ele sentar porque ela vai começar a leitura e diz a ele que depois ele vai ver a revista também. Ele responde: “Não! Vou ver agora!” cruza os braços e fica parado ao lado da revista. A professora insiste mais duas vezes e ele se nega, dizendo que vai ver agora. Frente à negação dele, a professora guarda a revista e diz que depois passa-a novamente. Depois que a professora guarda a revista **M1** se senta.

14:24h – Enquanto a professora lê a história alguns alunos prestam atenção e outros não. Dentre os que não prestam atenção, estão: **B**, **M1** e **R**.

M1 e **R** estão sentados juntos, em dupla.

A professora começa a ditar palavras do texto e **M1** é o único que não está escrevendo. A professora pede para ele abrir o caderno e ele finge que não ouve e não abre.

Novamente a professora pede para ele abrir o caderno, dizendo que se ele não abrir, não vai assistir ao filme. Mesmo assim ele fala “não” e não abre o caderno. Continua brincando. Em seguida levanta-se e se distrai andando pela sala.

13:30h – Os alunos estão sentados, conversando e acompanhando a correção na lousa, mas **M1** continua em pé, andando e “girando”.

Os alunos saem para o intervalo (13:32h). Durante o intervalo **B**, **M1**, **P** e **R** se comportaram como a maioria dos outros meninos da sala.

M1 passou a maior parte do lanche sentado, jogando futebol no tabuleiro. **P** e **R** a maior parte do tempo ficaram correndo e brincando de pega-pega. **B** hora corria, hora ficava parado conversando e comendo. Todos eles tomaram seus lanches.

14:55h – A professora leva os alunos para sala de aula para conversar a respeito da atividade do vídeo.

15:03h – Os alunos entram na sala de vídeo. Eles entram correndo e juntam as cadeiras umas próximas a outras. A professora pede para que eles organizem as cadeiras em fileiras. Os alunos têm um pouco de dificuldade para organizar. Por isso as cadeiras ainda ficam um pouco amontoadas. A professora troca alguns alunos de lugar.

Noto que **M1** não está entre os alunos e pergunto para professora onde ele está. A professora diz que ele está na diretoria. Enquanto a professora coloca o filme, os alunos conversam e brincam.

Ao iniciar o filme a conversa diminui, mas alguns alunos ainda continuam falando.

15:17h – **P**, **B** e **R** prestam atenção no filme.

15:35h – Fui procurar **M1** na diretoria e ele estava sentado próximo a secretaria fazendo exercícios de matemática. Perguntei a ele porque estava lá e ele respondeu: “Porque eu não queria piscar (segurou os olhos abertos com o dedo) e a professora fica brava comigo”.

Durante o filme as crianças conversaram um pouco e mexeram as cadeiras. **P** não se distraiu nem por um momento, prestou atenção no filme o tempo todo, ele estava sentado na primeira fileira.

R conversou diversas vezes e a professora chamou sua atenção. **B** conversou poucas vezes. Tanto **R** como **B** estava sentados na penúltima fileira. A todo o momento tinha alguma criança falando.

15:48h – **R** troca de lugar. Mesmo trocando de lugar, ele continua conversando.

16:00h – Os alunos começam a pedir para ir ao banheiro e beber água. A professora deixa os dois primeiros irem, os outros não.

16:05h – Aparentemente as crianças começam a ficar impacientes, a conversa aumenta por parte de todos da sala, a brincadeira também.

16:13h – A frequência de pedidos para ir ao banheiro também aumenta, mas a professora não deixa;

16:33h – **M1** entra na sala de vídeo e pergunta algo em relação as atividades. A professora responde e ele sai. Minutos depois ele retorna, provavelmente já terminou os exercícios. Ele senta-se ao lado da professora para assistir o filme.

16:40h – **R** brinca com outros colegas de fazer barulho de pum com o braço.

16:43h – O filme acaba.

Durante o tempo que **M1** assistiu ao filme, ele manteve-se quieto e atento. Assim que o filme acabou, **M1** veio até mim e disse: “Eu assisti metade do filme!”. Eu : “viu que legal?”. “Você terminou as atividades”. Ele disse: “Não, só uma”. E eu dei os parabéns à ele.

Os alunos saem da sala de vídeo e vão beber água e ir ao banheiro. **B** e **P** se chutam lá fora. Os dois entram na sala correndo um atrás do outro, junto com **T** e dão socos um no outro.

A professora fica brava com ele, diz que não vai mais tolerar xingos, agressividade e socos da parte deles. Ela pede para chamar a coordenadora.

16:55h – A professora inicia a aula, todos os alunos estão na sala, menos **M1**. Então ela percebe sua falta. Ela sai para procurá-lo e ele está jogando futebol. A professora trás ele para sala e ele entra dizendo que o jogo estava muito legal. **M1** ficou ausente por volta de 10 minutos.

A coordenadora levou **B**, **P** e **T** para conversar.

A professora inicia uma redação coletiva na lousa sobre o filme. Os alunos começam a dar ideias para o texto e **M1** fala: “Eu não vou falar nada, porque eu não entendi nada. Só assisti metade do filme”.

Todos os alunos copiam o texto da lousa, inclusive **M1** e **R**, porém eles não ajudam nas ideias como os outros alunos.

17:14h – **M1** fala de novo que não viu o filme e a professora diz que vai emprestar para ele assistir em casa.

Desde que chegou ele manteve-se sentado e realizando as atividades.

17:18 – **M1** entrega o “diário de bordo” (caderno que as crianças relatam sobre suas viagens e experiências) para a professora e diz que já escreveu. Na verdade ele deveria ter levado para casa e escrito lá, porém ele já fez na sala. A professora pega o caderno e lê para a sala. Ele escreveu muito bem.

Em seguida a professora diz que os alunos podem guardar o material e eles ficam um pouco agitados.

A professora fala que vai entregar gibis para a tarefa e outros ainda copiam o texto. **P**, **B** e **T** voltam para a sala e começam a copiar.

17:24h – Os alunos estão agitados esperando bater o sinal para ir embora. A professora começa a chamar os alunos que já guardaram o material para formar a fila para ir embora.

O sinal bate e aos poucos todos vão saindo.

P vai até a porta e grita para professora que ele já terminou, mas ela tinha saído para levar parte da turma ao portão. Ele volta para sala falando palavrão.

Em seguida a professora volta e espera todos saírem.

Perguntei à professora porque **M1** foi para diretoria e ela disse que foi porque ele arrumou confusão na entrada do recreio e porque atrapalhou na sala de aula.

- 12 de setembro – Quinta-feira – 4º dia – 33 alunos

Na entrada os alunos se organizaram em fila na quadra (todos da escola) e cantaram o hino nacional com a bandeira hasteada. Também rezaram o Pai nosso.

13:15h – O 3º ano entra na sala. Os alunos começam a escolher seus lugares, eles estão dispostos em duplas. Assim que os alunos se ajeitam a professora faz algumas mudanças de lugares. Inclusive muda **M1**, coloca-o na primeira carteira, de frente para a mesa dela e diz: “senta aqui para você se concentrar melhor”.

13:21h – A professora começa a escrever na lousa. Os alunos estão agitados.

Bauru, 12 de setembro de 2013

Rotina

1 – Leitura;

2 – Projeto Brasil Indígena;

3 – Português;

4 – Lanche;

5 – Matemática;

6 – Saída.

Uma fileira da sala está com carteiras individuais, devido a organização feita por outra turma. Nesta fileira estão sentados **B** e **P**, ou seja, eles estão sozinhos e não em duplas.

13:27h – O professor de Antropologia entra na sala para conversar a respeito do projeto indígena.

13:30h – **M2** entra na sala, ele não havia entrado ainda. Ele chega com uma inspetora que chama a aluna **S** para ele pedir desculpas por ter batido nela. **M2** estava na diretoria até então, por causa da agressão, um pouco bravo, mas pede desculpas e se senta em dupla.

O professor coordena as apresentações dos desenhos rupestres. Ele chamou um grupo de cada vez. Os outros alunos que assistiam não prestavam muito atenção, eles falavam junto com o grupo.

M1 e **P** falaram bem na apresentação. **R** falou pouco. **B** não falou e **M2** se negou a participar da apresentação.

13:50h – **M1** pede para ir beber água e a professora não deixa. Ela diz que ela quer fazer um combinado com ele. “Se você fizer todas as atividades você pode ir ao banheiro e beber água sempre que precisar”.

M1 se mostrou muito interessado no projeto, participou bastante.

B, **P**, **R** e **M2** brincaram bastante, não prestaram tanta atenção.

14:03h – **B** faz uma observação a respeito do projeto. Em seguida ele participa novamente. **B** mudou seu comportamento, na hora da apresentação ele não prestou atenção, mas no momento da discussão com o professor ele se interessou.

14:20h – O professor vai embora e a professora da sala começa a leitura.

A professora para o que está fazendo, para procurar **M1** que saiu para ajudar o professor e não voltou. Ela está utilizando um microfone para poupar a voz. Quando ela vai até a porta, **B**, **M2** e **P** correm para gritar no microfone. Quando a professora vê fica brava.

14:25h – A professora começa a ler. Os alunos estão todos sentados, em silêncio. Alguns brincam com o que tem na mesa. No meio da história a professora interage com eles e eles participam.

14:31h – Os alunos saem para o intervalo. Durante o intervalo, **B** tomou lanche, brincou, conversou e quase não correu. **M1** brincou de tênis de mesa e futebol. Também tomou lanche.

R comeu merenda, conversou e correu. **M2** e **P** comeram e passaram o resto do tempo correndo. Conversei com alguns alunos que fazem reforço com **M2**. Eles disseram que ele é “louquinho” e não faz nada no reforço. Falaram que ele corre o tempo todo, bate nos colegas, pega o celular da professora e sai correndo, segundo eles ninguém o aguenta. A professora da sala disse que a professora do reforço desistiu do trabalho e nunca mais voltou por conta disso.

15:00 h – Os alunos voltam para sala, se sentam e a professora começa a dar aula de Português. Ela está conversando com os alunos sobre o texto instrucional e eles estão com exemplo com esse tipo de texto. A maioria dos alunos participa, como **M1** por exemplo.

Outros brincam e estão distraídos, como **M2, R e P. B** tenta participar.

P, R, M1 e B oscilam entre distração e atenção. Porém **M2** não presta atenção em nenhum momento.

Enquanto a professora estava falando ninguém se levantou. Assim que ela fez uma pausa alguns alunos se levantaram para conversar, dentre eles **P e M1**. Assim que a professora voltou a falar, eles se sentaram e voltaram a prestar atenção na leitura e na atividade do livro didático.

A professora faz os exercícios do livro junto com os alunos, porém alguns alunos não fazem, como por exemplo, **M1 e M3**.

15:32h – **M1** hoje está bem mais calmo, ele quase não levantou, pouco conversou e participou razoavelmente das atividades.

Os alunos em geral também pouco levantaram. Estão conversando entre si, mas sem muito barulho. Estão participando das atividades e fazendo os exercícios.

M2 fica alheio à atividade, ele fez 2 exercícios de 9 com a ajuda do amigo ao lado. Não participou nenhuma vez e não presta atenção.

15:43h – **M1** se levanta, conversa com o amigo e volta para mesa. Em seguida começa a ler um gibi. Ele não fez os exercícios. **B, R e P** fizeram todos os exercícios. Mantiveram-se sentados e quase não conversaram.

15:50h – A professora troca de atividades. Os alunos se agitam, levantam e conversam. **S** reclama para a professora que **T** bateu nela. O mesmo aluno bateu em **P** ontem.

A professora volta a falar e os alunos se acalmam. Sentam e ficam em silêncio. Em seguida começam a fazer a atividade

A professora chama **M2** em sua mesa e o auxilia na atividade.

Ontem, **B, T e P** levaram bilhete para os pais falando de seus maus comportamentos.

16:03h – Os alunos continuam fazendo o exercício de português. Alguns alunos andam pela sala e outros conversam.

M2 ainda é auxiliado pela professora. **P, M1, B e R** estão sentados, trabalhando. As vezes se distraem, mas continuam fazendo.

16:15h – A professora está lendo o texto e **M2** está brincando com uma bola e andando pela sala.

16:28h – Os alunos que vão terminando a atividade pegam um livro para ler, enquanto o restante termina. Há alguns alunos andando e outros conversando. **P** está lendo gibi, **R** terminando a atividade, assim como **B**. **M2** está sentado em sua carteira brincando e **M1** não está na sala.

Pergunto à professora onde está **M1**, ela diz que ele pediu para ligar para mãe porque está com dor na cabeça e na garganta. Ele sai e não volta. Fica mais de 15 minutos fora. A professora pede para a inspetora ir buscá-lo. Quando ele chega diz que estava sentado lá fora.

16:36h – A sala está agitada. Vários alunos estão em pé para pegar livro, outros ainda terminam a atividade. **M2** se arrasta no chão e vai até a mesa do colega para conversar. A professora pede para todos sentarem, pois ela vai começar a aula de matemática.

P pega a borracha do amigo e estraga. A professora diz para ele trazer uma nova amanhã.

O barulho externo está muito alto. Foi assim na maior parte do dia.

16:45h – A professora passa o exercícios de matemática na lousa. Os alunos estão sentados copiando.

M2 não copia. **M1** também não. De repente **M2**, **P** e **M1** começam a andar e conversar, mas logo se sentam.

M3 está sentado em dupla com **M1**, ele também não está copiando. **G** é um aluno que anda bastante pela sala.

M2 levanta e pega o microfone da professora. Ela diz: “vai M2 (diz o nome dele), se você quer falar, fala! Fala e acabou”. Ele se senta e mostra o dedo do meio, não para ela, mas de costas para ela. Em seguida ela diz que na escola ele não deve fazer isso. Depois ela pede para ele pegar o livro e fazer a atividade que ela indicou.

17:05h – Enquanto os alunos fazem os exercícios, **M1** e **M3** leem uma revista. **M2** logo para a atividade que a professora deu. Começa a conversar e andar pela sala. Passa por **C** e bate nele. **P** vê, levanta e empurra **M2**. Os três ficam se “estranhando” e **M2** sai e senta. Minutos depois ele levanta novamente, passa por **C**, bate na cabeça dele e volta a sentar.

17:10h – **P** vem até a mesa de **C** e diz: “A próxima vez que o **M2** vim bater eu pego ele”. Em seguida **M2** levanta bate na cabeça de **C** de novo e **P** corre atrás dele.

17:15h – **M2** levanta e fica em volta de **P** provocando. **P** corre atrás dele e o empurra. **M2** o chama de idiota. Em seguida eles ficam se provocando.

M1, **B** e **R** se mantêm sentados. Eles quase não levantaram hoje. A professora pede para **P** e **J** ajudarem a entregar algumas pastas.

Aparentemente, **P** e **B** ficaram mais tranquilos sentados individualmente. **B** mais do que **P**.

M1 está realmente mais calmo hoje. Levantou pouco, quase nada. Quase não gritou. Conversou pouco também. Porém, a distração em relação às atividades continua.

17:20h – **P** e **G** estão em pé brincando de jogar a borracha. A sala também está um pouco agitada.

Percebi que a sala estava um pouco mais tranquila hoje do que nos outros dias, em relação ao barulho e a ficar andando.

17:25h – O sinal toca e os alunos começam a arrumar o material para ir embora. A professora pede para recolher o lixo e organizar as carteiras.

17:30h – Os alunos começam a sair para fazer fila e vão embora.

- 13 de Setembro – Sexta-Feira – 5º dia – 31 alunos

12:58h – Eu entro na sala e já há alguns alunos lá dentro. A professora ainda não está. Eles estão brincando, correndo, falando alto, etc.

As outras classes estão no pátio fazendo fila, mas o 3º ano entra direto.

13:05h – A professora chega e começa a organizar a sala. A bagunça continua.

13:10h – As crianças se acomodam. As carteiras estão dispostas em fileiras individuais. A professora troca alguns alunos de lugar, em seguida coloca a rotina na lousa e pede para que os alunos peguem o livro de matemática.

Bauru, 13 de setembro de 2013

Rotina

1 – Leitura;

2 – Correção da Tarefa;

3 – Português;

4 – Lanche;

5 – Matemática;

6 – Brincadeira;

7 – Saída.

13:13h – A professora troca **B** de lugar e coloca ele sentado na frente de sua mesa, porque ele estava discutindo com **P**.

13:20h – As crianças conversam, alguns se levantam. Mas a professora começa a ler a história. Assim que ela começa **B** a atrapalha. Mas logo se silencia e ela retoma a leitura.

Os alunos se matem sentados. Apenas **G** está andando pela sala. Alguns alunos estão prestando atenção, outros estão brincando.

13:35h – **P** brinca e conversa com **G**. **R** também conversa e brinca com **G**. **M2** está em silêncio. **B** se distrai com seu material escolar.

A professora utiliza novamente o microfone. Ela interage bastante com a classe e deixa-os falarem, inclusive durante a história.

13:40h – A professora chama atenção de **G**. Mas logo ele volta a conversar com **P** e **R**. Eles estão sentados um ao lado do outro. Porém **R** está do outro lado da sala.

13:45h – A professora para a história no meio e diz que vai continuar depois do intervalo. Em seguida ela inicia a correção na lousa em conjunto com a sala.

13:50h – A classe participa da correção, falando os resultados. **B** copia, mas não participa. **M2** não participa, nem copia. **P** copia, mas não participa. **R** copia e tenta participar.

A professora dá bronca em **C2** porque ele fala sem parar pedindo para ir ao banheiro.

Em seguida, ela termina a correção e começa a passar exercícios de matemática na lousa. **G** continua andando pela sala. A professora explica o exercício. Em seguida ela volta a escrever na lousa. A maioria dos alunos copia, alguns conversam e outros andam pela sala.

P está sentado copiando em silêncio. **R** estava conversando, ao ser advertido pela professora ele para de falar e começa a copiar.

B copia e brinca com a tesoura ao mesmo tempo, intercalando.

M2 não copia, se distrai com o que tem na mesa.

14:00h – **R** troca de lugar porque não está enxergando bem na lousa.

M2 começa a copiar da lousa.

A sala fala o tempo todo, porém copiam a atividade.

14:10h – A professora lê os exercícios e explica. Os alunos ficam em silêncio. Alguns continuam copiando, outros prestam atenção.

14:15h – A professora senta em sua mesa enquanto os alunos resolvem os exercícios. Ela diz que quem tiver dúvida pode ir até a mesa dela ou levantar a mão que ela vai até o aluno.

Durante a resolução dos exercícios alguns alunos estão em silêncio, sentados e trabalhando. Outros estão em pé e conversando, como por exemplo, **P** e **G**. E outros estão conversando, porém sentados.

14:23h – A dentista vem até a sala e retira algumas meninas para fazer a escovação. **R** fica conversando e não faz a atividade.

B está sentado, trabalhando.

M2 não faz atividade, hora conversa, hora se distrai sozinho.

P leva o caderno para a professora porque já terminou. A professora dá uma bronca nele, pois seu caderno está todo destruído.

14:28h – A dentista volta e dessa vez leva alguns meninos.

A professora pergunta se **R** já terminou de copiar e manda para seu lugar de início, pois está conversando demais.

E sai e vai até a diretoria sem falar com a professora, porque **R** está zombando dele. (Falando da menina que ele “gosta”).

A professora adverte **E** dizendo que é com ela que ele deve falar. (Daí então manda **R** para o lugar).

14:30h – Os alunos saem para o intervalo.

15:00h – As crianças voltam do intervalo. Na hora do intervalo, **B** tomou lanche e ficou conversando.

M2 tomou seu lanche sentado e depois saiu para brincar, correu um pouco. Ele quase não conversou.

P e **R** correram o tempo todo, brincando de pega-pega.

A professora trouxe um artigo de jornal para falar da sexta-feira 13, que eles já haviam discutido anteriormente.

A dentista entra na sala e enquanto a professora conversa com ela os alunos se agitam bastante, gritam e andam pela sala.

15:10h – A professora voltar a ler uma reportagem e os alunos se sentam e ficam quase todos em silêncio, prestando atenção. O barulho externo é muito alto, atrapalha muito a aula.

Todos estão sentados e conversando sobre a leitura. **M2** está em pé mexendo na mesa da professora. Também mexe com **M3** e **B**.

15:15h – A sala está bastante agitada. O barulho externo colabora para isso.

A professora pede para os alunos que terminaram fazerem um desenho. Enquanto isso ela corrige o caderno dos que estão terminando. As crianças conversam bastante e andam pela sala. **B** está copiando a atividade da lousa, assim como **R**.

P desenha e conversa com **G**.

M2 conversa com **M3**.

15:20h – **B** tenta fazer a atividade, mas **T2** vem até a mesa falar com ele, então ele se distrai e começa a conversar. **R** também conversa e não faz a atividade.

M2 anda pela sala e não faz a atividade.

15:37h – **R** e **B** estão concentrados trabalhando. **P** conversa em pé. **M2** brinca sozinho.

M3 também não fez atividade. **M2** pega uma cadeira que estava no fundo da sala e leva para perto da lousa. A professora pede para ele levar para o lugar, ele fica bravo, pega a cadeira e leva. No meio do caminho ele ameaça a bater em um amigo. Ele solta a cadeira, mas não corretamente. A professora insiste, ele fica ainda mais bravo empurra e chuta a cadeira, gritando: “Já tava assim!”. Quando chega em sua carteira ele começa a guardar o material. A professora tenta pegar o caderno que estava na mão dele dizendo que ele tem que terminar a atividade, mas ele puxa com força da mão dela e guarda o material.

Em seguida ele dá um tapa na cabeça de **L** e manda **T2** calar a boca, provavelmente eles estavam zombando dele (não consegui ouvir por causa do barulho). OBS: Fui eu quem disse à professora que **M2** pegou a cadeira. Pois ao questionar quem foi, ele não se manifestou.

15:55h – A sala está muito agitada fala bastante. E há vários alunos andando pela sala.

A professora fica brava e diz que toda hora que ela se vira começa a (andança) na sala. Em seguida os alunos se sentam, fazem silêncio e a professora volta a ler o livro do início da aula. Apesar de estarem em silêncio e sentados a maioria está distraído.

O barulho externo ainda é grande.

16:05h – A professora está lendo, as crianças dispersas, aparentemente cansadas, pois a história é bem longa.

16:15h – A professora termina a história e pede para abrir o livro de português na página 176.

B e **P** já pegaram o livro e estão acompanhando. **M2** está alheio à atividade, a professora o orienta, ele está com o livro aberto. **R** demora, mas também abre e acompanha.

16:25h – A professora está fazendo os exercícios do livro junto com a sala. Todos estão fazendo e alguns participando oralmente.

P brinca o tempo todo com a garrafinha de água.

OBS: Antes de começar a atividade a professora falou que quanto mais eles demorarem a fazer menos tempo eles iria ficar brincando.

G hoje está muito agitado, brinca, levanta, conversa o tempo todo. Mesmo assim faz as atividades.

16:35h – **R** brinca de jogar bolinha de papel no lixo e a professora fica brava. **G** e **E** brincam de jogar a borracha um para o outro.

B, **P** e **M2** estão calmos, em silêncio e fazendo a atividade.

A professora pede para eles se organizarem e guardarem o material para irem brincar. Os alunos ficam agitados.

OBS: **M2** é bastante agressivo e bravo, todas as situações ele quer resolver com a briga ou discussão.

16:45h – As crianças vão para a quadra, fazem a escolha dos times e começam a jogar queimada. Antes de entrarem o portão estava fechado e a professora foi buscar a chave. As crianças estavam bem agitadas, **P** tentou pular o portão, mas eu o impedi. Assim como impedi **B** de entrar pelo buraco do alambrado. Todos brincaram, interagiram e respeitaram a regra do jogo.

B tentava pegar a bola a todo custo, empurrava os amigos. Foi um tanto egoísta. A professora advertiu várias vezes.

R e **T** estavam brincando de “cavalinho” durante o jogo. Um subindo em cima do outro. A professora pediu para eles pararem, por hora eles pararam. Depois voltaram a fazer e a professora os advertiu.

17:20h – A professora parou o jogo e pediu para eles sentarem em círculo para que a observadora pudesse se despedir deles. Ela despedi-se e em seguida eles foram embora.